

PLÍNIO SALGADO

*Mensagem às
Pedras do
Deserto*





Digitalizado pela
Frente Integralista Brasileira no DF

MENSAGEM ÀS PEDRAS DO DESERTO

Índice

MENSAGEM AS PEDRAS DO DESERTO

Aviso às pessoas sensatas	181
Problemas de defesa nacional	185
A sexta coluna	193

408

ÍNDICE

O Inferno dos demônios vermelhos	
I — Psico-patologia do comunismo	203
II — Interpretação psicológica do marxismo russo	206
III — Fenômeno de regressão histórica	209
O diálogo dos demônios	215
O maior dos comunistas	225
A túnica jogada aos dados	233
Aos que dizem: «Os Estados Unidos não deixam...»	241
Oppenheimer e Petrov	249
Dien Bien Phu e a «Comedie Française»	261
A maior tragédia da história	265
Palavras aos surdos e aos cegos	277
A verdadeira significação do 1.º de maio	287
Os falsos partidários da paz	297
As «confissões» na Rússia Soviética	307
Ficção e realidade	317
Considerações sobre o nacionalismo	
I — Nacionalismos falsificados	325
II — O nacionalismo dos nacionalistas	333
III — O verdadeiro nacionalismo	338
Liberdade e licenciosidade	343
Propaganda para tolos	349
Idéia contra idéia	355
Como se prepara uma China	361
Muitas vozes gritarão: Socorro! e uma responderá:	
É tarde!	379
O fascinante poema de Ulisses	391

Aviso Às Pessoas Sensatas

Êste livro é perfeitamente inútil. Suas páginas não passam de discursos para surdos ou de filmes cinematográficos para cegos. Outros discursos semelhantes, outros filmes dêste gênero foram gritados ou exibidos na Polônia, na Tcheco-Eslováquia, na Hungria, na Bulgária, na Rumânia, na China. Os homens sensatos não lhes deram crédito. E a catástrofe desencadeou-se, a todos surpreendendo.

* * *

Não recomendo, portanto, êste livro, aos indivíduos que se julgam de raciocínio lógico, êsses que se jactam de possuir um equilíbrio mental absoluto. Para êles, tudo o que aqui está escrito não passa de contos da carochinha, de elucubrações de visionário ou de embuste arquitetado para iludir ignaros.

A lógica leninista, sendo uma trama de argumentos subjetivos, nada tem a ver com a lógica marxista, nem nas suas deduções aristotélicas, nem nas suas induções baconianas.

Lenine é a ilogicidade que se compendia numa nova lógica, mais nova do que a de Bacon. Procede de Sorel e alimenta-se das dissimulações das antigas políticas de Pedro, o Grande, e Catarina II.

Numa palavra: é a lógica do diabo, e o diabo não é sujeito passível de interpretação por parte de pessoas ditas sensatas, ou seja: bitoladas e formalistas. E o que se expõe neste livro não é mais do que a interpretação, ao pé da letra, da lógica de Satanás.

“A obra prima do demônio — escreve Sertilanges — consiste em ter convencido os homens de que êle não existe”. Da mesma forma, o comunismo leninista, desde as revelações e a atitude que assumiu em Zimmerwald, engendrou (para mais facilmente coordenar e conduzir as massas, os partidos, os homens de Estado, os próprios burgueses) uma técnica, socorrendo-se de aparências lógicas, porém baseando-se em realidades ilógicas, não percebidas pelos espíritos desacautelados.

Em suma: agindo sob a forma de exacerbados nacionalismos, de largos liberalismos, de ostensivo pacifismo, de justas reivindicações dos pobres, o comunismo leninista prepara e executa a destruição das Nações, a morte da liberdade e dos direitos humanos, a deflagração das guerras e a escravização total dos trabalhadores.

A sua ação direta consiste unicamente em propagar a doutrina e, um dia, desferir abertamente o golpe técnico; mas a preparação dêste se realiza atra-

vés de forças secundárias: os partidos ansiosos pela conquista da popularidade como instrumento da obtenção do Poder; as organizações proletárias comprimidas pelas dificuldades econômicas muitas vezes criadas pelo próprio comunismo; o sentimentalismo popular, que constitui, segundo Sorel, o maior dos elementos propulsores das eclosões revolucionárias.

* * *

Em tudo isso, perguntamos: onde está o comunismo? E os burgueses, os capitalistas, os políticos, os homens de bom senso respondem: em parte alguma. Quando muito dirão que o comunismo não passa de meia dúzia de idealistas sem grande eleitorado. Conclusão: não há comunismo.

Assim sendo, aqueles que afirmam a existência do comunismo, que denunciam as suas dissimulações, que revelam a sua força, que demonstram os seus planos, que dirigem avisos à Pátria ameaçada, são tidos em conta de homens fora das realidades, de indivíduos imaginativos e até mesmo de inventadores de histórias para captar adeptos ou colaboradores.

* * *

Este livro, portanto, é dedicado aos loucos.

Aos que empregam o seu tempo, as suas energias, a sua inteligência, na luta contra aquilo que os homens sensatos dizem não existir... Aos que se consomem em noites de vigília, nas insônias sagradas du-

rante as quais o espírito se atormenta ao considerar os perigos que se avolumam no horizonte de um futuro sombrio.

Aos que gastam os últimos níqueis, imprimindo livros e folhetos esclarecedores.

Aos que sustentam jornais deficitários, em cujas colunas os comerciantes e industriais não comparecem com seus anúncios, receando a represália dos comunistas, cuja existência, como perigo, êles contraditoriamente negam.

Aos que andam, de cidade em cidade, falando ao povo, uma vez que não podem dispor de recursos para falar pelo rádio.

Aos que tentam organizar, em meio à indiferença geral, algo que possa constituir o núcleo da resistência nacional na hora da catástrofe.

Aos que ouvem, freqüentemente, de seus patriotas, a frase invariável: "não tenho tempo", frase que, no fundo, parece querer significar: "isso de defender a Nação é para vagabundos, para ociosos, não para os homens sérios, que tratam de negócios e de ganhar dinheiro".

A êsses loucos, a êsses obcecados, a êsses paranoicos que velam pela honra nacional e pela dignidade humana é que eu dedico êste livro.

Quem não fôr da estirpe dêsses loucos sublimes, não leia estas páginas . . .

PLÍNIO SALGADO

PROBLEMAS DE DEFESA NACIONAL

Na equação a que se deve reduzir o problema da defesa nacional, hão de forçosamente entrar todos os termos, sem o que fôra inútil a procura do valor da incógnita que representa o índice preciso da capacidade de uma Nação.

O desenvolvimento técnico da indústria de guerra, em consequência das pesquisas científicas que, a partir de 1870, vieram aprimorando em rapidez de produção e em eficiência destrutiva o aparelhamento bélico dos povos, criou, certamente, no curso dos últimos oitenta anos, condições cada vez mais complexas no que concerne às variadas questões ofensivas e defensivas.

Pode-se dizer que, na guerra franco-prussiana, muito embora ainda predominassem nas teorias de Moltke e de Clausewitz, as idéias vigentes nas campanhas bonapartianas do comêço do século XIX, já um fator novo entrava decisivamente. E esse fator não era de caráter estritamente militar, porém nitidamente industrial: — a descoberta de novos processos de produção do aço fino, que deram aos canhões de Krupp o poder da vitória sôbre os exércitos de Napoleão III.

Revoluciona-se daí por diante tôda a indústria de fabricação não apenas das peças de artilharia, mas também dos fuzis e das armas automáticas, atingindo a poderosa eficiência das metralhadoras modernas e, como complemento, a invulnerabilidade dos couraçados e dos cruzadores, que deram novo estilo às batalhas no mar.

* * *

Mas justamente pelo fato de se condicionar às possibilidades industriais dos povos a maior ou menor capacidade, de ataque ou de defesa, de uma Nação, começa a entrar como termo impositivo na consideração do problema da guerra, o fator econômico. É claro que êsse fator nunca esteve ausente nas guerras anteriores, porém êle se equilibrava com o "valor-homem" e com os valores "estratégia" e "tática".

A partir de 1870, coincidindo o aprimoramento do aço com o dos explosivos e, ainda mais, com o fator "velocidade" conseqüente de novas aparelhagens de viaturas em terra e de barcos no mar, o coeficiente econômico passa a dominar, de modo decisivo em tudo o que se refere ao potencial bélico dos povos.

A guerra dos "boers" na África do Sul foi uma grande experiência industrial inglêsa, assim como a guerra contra a China, em 1895, constituiu a grande experiência da Europa contra a Ásia, da

qual o Japão tirou todos os ensinamentos de que precisava. E de tal forma valeu a lição que, em 1904, os nipônicos, havendo-se ocidentalizado, aplicaram os seus conhecimentos técnicos nas batalhas da Mandchúria e de Pôrto Artur, derrotando fragorosamente a Rússia.

• * * *

Atualmente, o progresso industrial das Nações, em desabalada corrida armamentista, principia a ressentir-se de um fenômeno novo na vida dos povos. O valor "homem", que nas guerras antigas predominava como elemento genuinamente bélico de ataque, levando consigo a força do espírito que se exprimia nos rasgos de heroísmo, começa de novo a levantar-se, porém sob a forma de ação nas retaguardas.

São os operários, não apenas das fábricas de indústria militar, mas também de tôdas aquelas indústrias subsidiárias de produção complementar; são os trabalhadores de transportes e meios de comunicação; e são ainda os camponeses, produtores de matérias-primas e utilidades de abastecimento, assim como os trabalhadores das minas de hulha, de ferro, de manganês, de alumínio, de petróleo, de tudo quanto se torna indispensável à condução da guerra.

Entra, pois, êsse novo elemento, na consideração dos problemas de defesa nacional. As guerras não são mais conduzidas ao sabor exclusivo dos

interesses políticos de estadistas ou dos interesses dos grupos financeiros, como sucedeu durante toda a metade do século XIX e princípios do século XX, até 1914-18. Cumpre contar com mais um elemento precioso: o "fator psicológico".

Se êsse valor se manifestava outrora em rasgos de puro heroísmo desinteressado e nobilíssimo, hoje êle se manifesta, à imagem da concepção burguesa e materialista da vida lançada no mundo pela civilização capitalista, por uma forma utilitária. É que o desenvolvimento industrial e técnico do mundo moderno suscitou o movimento social e político, de caráter tão materialista como o da filosofia negativista ou simplesmente agnóstica predominante nos quadros da vida burguesa.

Valendo-se dêsse "fator psicológico" inteiramente desprezado pelas Nações do Ocidente, surgiu um regime altamente imperialista e escravizador, a reviver em nosso tempo os anseios dominadores de Pedro, o Grande, e de Catarina II. Êsse velho sonho de conquista e esmagamento dos povos, que esteve presente nas investidas de Átila e de Gêngiscã, levanta-se ameaçadoramente estendendo suas garras em todas as direções. Utiliza-se dos elementos técnico-industriais contemporâneos e, mais do que isso, serve-se da arma mais terrível da nossa época: dessa psicologia específica suscitada pelo socialismo e pelas doutrinas esquerdistas, a qual definindo-se, ao atingir o último estágio de uma enfermidade

intelectual, exprime-se na forma antinacional de uma capitulação antecipada.

* * *

Se o materialismo pagão e nitzscheano de Lüdendorff, no seu conceito da “guerra total”, concretizou-se na plenitude da catástrofe de 1939-1945 e, em consequência das armas moderníssimas, entre as quais a aviação de bombardeio e já agora a aterrozante bomba atômica, atinge o zênite do poder destrutivo, podemos dizer que essa “guerra total” ainda não é, na verdade “total”, uma vez que os seus objetivos são apenas os bens e as vidas corporais dos seres humanos.

A verdadeira “guerra total” é a que compreende a destruição do espírito, a morte das almas. E dessa tivemos a primeira prova na vergonhosa capitulação da França, diante dos bárbaros de Hitler, pois antes que os nazistas pisassem o solo francês, já os comunistas haviam destruído na população civil e nas Forças Armadas daquela Nação, todo o espírito de resistência. Aliados pelo pacto Ribentrop-Molotof, ao paganismo de Rosenberg, os bolchevistas exerceram na França uma larga ação de sabotagem material e — o que foi mais terrível — de sabotagem espiritual, anulando toda a vontade de luta contra os invasores alemães.

Segunda experiência verificou-se na China e ter-se-ia verificado na Espanha, se a alma católica

dos antigos paladinos de Cristo não estivesse ainda viva no coração do povo peninsular. E essa mesma invulnerabilidade de uma Nação em face da mais terrível das armas, que é a propaganda ideológica do comunismo, demonstra que a guerra moderna tem de contar, imperativamente, com o fator psicológico dos povos.

Não pode existir defesa nacional, numa Nação cujos filhos, colocando, acima dos supremos interesses da Pátria histórica e tradicional, uma ideologia qualquer — seja ela qual fôr — manifestem simpatia por um povo estrangeiro, revelem entusiasmo por uma Nação exótica e estendam a mão aos traidores, isto é àqueles que não se envergonham de servir aos apetites de uma tirania que tem sistematicamente destruído a independência e a dignidade de outros povos.

Na equação do problema da guerra hão de entrar forçosamente: o valor econômico nacional (matérias-primas e fontes de energia); o valor industrial (produção de material bélico e de utilidades subsidiárias); o valor financeiro (poder aquisitivo e capacidade de crédito); o valor técnico-militar (conhecimento científico e prático dos fenômenos da guerra); o valor humano físico (condições de saúde da tropa); e, acima de tudo, como condição de todos os outros valores, o *valor-espiritual do povo*.

Faltando êste, faltará tudo. Não teremos alimentação, não teremos transportes, não teremos finanças, não teremos indústrias de utilidade civil nem de utilidade militar, não teremos técnicos da guerra, não teremos soldados. Seremos uma Nação antecipadamente conquistada.



A SEXTA COLUNA

A expressão "quinta coluna" apareceu no fim da guerra civil espanhola para designar os patriotas que, não tendo podido sair do território ocupado pelas tropas vermelhas, tudo fizeram no sentido de facilitar aos nacionalistas a reconquista total da Pátria sob o domínio das brigadas russas e internacionais. Essa chamada "quinta coluna" operou sobretudo em Madrid, nos últimos dias da resistência comunista em face das quatro colunas que Franco fazia infletir sobre a capital.

Daí, por analogia, o designar-se com o nome de "quinta coluna" as infiltrações políticas, ideológicas ou revolucionárias, na retaguarda das forças dominantes em determinado país.

Na guerra de 1914 a 1918, operaram, tanto no seio dos Impérios Centrais, como no meio dos Aliados, elementos que ainda não se podiam chamar "quintas colunas", pois constituíam apenas aparelhamentos de espionagem. Ficou célebre, por exemplo, o caso da dançarina Mata Hari, assim como o de Bolo Pachá, ambos fuzilados pelos franceses.

Foi na guerra de 1939 a 1945 que a expressão "quinta coluna" se aplicou no sentido que lhe deram por ocasião da guerra civil espanhola. Mas esse

sentido pouco a pouco se deturpou, para, finalmente, designar tôdas as formas de colaboração com o estrangeiro.

* * *

Os primeiros “quintas colunas” que surgiram na recente conflagração mundial foram os comunistas franceses, em consequência do pacto Ribentrop-Molotof, pelo qual a Rússia Soviética se aliava à Alemanha Nazista. Os comunistas franceses trabalharam fortemente contra a sua Pátria, procurando e conseguindo desintegrar o Exército e os serviços públicos, a produção industrial e as atividades do transporte por terra e por mar.

Quando, tendo já conseguido anexar metade da Polônia e verificado que as reservas de materiais de guerra do Eixo não eram mais suficientes para a continuação da luta pelas fôrças de Hitler, o govêrno de Moscou provocou hàbilmente a estupidez nazista atraindo-a para uma fácil invasão do território russo, os comunistas de todo o mundo mudaram de partido e passaram a apoiar as Nações Ocidentais. E, assim, ao mesmo tempo que aos governos colaboracionistas da Noruega, da Dinamarca, da Europa Central, poderemos chamar de “quintas colunas” nazistas no conjunto do panorama de guerra, também os patriotas (e já agora também os comunistas unidos aos mesmos patriotas) poderiam ser chamados “quintas

colunas" em relação àqueles governos de ocupação aberta ou disfarçada.

Os governos instituídos pelos nazistas, nos países a que acima nos referimos, foram também chamados "quislings", denominação tirada do nome do chefe de Estado da Noruega, elevado àquele posto pelos exércitos germânicos.

Não me refiro ao caso do govêrno de Vichy, por ser caso à parte. O Marechal Petain, quando o govêrno civil da França, já foragido em Bordeus, teve de fugir do seu país, foi chamado pelo Presidente da República e pelo primeiro-ministro em fuga, os quais lhe pediram que assumisse as responsabilidades de chefe de Estado, a fim de suavizar a situação do país na fase do armistício e da assinatura da paz com Hitler. E tanto foi Petain considerado, não um traidor, mas um patriota que se sacrificava pela Pátria, que os governos das Nações Ocidentais, mantiveram suas representações diplomáticas em Vichy, inclusive os Estados Unidos, como é notório. Não o chamaremos, pois, um govêrno "quisling", porque foi instituído pelos próprios franceses; chamá-lo-emos antes um govêrno mártir, como realmente o foi nas circunstâncias em que exerceu o poder.

* * *

Deixemos, porém, esta digressão, para voltarmos ao assunto principal de que vimos tratando. E dire-

mos que a “quinta coluna”, na significação que hoje damos a essa expressão, na realidade não existiu durante o conflito de 1939-1945, exceto na fase da desintegração do Exército Francês promovida pelos comunistas aliados dos nazistas. Pois não poderemos chamar “quintas colunas” os guerrilheiros franceses, belgas, holandeses, sérvios, croatas, eslovacos e poloneses, os quais representavam a resistência aberta aos nazi-fascistas que ocupavam suas pátrias.

A organização verdadeira da “quinta coluna” é dos nossos dias. Esse imenso aparelhamento de infiltração, de sabotagem, de destruição das resistências internas das Nações, foi convenientemente estudado e executado pelo Comintern, ou seja pela direção russa do partido comunista universal.

A “quinta coluna” é todo o complexo sistema secreto do partido comunista em cada país. É uma articulação da propaganda arregimentadora e da espionagem militar; da polícia secreta, ou M. V. D. e dos órgãos da diplomacia russa ou dos países satélites de governos tipo Quisling, como a Tcheco-Eslováquia e a Polônia; dos quadros legais do partido comunista, onde este tiver franquias, e das células secretas de finalidade revolucionária; das associações ditas culturais, cívicas, humanitárias e até religiosas que servem de instrumento de agremiação e de propulsão propagandística, e das arregimentações secretas onde se ministra uma preparação técnica de guerra civil.

A “quinta coluna” atua hoje em tôdas as Nações Ocidentais, como ficou demonstrado pela enorme quantidade de documentos apresentados ao govêrno do Canadá por Igor Gousenko, os quais levaram à prisão homens sôbre quem, até então, não pairava a suspeita de traidores da Pátria. Os inquêritos sucessivos abertos nos Estados Unidos de uns tempos para cá, principalmente as averiguações feitas pelo Senado Americano, demonstram que a “quinta coluna” soviética está firmemente estruturada em tôdas as nações do mundo.

Mas o fato é que essa “quinta coluna” já é conhecida e o seu combate não é difícil. As Nações Ocidentais têm hoje ciência da técnica de tal engrenagem e sômente os países onde desapareceram o amor à liberdade e à dignidade humana, o instinto de conservação das suas instituições e das suas tradições, podem se entregar passivamente à “quinta coluna” soviética. É fácilimo verificar se um determinado partido, uma certa associação, um sindicato, um clube, um movimento popular, uma atitude política ou cultural trazem os sinais do “quinta-colunismo”.

* * *

Entretanto, existe hoje uma “sexta coluna” e esta é a mais difícil de ser apanhada e desmascarada. Para se compreender o que ela seja cumpre

ler dois depoimentos da maior importância: o de Koestler e o de Philip.

Conta o primeiro que, ocupando um lugar de destaque num dos órgãos mais importantes da imprensa alemã, e tendo aderido ao comunismo, tentou entrar para o partido de Moscou. A sua pretensão foi levada por um comunista militante à direção do partido. Dias depois, um desconhecido o procurou. Manteve com êle longa e minuciosa palestra, averiguando se os seus sentimentos eram sinceros, e prometeu-lhe que uma outra pessoa o procuraria novamente.

Essa outra pessoa, na verdade, visitou Koestler e lhe marcou dia, hora e local para o encontro com um dos chefes comunistas do país. E foi, finalmente, êste que lhe disse: "O Sr. ocupa um lugar de muita importância na imprensa alemã; não nos convém, que o Sr. entre para o partido comunista, porquanto no lugar onde está, não demonstrando de forma alguma as suas convicções, poderá prestar enormes serviços ao comunismo. Transmitir-lhe-emos a orientação necessária."

O jovem jornalista, sem pertencer aos quadros do partido de Moscou, nem manifestar suas simpatias pela doutrina do imperialismo russo, defendeu as causas aparentemente não comunistas, destruiu reputações de pessoas que o comunismo precisava demoralizar, fez reputações políticas, literárias, artísticas e científicas de homens que o comunismo

precisava celebrar, deturpou o sentido de acontecimentos internacionais e nacionais.

Quando Koestler abandonou o comunismo, revoltado em face da aliança dêste com o nazismo, contou tudo quanto fizera anteriormente. E ficamos, então, sabendo que existe, além da "quinta coluna", uma "sexta coluna", mais perigosa, porque tem por fim desorientar a opinião pública e preparar ambiente às atividades da "quinta coluna".

O outro depoimento é o de Philip. Êste homem foi, por ordem da polícia secreta americana (F. B. I.) inscrito no partido comunista durante seis anos consecutivos, captando a confiança dos agentes de Moscou.

Um dia, Philip recebeu um emissário da direção do partido que lhe trouxe a determinação de se afastar totalmente do partido, de evitar ser visto em companhia de qualquer comunista conhecido, finalmente, de agir de tal modo que ninguém o supusesse nem mesmo simpatizante da doutrina marxista. A sua missão era a de atuar nos meios sociais e políticos, fazendo o jogo bolchevista, como homem imparcial.

* * *

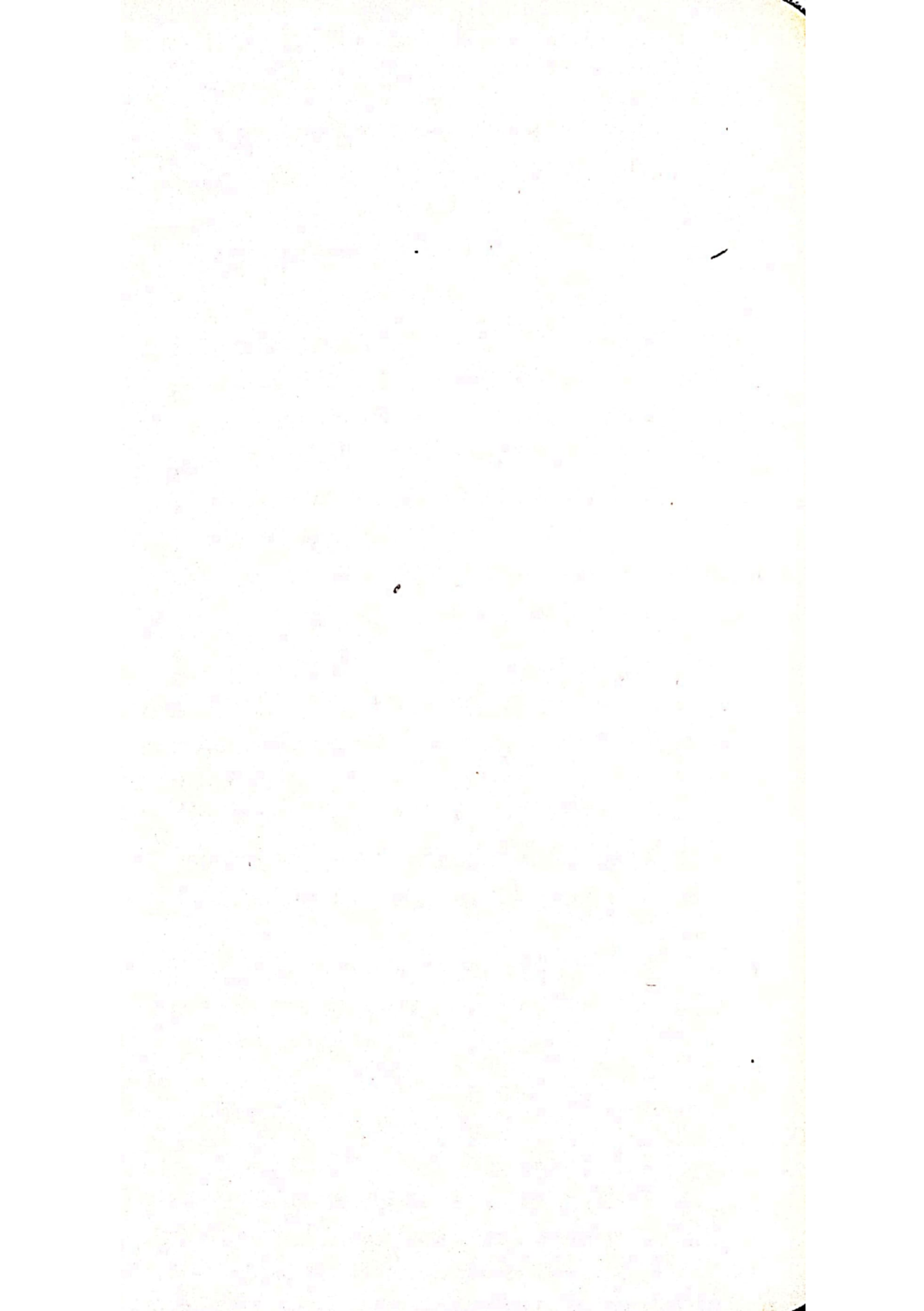
No atual momento, em nosso país, a "sexta coluna" é possivelmente a mais perigosa de quantas colunas moscovitas nos investem. Constitui-se de professôres dos três graus; de jornalistas que se dizem meramente profissionais; de deputados e senadores

eleitos por partidos liberais-democráticos e cujas atitudes muitas vezes revelam um anticomunismo evidente; de magistrados (alguns em tribunais superiores e a maior parte simples juízes) cuja austeridade os coloca acima de quaisquer suspeitas; de militares, até mesmo de altas patentes, que não deixam rastro de convicções marxistas; de ministros protestantes (Philip cita diversos em seus depoimentos) que na realidade se fizeram ministros por ordem da direção do partido; de alguns sacerdotes ortodoxos, ou mesmo católicos, que iludem a hierarquia eclesiástica e se acobertam com o manto da política de mão estendida; de escritores, pintores, escultores e músicos, fingidamente preocupados apenas com a sua arte; de cientistas, que instilam o materialismo ou que se ocupam de problemas ligados à defesa nacional, alcançando muitas vezes cargos eminentes; de médicos, notadamente ginecologistas e psicanalistas, cujo trabalho anticristão e pró-materialismo se executa na surdina; de pedagogos, que desenvolvem suas teorias levando água ao moinho do anticristo; de arquitetos, que nas linhas de um pseudo-modernismo de encantar burgueses, vão concorrendo para o sentido coletivista e mecânico da vida; de advogados, sempre prontos a impetrar mandados de segurança e habeas-corpus com o cuidado de arranjar boa distribuição em varas camaradas; de funcionários, barnabés de letra "O" com penacho, que se disfarçam admiravelmente nas exterioridades buro-

cráticas; de granfinos atuantes em altas rodas elegantes; de editôres, que sabem as mil maneiras de não dar na vista; numa palavra, a "sexta coluna" aí está, viva e ativa, sem que possamos pôr-lhe as mãos.

Quem lê estas linhas há de dizer: pelo visto, todo o mundo é comunista. Mas respondo: não foi isso o que eu quis dizer. Afirmo, mesmo, que em sã consciência, jamais poderei denunciar como comunista um membro da "sexta coluna". E é lógico. Pois a essência da "sexta coluna" está na sua formidável e multiforme capacidade de disfarce.

Há, porém, no Evangelho, uma frase que nos ajuda a defender a nossa Pátria contra essa invisível, imponderável, misteriosa "sexta coluna". É aquela que diz: — "pelos frutos se conhece a árvore". Cumpre-nos, portanto, prestar atenção, examinar cuidadosamente os frutos que vêm dos homens. E, por êles, definiremos e classificaremos os homens. E, por êles teremos noção dos que pertencem à "sexta coluna".



O INFERNO DOS DEMÔNIOS VERMELHOS

I

PSICO-PATOLOGIA DO COMUNISMO

O que mais me impressiona, ao examinar os muitos casos de intelectuais ou homens que se dizem cultos, e que se mostram entusiasmados ou fanatizados pelo regime dominante na Rússia e pelo imperialismo soviético esmagador de nacionalidades, é o fato dêsses homens se mostrarem tão ignorantes da verdadeira essência do fenômeno histórico apresentado em nossos dias aos olhos da civilização ocidental.

Estou mesmo convencido de que o comunismo, depois de ser uma simples idéia no cérebro do paciente, em que foi inoculada, desenvolve um processo de desintegração mental mediante sucessivos estados emocionais transformadores da personalidade.

A idéia passa a ser sentimento, o sentimento faz-se paixão, a paixão determina a superveniência de um tipo específico de raciocínio que, abstraindo todos os elementos da logicidade, identifica-se com a argumentação que os clínicos bem conhecem como evidência das psicoses maníaco-depressivas.



O comunista, atingindo êsse ponto e ultrapassando os limites da idéia-sentimento para localizar-se no campo do sentimento-paixão, torna-se dificilmente recuperável. Pois, a essa altura os fatores psíquicos da obliteração mental começam a refletir-se na própria expressão fisionômica e no ritmo do comportamento e de tal sorte já não é preciso ouvir o paciente para que se possa concluir o diagnóstico da sua enfermidade espiritual.

Uma simples inspeção dos lineamentos e representações do semblante é suficiente para que saibamos se temos à nossa frente um comunista. Baseando-se a doutrina marxista na luta de classe, e tendo adotado, por isso, a técnica da violência e a sistematização do ódio, como instrumento de ação, êsse ódio, gradativamente se identifica com o modo de ser do indivíduo, sendo perfeitamente distinto da cólera passageira que pode empolgar, por espaço de tempo limitado, os tipos normais.

O ódio se integra na constituição psicológica do enfermo e traduz-se na própria estrutura fisiológica. O observador notará, no comunista que ultrapassou os limites da normalidade mental, uma indisfarçável sombra no olhar. A fixidez da idéia, transformada em paixão, coordena as vibrações nervosas e impõe aos nervos e aos músculos uma disposição indisfarçável de obediência à inflexibilidade do objetivo psíquico. O olhar, portanto, não é apenas turvo, mas

trai a dureza retilínea de uma obsessão agressiva. E a permanência do estado emocional reflete-se na projeção dos ângulos faciais, que se revelam, aos que já adquiriram prática na observação desses casos, ligeiramente entumecidos pela frequência do trismo em que os maxilares se sincronizam com o gesto do punho cerrado e a retilineidade da paixão que entenebrece e como que paralisa as pupilas, na intermitência dos espasmos.

A psico-patologia do comunismo não se isola como um fenômeno à parte no panorama das moléstias mentais. Com outros aspectos os psiquiatras conhecem uma variedade de processos, todos entretanto girando em torno de motivos cujos resultados sintomáticos se diversificam, conquanto obedeçam a uma lei comum.

O motivo predominante na psico-patologia do comunismo é o ódio. Na expressão verbal desse ódio, o paciente se utiliza, como nos casos da histeria, de argumentos equivalentes à simulação. Vem daí a técnica da mentira, preconizada por Lenine e mais tarde metodizada pelos especialistas do Desinform, última criação diabólica dos inoculadores da loucura.

O indivíduo, psicológicamente preparado para instrumento do comunismo russo, não só aceita, sem tergiversar, tôdas as interpretações dos acontecimentos que lhe fornece Moscou, mas, ainda toma como verdadeiras, as mentiras de que lhe suprem e até cria outras no sentido de atingir os objetivos da sua idéia-

paixão. O paciente sofre a necessidade de fortalecer a sua convicção. Para isso, terá de raciocinar à sua maneira e de tomar as premissas que lhe convêm, desenvolvendo os sofismas condizentes com os seus imperativos emocionais.

Só assim explico a existência de intelectuais subordinados a uma lógica bastarda e completamente cegos em face de realidades histórico-sociais cujas conclusões qualquer inteligência média pode facilmente tirar. Porque do contrário jamais compreenderíamos como tantos homens instruídos podem aceitar, admirar e desejar um conceito de vida e sociedade expressivos da selvageria de um régimen político que se encontra, mentalmente, alguns séculos atrasado da Civilização do Ocidente.

II

INTERPRETAÇÃO PSICOLÓGICA DO MARXISMO RUSSO

No imenso espaço territorial daquela misteriosa Eurásia, que se estende desde o Báltico ao Oceano Pacífico e desde o Mar Negro ao Oceano Ático, todos nós sabemos que começavam a apontar, desde o século XVIII, os índices de uma civilização até então desconhecida pelos povos de tão vasto império. E, principalmente, no século XIX, a Rússia começou a nos dar alguns sinais evidentes de um comêço de adesão à essência e à forma da vida ocidental. Êsses

sinais, como era natural, numa nação bárbara, haviam de manifestar-se primeiro pelo sentimento nas traduções da arte. E, conseqüentemente, a Rússia nos deu romancistas, poetas e músicos. Mas essa mesma literatura russa de que são expoentes Dostoievski, Tolstoi, Gorki, Turguenief, Tchekof, é uma literatura de atormentados, de espíritos instáveis, cheios de confusão e de torturas, expressiva, em última análise, da perplexidade de uma nação que ia saindo, gradativamente, das trevas de um longo barbarismo.

Os elementos político-sociais, filosóficos e estéticos que o Ocidente fornecia à intelectualidade russa determinavam um choque nos espíritos até então circunscritos a condições históricas inteiramente diversas das que haviam assinalado as sucessivas transformações das estruturas sociais européias.

Do ponto de vista político, realizou-se uma grande exportação de idéias para a Rússia, a principiar pela influência de Voltaire e de Diderot introduzidos por Catarina, a Grande — a princesa alemã ocidentalizadora do Império Czarista — e a terminar pela invasão de Carl Marx, outro alemão ocidentalizador das estepes. Foi a Europa que levou à Rússia — despreparada para conhecê-las — as doutrinas racionalistas e naturalistas dos séculos XVII e XVIII e o materialismo, dito científico, do século XIX. Tais sementes germinaram — por mais paradoxal que seja — no fundo místico, supersticioso, fanático de um povo que não atingira a maturidade no sentido da

civilização e que se ressentia não sòmente das influências hereditárias dos perfis emotivos de uma ancestralidade recentemente abalada pela brutalidade sangrenta dos episódios históricos, mas ainda de taras atávicas que sòmente um convívio mais longo com os outros povos poderia lentamente atenuar.

O marxismo — de fundo muito mais místico do que os anseios reformadores de Kropotkine ou Bacunine, de Tolstoi ou de Dostoievski por ser uma espécie de Evangelho Materialista — encontrou terreno fértil em numerosos intelectuais que o tomaram, não no sentido da Evolução como o aceitaram os socialistas do Ocidente por serem civilizados, mas no sentido da Revolução, único meio pelo qual poderia vingar num povo bárbaro.

O socialismo evolucionista é o materialismo puro; o socialismo revolucionário, pela interferência do arbítrio individual na precipitação das fases históricas, é um materialismo enxertado no tronco, não pròpriamente espiritualista, porém místico, supersticioso ou expressivo de um fanatismo secular.

Enquanto o socialismo dito científico atuava na Rússia, sob a forma menchevique, êle não poderia ir além dos êxitos de seus congêneres do Ocidente; mas, desde o instante em que Lenine separa-se dos mencheviques e funda o partido bolchevique, que êle jamais permitiu fôsse um partido de massas, mas uma "aristocracia revolucionária" de número reduzido de adeptos fortemente politizados, desde êsse instante o

velho misticismo russo encontrou a sua definitiva forma de expansão.

III

FENÔMENO DE REGRESSÃO HISTÓRICA

O que venceu, pois, em 1918, não foi o comunismo; foi o pequeno partido que representava o regresso da Rússia — já a caminho das formas democráticas civilizadas — às suas raízes selvagens. No curso dos Czares Alexandre e Nicolau, a Rússia fôra transitando, gradativamente, para o parlamentarismo político e para a abolição de prerrogativas econômicas no campo social. Mas o grupo reduzido dos partidários de Lenine o que desejava de modo implícito, ainda que explicitamente proclamasse o seu socialismo, era o retorno ao antigo Czarismo, já então abolido. Talvez nem ao próprio Lenine êsse pensamento fôsse claro, mas todos os seus atos e os atos de seus sucessores evidenciam-no de modo irrefutável.

Êsse barbarismo, essa brutalidade, que retrospectivamente assistimos nas matanças de Pedro o Grande, nas carnificinas de Ivan, o Terrível, nas alucinantes crueldades de Paulo, o louco, reapareceram com Lenine em 1918. A Rússia ensangüentou-se. Fuzilamentos em massa, massacre de operários em Kromstadt, extermínio da família imperial, morticínios dos sacerdotes, torturas nas prisões da Lubianka, linchamentos nas praças, o terror implantado por

Djerzinski, a substituição da Ocrana por um organismo infinitamente mais terrível, a famosa Tcheca, transformada depois na trágica G. P. U., tudo isso era a explosão, no grupo reduzido dos bolcheviques, das velhas taras recalcadas em mais de meio século de auto-domínio sob o influxo da convivência européia. E o mais singular é que essa mesma Europa, que vinha civilizando a Rússia, fornecera-lhe os elementos de que esta precisava para o seu regresso à selvageria. E não foram somente elementos ideológicos mas, também, técnicos. A G. P. U., aprendendo com o "Intelligence Service" Inglês a sua sutileza e com a Gestapo alemã a sua crueldade, tomou-lhes também o instrumental técnico das investigações científicas e das torturas sublimadas por métodos psicológicos modernos. E quanto à indústria e à preparação militar, os bárbaros do Kremlin conseguiram fundir, num só sistema, todo o aprimoramento do progresso dêste século com os processos de escravização humana utilizados pelos Faraós do Egito e dos quais os mais cruéis dos Imperadores da Rússia nunca sonharam utilizar-se.

* * *

O que temos, pois, na Rússia, não é o comunismo e muito menos o socialismo. Êstes não passam de instrumentos e de pretextos. Mas o que temos, realmente, na Rússia, é o barbarismo mongólico e tártaro, no substractum das elites políticas e supostamente

eslavas. Esse é o regime russo. Além disso, tudo é mentira.

Senão, vejamos. Depois da grande matança de Lenine, sobrevieram as matanças de Stalin. O expurgo dos elementos ditos trozkistas derramou o sangue de nada menos que três milhões de homens e mulheres. Nessa voragem, foram liquidados todos aqueles que haviam sido mais íntimos ou mais próximos de Lenine. O acusador era Vichinski, o executor Yagoda, as vítimas, homens como Bucarine, Zinovief, Kamenef, todos pertencentes ao que Lenine chamava a sua "aristocracia revolucionária". Não se tratava de divergência ideológica, mas de competição do poder, à maneira do que ocorria no tempo dos Czares anteriores ao século XIX. Feito o expurgo, consolidado o poder de Stalin, prepara-se — segundo os ensinamentos de Pedro, o Grande, — a conquista territorial dos povos vizinhos. Essa conquista se efetiva depois de meticulosa preparação como epílogo da guerra terminada em 1945. A covardia dos governos ocidentais permitiu que se consumasse tamanho crime contra a Humanidade.

À maneira dos antigos tiranos russos, que escravizaram a Polônia e nunca tiraram os olhos do Báltico e dos Dardanelos, do Adriático e do Mar da China, o Czar Vermelho preparava a conquista do mundo, quando a morte o colheu.

E o que vemos, em seguida? A mesmíssima repetição dos episódios que assinalaram os dias conse-

qüentes à morte de Lenine. O substituto de Stalin, êsse frio Malenkof, principia a sua mudança. A quem mata? Do mesmo modo como Stalin fêz assassinar todos os que haviam conhecido ou privado com Lenine, também Malenkof principiou a matar todos os que conheceram ou privaram com Stalin. A primeira vítima foi Béria, o grande assassino de tantas vítimas do rancor stalinesco. Do mesmo modo como Yagoda, depois de matar milhões de pessoas, foi êle próprio prêso, processado, condenado e executado, assumindo o seu pôsto o não menos tenebroso Yussef, que também teve destino igual, vemos agora o assassino oficial do tempo de Stalin, ser destituído por Malenkof, prêso, processado e finalmente fusilado.

* * *

A matança de Malenkov principiou. E irá longe. O mais interessante é que os motivos são exatamente os mesmos de que se utilizaram os matadores de Zinovief, de Kamenef, de Bucarine, de Riazanov e finalmente de Trotzki, assassinado no México. Como êstes, Béria é acusado de traição ao comunismo e de ligações com o capitalismo. É acusado, também, cínicamente, de alimentar os sentimentos nacionalistas nos países conquistados pela Rússia de acôrdo com a covardia das nações ocidentais.

Êste último argumento é de um cinismo revoltante, numa hora em que o comunismo estimula o nacionalismo jacobinista nas nações do ocidente, haja

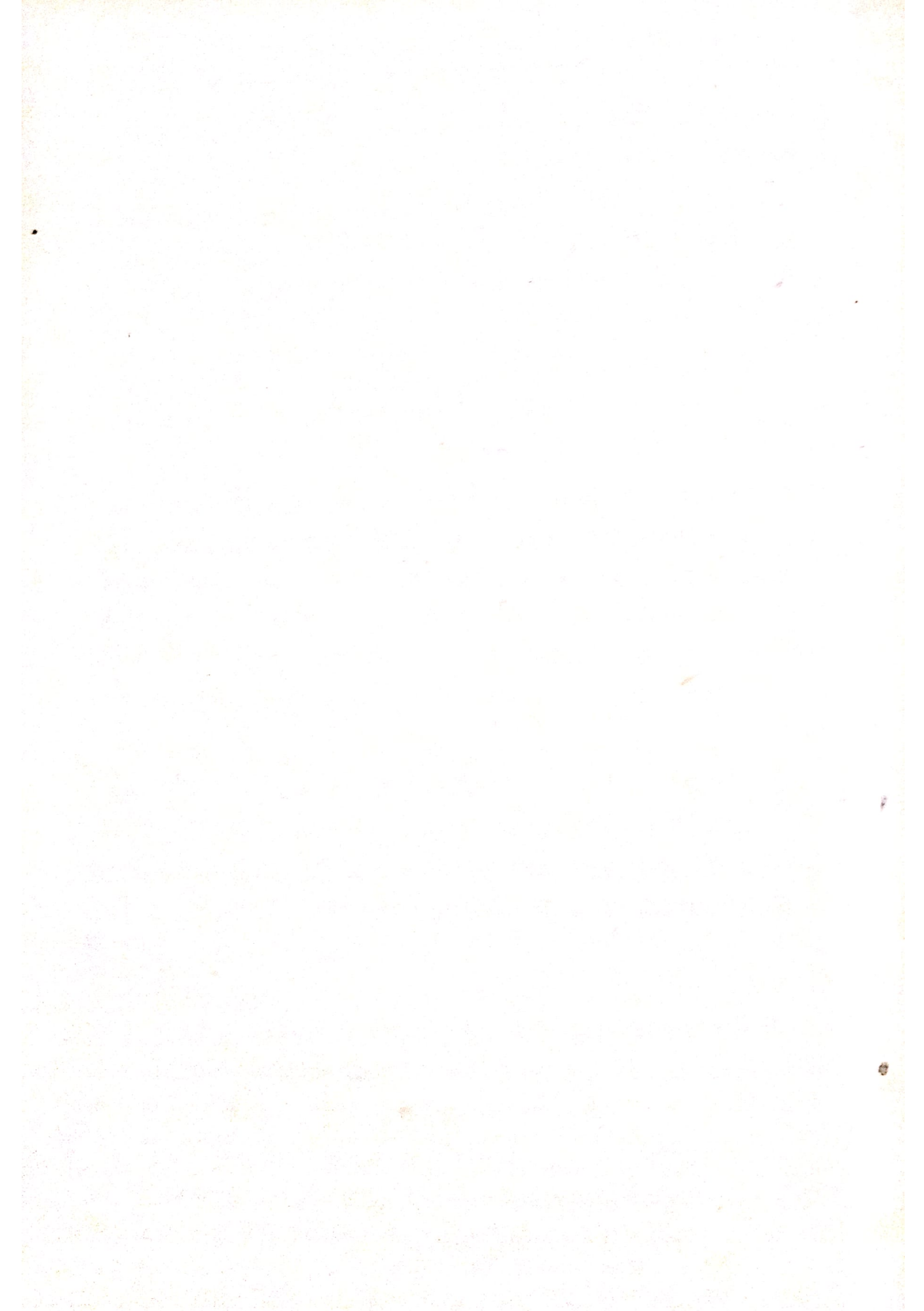
vista a campanha do "petróleo é nosso" e a da rejeição do acôrdo militar Brasil-Estados Unidos.

O nacionalismo é usado como instrumento de conquista dos países pela Rússia. Em seguida, os nacionalistas são exterminados por serem nacionalistas.

A pátria do socialismo (diz o "Pravda" em artigo recente) é a Rússia. E aí ainda se vê o misticismo fanático do czarismo vermelho.

O de que se trata é do domínio da Rússia no mundo, da submissão dos povos ao império russo. E a Rússia, transformada em inferno dos demônios vermelhos, continuará bárbara e selvagem, oferecendo o espetáculo das matanças sucessivas e pretendendo implantar no mundo o regime da atrocidade e do sangue.

Positivamente: os intelectuais que ainda são pela Rússia Soviética não podem ser homens normais. O seu caso pertence ao campo da psico-patologia e deve ser entregue a médicos especialistas.



O DIÁLOGO DOS DEMÔNIOS

Demônio do Oriente — Já possuo a bomba de hidrogênio. Posso agora impor o regime capaz de suprimir o dom dos homens que mais me irrita.

Demônio do Ocidente — És o pai da mentira, segundo o Evangelista João, e por isso não sei se deva acreditar no que dizes. Talvez estejas a propalar mais uma balela do Desinform. Entretanto, não posso compreender o que dizes, pretendendo destruir o dom dos homens que mais te irrita. Que dom é êsse?

Demônio do Oriente — Não percebeste? Falo do dom da liberdade. A liberdade dos homens permite-lhes que escapem ao meu império, ainda que por essa mesma liberdade êles caminhem às cegas para mim. O melhor é precipitar essa marcha pela violência e fazê-los logo escravos.

Demônio do Ocidente — És um demônio bem tolo com essa tua blusa de operário. Não podes compreender a minha filosofia de diabo rico, vestido elegantemente e convivendo com a granfinagem. Pois a liberdade é justamente o poder que os homens possuem de transgredir as leis morais. Se não fôsse a liberdade como poderia eu conseguir o êxito das

tentações que sutilmente insinuo nos sêres humanos, conduzindo-os ao caminho da perdição?

Demônio do Oriente — Mais tolo és tu, pois não vês que êsse caminho leva os homens ao Reino que presido. Julgas trabalhar para ti, mas, na verdade, trabalhas para mim.

Demônio do Ocidente — Trabalho para a Civilização Ocidental.

Demônio do Oriente — Que é a Civilização Ocidental?

Demônio do Ocidente — É algo como uma coisa que existe sem existir.

Demônio do Oriente — E trabalhas por uma coisa que ao mesmo tempo existe e não existe?

Demônio do Ocidente — Trabalho pelo que não tem sentido.

Demônio do Oriente — Se não tem sentido, para que serve?

Demônio do Ocidente — Serve para que só prevaleça o meu próprio sentido.

Demônio do Oriente — Não vejo sentido no teu sentido. Não te defines, como eu, abertamente. As coisas que faço dirigem-se para um fim: a destruição do homem, a sua transformação em peça de máquina, a sua degradação total. Bem sabes que desde o comêço, quando Lusbel nos arregimentou para a grande revolta, cujos episódios Milton descreve com tanta eloquência, o motivo principal da

nossa indisciplina foi o galardão que Deus outorgou aos homens de serem racionais e livres e, de certa forma, superiores aos anjos, porque em sua natureza dever-se-ia operar o milagre da Sagrada Aliança. Esta guerra, anterior à criação do mundo visível e tangível, continua até hoje. Todo o nosso empenho deve estar em despojar os homens da sua dignidade e da sua racionalidade, reduzindo-os à condição de simples animais.

Demônio do Ocidente — Trabalhas contra ti mesmo. Ou melhor, julgas trabalhar pela irracionalidade dos homens e crias as condições onde a verdadeira racionalidade desperta e se afirma. Pois é justamente quando o ser humano se vê desligado de todos os bens da terra e se sente humilhado, ofendido, esmagado pelo sofrimento e impotente para o uso da liberdade, que ele se recorda do que é, de onde veio, para onde vai. Então, sob o peso da dor, o homem nasce de novo. Nesse momento, ele escapa do teu e do meu império. Ao contrário de ti, que impões o dogma do materialismo, que crias o mito do coletivismo, que reduces a pessoa a indivíduo e o indivíduo a nada, para que do nada ressurja a imagem autêntica do homem, eu fiz erguer no pôrto da maior cidade do mundo o símbolo da liberdade e a essa liberdade dei uma interpretação em cuja amplitude trago os homens escravos de si mesmos e verdadeiramente irracionalizados na plenitude de sua racionalidade. Tu constróis os homens, eu é que os des-

truo. Na tua escravidão há um canto de esperança, mas, na minha liberdade só existe uma marcha fúnebre.

Demônio do Oriente — Assim dizes, mas o certo é que tu também trabalhas para mim.

Demônio do Ocidente — Jamais. Considero-te o pior dos adversários, porque és um traidor de Lusbel. Acordas o Homem do homem. Eu adormeço todos os entes humanos cantando a Marselhesa e fazendo soar em todos os quadrantes a trombeta da Declaração dos Direitos, soprada com tôda a força em 1689 na Inglaterra, em 1789 na França. Uso o ópio das filosofias que faz sonhar e a cocaína das ficções jurídicas, estimulantes e euforizantes. Produzi o romantismo, que embebedou as gerações desde 1830; o realismo literário, que foi o grande banho de lama; o culto da forma parnasiana que inebriou os sentidos e afogou as íntimas inquietações; o simbolismo, que foi o derivativo por onde os homens escaparam da mística religiosa; o modernismo, que estabeleceu a confusão e o tumulto das inteligências. Usei a música, a escultura e a pintura, para os mesmos fins. Mas acima de tudo, lancei no mundo o utilitarismo, que transformei em egoísmo, em comodismo, e, finalmente, em fatalismo. Desde Leopardi, Byron, Baudelaire, até Wilde e Shaw, arrasei com sarcasmos, ironias e frases de fina mordacidade, todos os valores morais no mundo da inteligência e da sensibilidade enquanto os comerciantes,

industriais, banqueiros e políticos iam perdendo, dia a dia, o critério do Bem e do Mal. Engendrei tôdas as formas de divertimentos e de prazeres, desde os Music-Halls londrinos e parisienses, com a música de Offenbach e o canção com saias de rendas e pernas nuas, no esplendor do século XIX e da iluminação a gás, até o Cassino de Paris, o Moulin Rouge, os teatros da Broadway no domínio das lâmpadas de Edison, e as buates de Montmartre e do Boulevard Saint-Germain, que se multiplicaram pelo globo terrestre, com luzes mortíferas e coloridas nas quais se misturaram as prostitutas e as mulheres casadas, numa promiscuidade ultramoderna. Acendi a paixão do jogo, fazendo cantar as roletas e grasnar as espátulas arrecadando fichas, fiz cartas de baralho de cartão e matéria plástica, transformei a arte da equitação em jogatina desenfreada e em exibição de damas com os últimos modelos das costureiras, na hora em que também desfilam se exibindo os cavalos e potranças de raça. Fiz a máquina de morar, para substituir os lares antigos, onde floresciaam as virtudes cristãs. Aumentei o número de clubes, de casas de chá, de confeitarias chiques, de restaurantes distintos, de lugares de beber e dançar, a tal ponto que ninguém quer ficar em casa. Orientei o cinema e o teatro, de sorte a torná-los instrumentos de rebaixamento humano. Por fim, inventei as histórias de quadrinhos, as novelas de rádio, os desenhos animados, com que vou imbecilizando as multidões. Se

o nosso fim é levar almas ao inferno, quem trabalha honestamente para Lusbel sou eu e não tu. . .

Demônio do Oriente — Pensas que trabalhas para ti, mas na realidade, trabalhas para mim. Se animalizas os homens e as mulheres, não fazes mais do que preparar o meu advento, a minha vitória. O homem só se escraviza ao meu Império, depois que se escravizou a si mesmo, para si mesmo. O homem consciente e racional reage contra mim. Por conseguinte, todo o teu esforço redundará em meu benefício. Esqueceste de falar da tua ciência. Foi ela que me facultou os meios de fabricar a bomba de hidrogênio. . .

Demônio do Ocidente — Inventei a bomba de hidrogênio para impedir que dominasses esta parte do mundo onde exerço o meu governo. Sei que és violento, demônio da estepe, diabo glacial-ártico, espírito vermelho de além dos Urais, que passeias há séculos pela Ásia, enforcando, degolando, incendiando, oprimindo. Se és violento, só pela violência poderias ser dominado. Então, mandei os meus cientistas descer como escafandristas às profundezas da matéria e de lá voltarem, como os caçadores de pérolas, trazendo nas mãos a força invisível do átomo. Fiz a primeira demonstração em Nagasaki e Hiroshima. Foi para que ficasses sabendo do meu poder. Mas não tenho nenhum interesse de empregar essa arma brutal. Seria representar a tragédia que salva as almas, abandonando a comédia que constitui o

meio mais eficaz de perdição. Fica tranqüilo. Se pregas a paz, para ganhar tempo e te preparas para a guerra, também eu desejo a paz, a paz prolongada, a paz dos pântanos e dos cemitérios onde apodrece a covardia humana e onde não lampeja nem a chama da vida heróica, nem mesmo o fogo-fátuo do sonho. Que o mundo se decomponha em paz, é o que eu desejo, e nisso estamos de acôrdo.

Demônio do Oriente — Mas eu possuo, agora também, a bomba de hidrogênio. Foste tu mesmo quem ma deste. Não te espantes. Enquanto tu procuravas domar a natureza e arrancar dos recessos da matéria a fôrça de que te orgulhas, eu penetrava nas almas dos teus cientistas e ia buscar uma fôrça maior, isto é a fôrça que reside nas próprias almas. Infil-trei-me nos homens do teu Império, a uns conquistando com falazes promessas de uma existência melhor e mais justa, a outros recrutando com esperanças de uma vida em que os instintos gozassem da mais plena liberdade. Tu mesmo me ajudaste a mobilizar tais elementos, dando-me para os primeiros os argumentos de Rousseau, de Diderot, de Helvetius, de Saint Simon, de Fourier, de Ricardo e de Marx, e dando-me para os segundos a lógica agradável de Freud. Tudo obra tua. E, possuindo dêsse modo os teus homens, êles me revelaram os segredos das formúlas herméticas da física nuclear. Para isso fiz trabalhar a minha espionagem, os adeptos do meu partido que estão organizados em todos os países e hoje

posso dizer-te, a ti, que és o demônio do individualismo, do egoísmo, do comodismo, dos divertimentos, das ambições, dos banquetes, das festas e dos bailes, que eu, o demônio do coletivismo, da brutalidade e do terror, estou em igualdade de forças contigo. Empatamos. Mas nesse empate, há um vitorioso: sou eu. Porque se o equilíbrio de nossas forças materiais impedir a guerra, quem vai lucrar com a paz prolongada sou eu. Porque és o demônio da desorganização, da anarquia, do liberalismo sem freios, do agnosticismo, que levas o homem a renunciar o uso de suas energias interiores, de suas poderosas forças de alma. Tornas os homens passivos e incapazes. Êles só pensam nos seus interesses, na sua carreira, nas suas ambições, nas suas mulheres, nos seus jogos e nas suas bebidas. No meio dêles, há revoltados e êsses me pertencem. E mesmo os homens de espírito justo, que não se conformam com o teu império, mas que estão petrificados interiormente pelo materialismo, eu os conquistarei para que sejam os cavalos de Troia na tua fortaleza. Queres as armas, eu quero as almas. O meu triunfo é inevitável.

Demônio do Ocidente — Desejamos a mesma coisa, porém, nossos métodos são diferentes. Se eu vencer, Lusbel será vencedor. Se venceres, duvido. O sofrimento salva os homens: os prazeres perdem-nos.

Demônio do Oriente — Enquanto falas, tenho a impressão de que estou olhando para um espelho. . .

Demônio do Ocidente — Tenho também a mesma impressão olhando para ti. Porventura serás a minha própria pessoa?

Demônio do Oriente — Desconfio que somos a mesma pessoa.

(Os dois demônios aproximam-se num só demônio).

O Demônio do Oriente e do Ocidente — Sim, sou eu mesmo que estou falando comigo. E agora, que somos um só, vejo tudo mais claro. E temo. Temo porque, nas trevas do século, pode nascer o grande sol. O sol brilhou no mundo romano, há dois mil anos. Sim, é o mesmo que vai nascer. Nascerá dos horizontes do tédio do Ocidente e iluminará muito longe, até aos horizontes da dos do Oriente. E, na plenitude do dia, haverá homens na terra.



O MAIOR DOS COMUNISTAS

O maior dos comunistas não pertence ao Comintern ou ao Cominform, ao Consomol ou a outras organizações do partido de Lenine. O maior dos comunistas não pertence sequer às linhas auxiliares que abrem carta de crédito à propaganda marxista e cobrem com sua aparente ingenuidade as manobras do imperialismo vermelho. O maior dos comunistas nunca foi a um Congresso de Viena, nunca assinou o apêlo de Estocolmo, nunca tomou parte nas manifestações coletivas pró "petróleo é nosso" ou contra o acôrdo militar Brasil-Estados Unidos. O maior dos comunistas nunca editou, nem assinou, nem comprou nas bancas um dêsses vinte e tantos diários que a Rússia mantém em nosso país. O maior dos comunistas nunca fêz agitações de rua, nunca interveio nas greves, nunca se preocupou em atacar pela palavra ou pela escrita os govêrnos ou as chamadas classes conservadoras. Mas, apesar de tôdas essas negativas, é hoje, como foi sempre e como continuará a ser, o maior, o mais eficiente de quantos comunistas andam pelo mundo pregando a doutrina de Marx e a técnica de Lenine.

Porque o maior dos comunistas do mundo é o Espírito Capitalista. Não direi o Capitalismo, que

é um sistema econômico, uma tese a ser discutida em capítulo separado. Refiro-me aqui aos fatores psicológicos, que desabrocham do sistema e constituem um estado de alma, uma forma de mentalidade, traduzindo-se em atitudes e ações deletérias cujos efeitos são a dissolvência, a decomposição disso que nos habituamos a denominar Civilização Ocidental ou — por suprema ironia — Civilização Cristã.

* * *

O Espírito Capitalista é o espírito do lucro. Do lucro pelo lucro. Do lucro que se hipertrofiou enriquecendo-se com o adjetivo “extraordinário” que encobre o adjetivo “ilícito”. Do lucro que manobra a grande engrenagem chamada “especulação”. Do lucro que intervém nos costumes da sociedade e interfere no próprio seio das famílias, atacando na raiz a estabilidade econômica dos lares.

O Capitalismo (sistema econômico) adquirindo essa alma tenebrosa, a alma do senhor Grandet, fotografada e filmada pelo gênio de Balzac, tratou de criar, na grande massa dos consumidores de mercadorias, a psicologia específica das filhas do Pai Goriot, outro personagem do grande cronista da “Comédia Humana”. É a psicologia da “despesa”, subordinada ao imperativo da “moda” e, pouco a pouco, transformada em psicologia da prodigalidade, do esbanjamento, do luxo, da ostentação, dos

supremos confortos, das elegâncias, das distinções superfínas.

Criada pelo Capitalismo essa psicologia dos compradores, que domina desde os mais ricos aos remediados e desde êstes aos pobres, e lançado o desespero nas classes média e submédia, sequiosas por ostentar os mesmos padrões de vida dos abastados, o Capitalismo pôde vender uma infinidade de artefatos, de instrumentos, de máquinas, de objetos domésticos, não se falando no dilúvio de automóveis, de aparelhos de rádio e televisão, mobiliário variadíssimo e de todos os estilos, tapeçarias, não se falando em roupas masculinas e femininas, peles, perfumes, jóias e quinquilharias.

A técnica moderna facultou ao Capitalismo a produção em série dos mais variados produtos e a sua propaganda assoberbante, asfixiante, pelas emisoras de som e de imagens, pelos jornais e revistas, pelos cartazes, pela policromia dos impressos mais sugestivos.

Mas como, apesar de dominar completamente as multidões compradoras, o Capitalismo precisa vender mais, para lograr mais lucros, o grande comunista (o maior de todos) utiliza-se dêsse agente despótico e tiranizante que se chama "a moda". Assim, em primeiro lugar, cria-se a hierarquia dos ídolos modernos. Existem automóveis para todos os preços, desde o de alta granfinagem até ao de reles exercício funcional, para burocratas e empregados

de segunda, terceira e quarta categorias. O desespero dos compradores está na aspiração de serem promovidos de um "jeep" a um Chevrolet, de um Chevrolet a um Dodge, de um Dodge a um Cadillac. Cada possuidor de um carro se julga o mais infeliz dos homens olhando o carro de outro que traz marca mais nobre e custa mais caro do que o seu.

Do mesmo modo, nessa estúpida hierarquia dos valores sociais, os que possuem aparelhos de rádio, de televisão, vitrolas, geladeiras, aspiradores de pó, máquinas de lavar roupas, enceradeiras elétricas de preços inferiores aos dos seus vizinhos, vivem num estado de permanente neurastenia, tendo-se em conta de deserdados da fortuna, maldizendo os pais que lhes não deixaram herança, o govêrno ou as emprêsas particulares que não lhes pagam "o suficiente" e maldizendo a si mesmos porque não foram capazes de "dar golpes" e arquitetar negociatas mercê das quais pudessem ombrear com aquêles e aquelas que aparecem resplendentes nas páginas das revistas da sociedade em fotos impressas sôbre papel *couché*.

* * *

Verificando, entretanto, o Capitalismo que, mesmo subjugando as multidões de compradores às quais impinge as séries de seus produtos, ainda precisa vender mais, adota duas providências: 1.º)
— O mesmo carro, a mesma máquina, são lançados

cada ano em novo tipo. A diferença está às vezes num parafuso, numa alavanca, num vidro, num pequeno pormenor. O possuidor do tipo 1953 tem vergonha de se apresentar diante do possuidor do tipo 1954. O dono do tipo 1952 sente-se extremamente diminuído. Os dos anos anteriores sofrem na carne uma dessas dores só comparáveis ao do homem cuja mulher prevaricou ou cujo filho deu desfalque num Banco. Não há maior degradação, maior prova de decadência do que usar em pleno 1954 alguma máquina de 1944. E temos, assim, novas corridas atrás de novos tipos, novos desesperos, novas promissórias descontadas, novos subornos, novas roubalheiras para um indivíduo não ficar desonrado em face de uma sociedade que só dá valor aos apêndices mecânicos e indumentários do homem, e nunca ao Homem-Homem, ao Ser Racional, à Criatura de Deus, cuja medida do quilate, do pêso específico, deve estar na sua capacidade de honradez, de trabalho, de modéstia e de espiritualidade.

2.º) — O material empregado nas máquinas, nos artefatos, nos instrumentos diversos deve ser de pouca duração. A sua resistência é calculada para um prazo que obrigue a nova compra. O principal é vender. Cumpre ainda — e isto é o mais importante para o Capitalismo — criar uma psicologia de esbanjamento. Essa é facilitada nas épocas de inflação, de desvalorização, dia a dia, da moeda de um país de economia desorganizada. Gastar, e gastar o

mais possível, eis o que o Capitalismo impõe aos seus vassalos, chamados compradores. Que vale um boi para quem tem sete fazendas? As sete fazendas são para os menos desonestos, sete promissórias ou sete "papagaios" dependurados nalgum Banco, e para os menos honestos, sete negociatas, ou sete subornos, ou sete gorjetas, numa palavra: sete patifarias.

O Capitalismo, adquirindo a alma negra de Shylok, de Harpagão, de Grandet, coloca na mesma balança o sábio e o argentário, o santo e o granfino, o herói e o especulador. O Capitalismo subverteu a ordem do mundo. E como tudo se subordina às coisas materiais, com ausência total da beleza e da grandeza dos padrões da vida simples, as massas humanas, adotando igual critério, clamam, com absoluta lógica, e perfeito espírito de justiça (dentro do materialismo dominante) pela subversão de uma ordem social de monstruosas desigualdades, em que muitíssimos gastam numa noite o que alimentaria uma família num ano, ou despendem num quadro futurista idiota ou num vestido de baile, aquilo que resolveria o problema de muitos desgraçados.

Não falamos ainda — o que poderá ser objeto de um capítulo especial — nas mil formas de especulação do Espírito Capitalista, entre as quais a especulação imobiliária. Os preços dos aluguéis das casas e apartamentos são astronômicos. Isso obriga

famílias numerosas a habitar em cubículos sem ar (é preciso aproveitar o espaço para o capital render...) e numa promiscuidade como aquelas descritas por Zola no "Germinal" e pelos que fizeram narrativas a respeito da vida russa sob o bolchevismo, entre as quais o acúmulo de habitantes num mesmo quarto ou casa.

Quer dizer que o Capitalismo está fazendo a mesma coisa que faz o Comunismo na Rússia... As classes média e submédia, comprimidas pelos preços dos alugueres, procuram adquirir uma moradia, pagando uma prestação mais ou menos equivalente ao aluguel dos cubículos onde moram. Então, encontram dois tipos de apartamentos: os de preço superior a um milhão de cruzeiros, onde afinal a família se comprimiria; e os constituídos por uma sala, um quarto e uma limitadíssima cozinha.

O Capitalismo constrói para "garçonnières". A hipocrisia fechou o degradante comércio da prostituição, mas facilitou as transações sexuais multiplicando o número de apartamentos onde cavalheiros podem repousar algumas horas como se estivessem na ilha de Cítera, de sorte que os pais de família, acumulando-se com os filhos e filhas, como sardinhas em lata, contam com ótima vizinhança, cujas relações podem ser utilíssimas para desencaminhar mocinhas de colégios ou de repartições e para mostrar aos rapazes como é que as coisas se fazem...

O tema exige muitas páginas. Paremos, por agora, nestas considerações, diante das quais pergunto aos meus leitores: existe algum comunista que seja mais comunista do que o Capitalismo, neste mundo ocidental que se está decompondo aceleradamente?

A TÚNICA JOGADA AOS DADOS

Muitos são os pedaços da Verdade espalhados pelo mundo. Mas a Verdade total, ou simplesmente a Verdade, está no Cristianismo.

É preciso examinar, com espírito isento de prevenções, tôdas as doutrinas que procuram orientar o Homem para a realização da sua vida pessoal, social, econômica, jurídica, dentro dos círculos familiar, nacional ou universal, para se compreender o mistério da túnica inconsútil de Cristo.

Os soldados romanos, aos pés da Cruz, considerando que aquela túnica tecida, de alto abaixo, sem costuras, não deveria ser dividida, resolveram jogá-la aos dados. Quem tirasse o maior número seria dono da túnica.

O ruído daqueles dados sôbre o tambor atravessa vinte séculos e vem ressoar em nossas almas, como um aviso, na confusão dos dias presentes.

E, então, examinamos os estilhaços da Verdade que os homens tomam como se fôsem a Verdade inteira, e verificamos serem autênticos, embora incompletos ou mutilados. E, juntando todos, como fazem os arqueólogos com os pedaços de mármore que as escavações descobrem, encontra-

mos os lineamentos rítmicos da estátua em que a intuição dos povos exprimiu a imagem maravilhosa.

Cada sistema filosófico, cada concepção religiosa, cada doutrina política e social traz consigo algo de verdadeiro no que concerne à interpretação do Universo e do Homem, ou no que se refere às normas éticas do procedimento humano. Mas, do mesmo modo como à Vênus de Milo faltam os braços e à Vitória de Samotrácia falta-lhe a cabeça, também a tôdas as concepções doutrinárias ou regras morais, engendradas pelos filósofos e pensadores apartados de Cristo, faltam sempre alguns, ou quase todos os elementos de composição da Verdade completa.

E justamente pelo fato de cada grupo tomar a sua fração de verdade e pretender que ela seja integral, os homens lutam uns contra os outros, sem perceber que a porção de verdade que conduzem iria — junto às outras partes que outros conduzem — formar a verdade inteira.

Não se falando nas centenas de partículas de Verdade que andam nas filosofias e nas religiões do mundo, para só nos referirmos ao que se passa na esfera do mundo político da nossa atualidade, chegamos à conclusão de que o grande esforço do homem-cristão do nosso tempo deve ser no sentido de harmonizar os fragmentos esparsos pelos quais os homens se estraçalham, para compor a perfeita harmonia.

Fala-se hoje muito numa primeira, numa segunda e numa terceira posição em face dos conflitos internacionais. Eu proporia uma quarta posição, que procure nas três primeiras o que há de certo e que acrescente o que falta a qualquer das três orientações em choque.

A primeira posição é a do socialismo — direi mesmo do comunismo.

A segunda é a do capitalismo.

A terceira é a do nacionalismo, que pretende reagir tanto contra o comunismo como contra o capitalismo.

PRIMEIRA POSIÇÃO

Na posição do socialismo existe uma verdade assentada sobre uma base de erro, base que é a concepção materialista do mundo.

A verdade veio remotamente da sede de justiça de que nos fala o Evangelho e que teve expressão política na Utopia de Tomás More, como tivera na Antiguidade, em Platão e nas revoluções agrárias da República Romana; e propagou-se nos fins do século XVIII, através da Revolução Francesa e, no século XIX, através dos socialistas utópicos do tipo de Fourier e Saint Simon.

Mas, do mesmo modo como êstes sonhadores da justiça social se afastavam de Deus, os seus sucessores — os chamados socialistas científicos,

também se afastaram de qualquer consideração dos fins sobrenaturais do Homem. E, mais ainda: procurando no experimentalismo das ciências o alicerce da sua conceituação social e política, foram ao extremo, proclamando o ateísmo dogmático, como princípio, e o materialismo como sistema e método de crítica e de construção.

São êstes socialistas científicos, ou marxistas, os que hoje estão em campo, sob duas feições que se distinguem pela diversidade da técnica de ação política: os comunistas da III Internacional subordinados ao comando da Rússia Soviética, e os socialistas da II Internacional (que hoje, de certa maneira, se unem à IV Internacional, correspondente à linha de Trotsky).

Sendo a sua origem filosófica a mesma (materialismo inglês e idealismo alemão) temos de considerá-los, pela sua identidade de princípios, uma unidade política, ainda mesmo que as duas correntes se contraponham na prática.

Constituem ambos a chamada primeira posição.

No que concerne à justiça social que dizem pleitear (e hoje é fora de dúvida que o comunismo, pelo menos, já perdeu êsse sentido, uma vez que se tornou um mero instrumento de dominação do imperialismo russo) no que concerne àquela proclamada aspiração de justiça, nada temos a opor, em princípio, e o próprio Papa Pio XI, na Encíclica "Quadragesimo anno", excluindo o comunismo como

"intrinsecamente perverso", não deixa de notar que muitas reivindicações propostas pelo socialismo (não tôdas) coincidem com legítimas aspirações cristãs. Mas, em tudo o mais, o socialismo é êrro e sòmente êrro. Pelo que o mesmo Pontífice adverte aos católicos que não devem, de forma alguma, aliar-se aos socialistas. Mas há, ainda um outro pedaço de verdade contido no socialismo marxista: é o que se refere à crítica do sistema capitalista, ao estudo do desenvolvimento do capitalismo, até à sua própria auto-destruição.

Assim como o socialismo utópico dos franceses corresponde ao utilitarismo empírico dos ingleses (Bentham e James Mill), também o socialismo dito científico de Marx corresponde ao utilitarismo científico contido no sistema evolucionista de Spencer. E assim como neste encontramos observações práticas de uma realidade evidente, também encontramos no marxismo irrecusáveis conclusões acêrca da origem, desenvolvimento e fim do capitalismo.

É com base nessa crítica marxista que apreciaremos a segunda posição, isto é, a posição do capitalismo.

SEGUNDA POSIÇÃO

Começaremos dizendo que, se o socialismo contém aquelas duas verdades no meio de centenas de mentiras, também o capitalismo contém pedaços

de verdade autêntica, no meio de outras tantas mentiras.

A verdade contida no capitalismo é a relativa ao respeito em que toma a iniciativa individual, a liberdade dos indivíduos (não direi pessoas) a qual se consagra nos postulados liberais democráticos. Esse respeito envolve o direito de propriedade, o da livre manifestação do pensamento e das convicções políticas, em suma os direitos humanos fundamentais, embora tomados numa acepção agnóstica. Os êrros do capitalismo originam-se da concepção utilitária da vida, sem nenhuma consideração pelos fins transcendentais do Homem. Ele criou a mentalidade burguesa. A sua fonte real está no utilitarismo inglês, que foi no século passado a grande fábrica do sancho-pancismo que desgraça o mundo moderno pela ausência dos ideais superiores do Homem.

O Capitalismo identifica-se com o Socialismo e até com o Comunismo, porque como êstes é materialista. E as desgraças do homem trazidas pelo coletivismo absorvente e totalitário são conseqüências do individualismo exagerado do mundo capitalista. Esse individualismo enfraquece as resistências dos grupos humanos familiares ou nacionais e prepara o advento do coletivismo marxista. Mas o Capitalismo precisa dêsse individualismo, a fim de ter campo livre para suas explorações, para sua opressão às pessoas e às Nacionalidades. Pugnando pelo individualismo sem freios, não pode evitar que os

oprimidos, os revoltados se utilizem dessa válvula para dar expansão à sua luta contra o próprio Capitalismo. A crítica marxista ao Capitalismo demonstra que, na livre concorrência, os mais ricos vão eliminando os menos ricos, levando-os primeiro para a classe média e finalmente para a proletarização. O fabricante, pois, do Comunismo, é, em última análise, o Capitalismo.

TERCEIRA POSIÇÃO

Reagindo contra as duas posições — do Socialismo-Comunismo e do Capitalismo —, surge a terceira: o Nacionalismo. Também, como as duas outras correntes, contém verdades. Para se defender do Comunismo, procura realizar a justiça social executando uma política do tipo trabalhista, ao mesmo tempo ampliando a ação do Estado pela intervenção na livre concorrência. Para se defender do Capitalismo, exacerba o patriotismo e deturpa essa nobre virtude, transformando-a em puro jacobinismo isolacionista, numa época em que os problemas econômicos dos povos se entrosam numa correlação inevitável. Esse Nacionalismo-Socialista, que domina numerosos países, entre os quais a própria Inglaterra de velhas tradições liberais, tranca as nações dentro de suas fronteiras, quer no referente à vida econômica, quer no que importa às relações políticas. Como se vê, há verdades nessa atitude, principal-

mente quando combate os dois monstros apocalípticos do nosso tempo; mas há erros perigosos no exagero. Pois o monstro mais terrível, que representa perigo mais imediato ao mundo, é o Comunismo. E o exagero da luta (sob todos os pontos de vista justa) contra o Capitalismo, não deve levar a um isolacionismo que só pode favorecer aos desígnios cruéis de Moscou.

A QUARTA E PERFEITA POSIÇÃO

A nossa obra, no Ocidente, deve ser a de verdadeira catequese cristã no mundo capitalista e no mundo nacionalista. Expungir-lhes os erros, fundi-los numa só expressão de defesa dos valores morais oriundos de Cristo e que ainda sobrevivem apesar do paganismo em que nos temos afundado.

Precisamos de missionários para esta obra pela construção da Unidade Cristã do Ocidente. União cristã contra o materialismo: eis o nosso brado angustioso. É a quarta posição, em que deverão juntar-se os fragmentos de verdade das três primeiras, nesta hora grave do mundo.

O rumor dos dados dos soldados romanos aos pés da Cruz deve despertar-nos. Para que compreendamos o misterioso símbolo da túnica inconsútil. O qual não é apenas símbolo de unidade e de expressão total da Verdade, mas ainda o símbolo de uma união de homens e de nações, sem a qual sucumbiremos na pavorosa catástrofe.

AOS QUE DIZEM:

“OS ESTADOS UNIDOS NÃO
DEIXAM...”

É comum ouvirmos de muitos brasileiros inapetentes para a luta e entregues ao egoísmo de suas comodidades particulares, esta frase reveladora do mais triste espírito de demissão nacional: “Qual! Não há perigo do comunismo vencer no Brasil, pois se aqui houvesse um movimento sério dos vermelhos, os Estados Unidos interviriam”.

Em primeiro lugar, essa atitude representa uma abdicação da nossa soberania, uma vergonhosa deserção de nossos deveres, pois nunca, em hipótese alguma, deveríamos consentir e nem mesmo pensar, em nos valermos de forças estrangeiras para defender nossa casa.

O exemplo magnífico que nos legaram os brasileiros do século XVII, os quais desamparados pela Metrópole, levantaram-se sòzinhos e com suas próprias energias varreram de nosso solo os holandeses, deve ser presente na memória das gerações dignas e varonis, como um incitamento ao cumprimento dos nossos deveres de povo livre.

É preciso não fazer confusão sobre o Acôrdo Militar Brasil-Estados Unidos, documento assinado por duas nações igualmente soberanas, o qual pertence à categoria dos pactos ofensivos e defensivos, consagrados pelas relações e mútuos interêsses de nacionalidades, no transcurso da História.

São dêsse teor a aliança de Portugal e Inglaterra, que conta alguns séculos de existência; o pacto entre Espanha e Portugal, que salvaguardou a neutralidade dos dois países na última guerra; o recente pacto do Atlântico, para defesa da Europa Ocidental e do nosso Hemisfério; os velhos pactos das Nações Européias tendentes a resguardar o equilíbrio do Continente, como a Santa Aliança, depois do Congresso de Viena.

Tais alianças, pactos, tratados, acordos, em nada diminuem a soberania das Nações signatárias.

Já não se pode dizer o mesmo das intervenções estrangeiras na vida interna das Nações. E é para essa intervenção que apela os demissionários da nossa honra, os apáticos e abúlicos, que não querem desviar nem tempo e nem energia de seus negócios particulares, de sua politicagem partidária e de seus prazeres burgueses.

Em segundo lugar, abstraindo-se o aspecto vergonhoso dessa abdicação, devemos encarar a parte prática. E então, perguntaremos: os Estados Unidos estão em condições de nos vir acudir no caso de irrom-

per aqui, com caráter grave, uma revolução comunista?

Os telegramas que os jornais vêm publicando nestes últimos tempos, demonstram que os Estados Unidos se encontram a braços com problemas muito sérios de sua ordem interna e de sua própria defesa nacional. Vejamos, primeiro, êste telegrama da "France Press", publicado no "Jornal do Comércio":

"*Washington*, 13 (A. F. P.) — O Senador Mac Carthy anunciou que apresentará à comissão de inquérito uma pessoa que provaria que a obra utilizada pelos serviços de informações do Exército americano, tinha sido indiretamente influenciada pela Rússia.

O Senador precisou que sua testemunha "trabalhava no Ministério soviético das Relações Exteriores, no momento em que um homem, residente em Londres, escrevia um livro que foi utilizado em seguida para doutrinar e instruir os militares americanos sobre o comunismo."

Essa testemunha explicaria como a embaixada da Rússia em Londres tinha fornecido ao autor do livro em questão diretrizes de propaganda. Consoante o Senador Mac Carthy, o livro era ainda utilizado pelos serviços de informações do Exército, em dezembro de 1952.

Considera-se em Washington que a declaração do Senador da Wisconsin constitui sua resposta à

acusação feita contra êle, sexta-feira, pelo Departamento da Guerra.

Sabe-se que Mac Carthy declarará quarta-feira que um manual dos serviços de informações estava cheio de propaganda. O Departamento da Guerra respondeu no dia seguinte, recriminando ao Senador haver publicado, aliás em parte sòmente, um documento classificado como "confidencial."

Estão vendo? Trata-se, nem mais nem menos, de uma infiltração nas Fôrças Armadas Americanas. Mas, no prosseguimento de sua obra de desintegração das Nações Livres, o regime escravizador da humanidade desenvolve a sua propaganda e as suas organizações subversivas em outros setores.

Por exemplo: o telegrama da United Press, que extraímos do "Diário de São Paulo", no qual se revela a infiltração do comunismo nas igrejas protestantes e até na igreja católica dos Estados Unidos.

Transcrevamo-lo:

"*Washington*, 12 (U. P.) — A Comissão das Atividades Subversivas da Câmara dos Representantes divulgou as declarações secretas que sob juramento foram prestadas no seio da Comissão, e segundo as quais seiscentos clérigos dos Estados Unidos pertencem ao Partido Comunista. Alegam as declarações que a infiltração comunista na Igreja dos Estados Unidos teve um êxito superior à expectativa dos próprios comunistas.

As declarações foram feitas em caráter reservado por quatro ex-dirigentes do Partido Comunista, numa sessão que teve lugar em Nova York, em julho último, e serviram de base para as perguntas que foram feitas mais tarde, durante uma visita do bispo Bromley Oxnam ao reverendo Jack Richard. O reverendo Mc Michael, que foi diretor da Federação Metodista de Ação Social, é um dos acusados de relações comunistas. Mc Michael negou as acusações sob juramento e suas declarações foram transmitidas ao Departamento da Justiça, para que esta investigue a fim de ver se foi cometido o perjúrio. Foi Joseph Zack Kornfedder, que se fêz comunista em 1919 e cursou a Escola de Guerra Política de Moscou, quem fêz a série de denúncias. O melhor exemplo de infiltração comunista na Igreja, segundo declarou Kornfedder, foi o da Federação Metodista de Ação Social encabeçada pelo Dr. Harry Ward, e o do Instituto Popular de Reunião aplicada, presidida pelo reverendo Claude Williams. Ambos pertencem ao Partido Comunista. Disse Kornfedder que, segundo seus cálculos 600 clérigos são membros secretos do Partido Comunista, e de 3.000 a 4.000 têm simpatias comunistas.

Os outros três ex-comunistas que prestam declarações na reunião secreta, foram Manning Johnson, Benjamim Gitlow e Leonard Patterson. O primeiro é atual funcionário do Departamento das Investigações a serviço da imigração e naturalização; o

segundo foi secretário geral do Partido Comunista até 1929, e o último foi figura de destaque no referido partido. Declararam êles que os comunistas alcançaram magnífico êxito na infiltração da Igreja Metodista. Gitlow também declarou que o Congresso da Juventude Norte-Americana, da qual foi diretor o reverendo Mc Michael, caiu sob o domínio dos comunistas, que lograram assim acesso à Casa Branca. Disse também Gitlow que o presidente Roosevelt deu audiência aos representantes do grupo e que a Sra. Roosevelt assistia às suas "conferências."

Estão vendo? Pois bem, isso é o que se passa nas igrejas protestantes. Vejamos agora o que se passa na ONU e nas organizações católicas dos Estados Unidos. Na ONU (isso é sabidíssimo...) a infiltração comunista constitui um fato mundialmente notório. Entre os católicos, todos nós sabemos os estragos feitos pelo "maritanismo" e pela política da mão estendida. Mas leiamos êste telegrama da ANSA:

Nova York, 13 (ANSA) — Simultâneamente com a instalação da nova Assembléia Geral da ONU, iniciar-se-á em Nova York a investigação do Senador McCarthy sôbre a infiltração comunista na Organização das Nações Unidas. Por sua vez, o Senador Jenner, presidente de uma outra comissão senatorial de inquérito publicou um relatório sôbre a infiltração comunista, entre 1930 e 1940, nas organizações católicas dos Estados Unidos. Também o

presidente do Conselho Internacional das Igrejas Cristãs, Mac Intire realizou um inquérito e verificou que os comunistas são muito ativos tanto nas missões protestantes como nas Igrejas Batista, Metodista e Presbiteriana dos Estados Unidos.”

Estão vendo? Agora leiam esta notícia recentíssima:

“Agentes do Departamento Federal de Investigações detiveram Joseph Sidney Petersen, alto funcionário do Serviço Nacional de Segurança, organismo cuja função é interceptar mensagens cifradas e de decifrar chaves de códigos utilizados por potências estrangeiras. O diretor do FBI, Sr. J. Edgar Hoover, declarou hoje aos jornalistas que Petersen se apossou ilegalmente de diversos segredos militares dos Estados Unidos. Petersen foi professor de física na Universidade de Loyola e trabalhava no Serviço de Segurança como decifrador de códigos desde 1941.

O funcionamento do Serviço Nacional de Segurança tem caráter tão secreto que não é mencionado nem na lista de telefones privados do Pentágono. Tudo o que se sabe a respeito é que o organismo mantém uma grande rede de interceptação de mensagens radiofônicas e está dotado de um completo laboratório de análise de mensagens cifradas. O diretor do Serviço de Segurança, general Ralph Canine, negou-se a fazer comentários sobre a de-

tenção de Petersen e os informantes do Departamento de Defesa declararam que nada têm a acrescentar ao comunicado do F. B. I."

Note-se que só nos referimos a fatos publicados pela imprensa, porquanto muitos outros há, de grosso calibre, que a conveniência da continuidade de observações confidenciais aconselha não divulgar. Mas aqueles que, depois destas transcrições, ainda estiverem em dúvida, virem a página e leiam o capítulo seguinte, onde o caso de Oppenheimer se apresenta com eloqüência impressionante.

Tratemos de nos defender, por nós mesmos, e de unir os nossos esforços aos de todos os povos da América, para nos opormos, varonilmente, à escravidão da Humanidade, em nome da Liberdade, que ilumina a História do Hemisfério Ocidental.

Talvez daqui parta o grande movimento libertador dos povos do Novo Mundo. Revivamos a glória de Bolivar, de Washington, de Hidalgo, de San Martin, de Sucre, de O'Higgins, de José Bonifácio, de Pedro I, de todos os que lutaram para que sejamos no Hemisfério Ocidental, um conjunto de comunidades dignas e livres.

Povos da América! Unamo-nos contra a escravidão! Unamo-nos sob a bandeira de Cristo e da honra das nossas Pátrias!

OPPENHEIMER E PETROV

Já repeti centenas de vêzes, em discursos, em conferências, em artigos, em livros, e agora repito mais uma vez: todos os processos, todos os meios usados, até hoje, pelos adversários do comunismo, para combater a mais terrível das ameaças contra a humanidade, são processos e meios errados.

Sim, são processos e meios materialistas, oriundos de uma concepção materialista do problema. Porque decorrem de dois erros fundamentais:

1.º) — dar caráter exclusivamente econômico às crises sociais;

2.º) — Julgar que a Rússia Soviética pode ser dominada por meios físicos (bomba atômica etc.) e que o comunismo pode ser debelado por meios materiais (solução econômica pelo enriquecimento do país e pela elevação do padrão de vida das massas populares).

Se o materialismo histórico e dialético dos comunistas se baseia nos termos econômicos com que êle arma a equação social, isso não passa da sua parte teórica, reduzida depois em termos práticos, na efetivação do Estado Socialista. Pois no tocante à parte política e revolucionária, ao desenvolvimento

da ação no sentido da conquista do mundo, o comunismo adota princípios opostos aos da sua teoria econômico-social, porque se utiliza dos fatores espirituais (psicológicos e éticos) sem os quais não poderia atingir os seus objetivos.

Quem, à custa de longas e duras experiências, está senhor dos planos e dos instrumentos estratégicos e táticos do comunismo, não pode deixar de considerar inócuos e inoperantes os meios usados pelos governos democráticos, pelas chamadas classes conservadoras, pelos partidos que pretendem erigir-se em sucedâneos ou a funcionar como derivativos das aspirações marxistas erroneamente atribuídas à classe proletária.

* * *

O comunismo, como ação político-revolucionária, é fenômeno puramente psicológico o qual atinge pessoas de qualquer classe, até mesmo das classes favorecidas e usufrutuárias do sistema capitalista. A zona social onde mais se observa a contaminação marxista e o processo de transformação psíquica no sentido do fanatismo, é, sem dúvida a das profissões liberais, do alto funcionalismo e dos escalões militares superiores.

Como consegue o comunismo insinuar-se nos espíritos produzindo-lhes a intoxicação de que procede aquêle estado de alma que dita as normas do comportamento e influi na própria expressão fisionômica dos indivíduos?

Consegue mediante uma tenaz propaganda doutrinária de múltiplas feições cada uma aplicável a um tipo de personalidade. Daí a variedade assombrosa dos gêneros literários utilizados na conquista de novos adeptos.

O trabalho é sistemático, metódico, minucioso, particularizador, de ação oportuna, breve ou prolongada, mas de qualquer modo eficiente. Vem sendo desenvolvido desde 1918, abrangendo todos os campos das atividades intelectuais humanas. E cresce, de ano para ano, de modo assustador.

Há os argumentos para os cientistas, como os há para os escritores, os artistas da pintura, da música, da escultura, da arquitetura, como também os há para os juristas, os militares, os professôres. Há os temas para os frios racionalistas e os destinados aos sentimentais e impulsivos. É uma caudal de livros, em tôdas as línguas e para todos os graus de cultura; uma onda incessante de opúsculos, de revistas, de jornais, de boletins, de mimeografados. A torrente escorre e engrossa, há trinta e cinco anos. Os elementos conquistados vão, por sua vez, atuar nos setores que se lhes designam. Quase sempre, na imprensa burguesa, onde subrepticiamente infiltram o vírus doutrinário, ou fazem a política dos títulos, da paginação, da reportagem, como no caso de Arthur Koestler, conforme o depoimento dêle mesmo...

Os motivos econômicos são meros instrumentos para conduzir as massas populares e manobrar os in-

cautos, levados exclusivamente pelo canto de sereia das reivindicações, sem que se lhes diga uma só palavra pela qual se desmascarem os líderes que os movimentam como comunistas, a serviço de uma doutrina anti-humana. Os motivos nacionalistas são a maior das hipocrisias da técnica bolchevista, que com êles arrebanham a serviço do anti-nacionalismo os mais acérrimos adeptos do nacionalismo.

E, dêsse modo, a praga maldita vai se alastrando em todos os países.

* * *

Estas considerações são indispensáveis para se compreender os dois casos sensacionais: o de Oppenheimer e o de Petrov.

Oppenheimer é um grande cientista, um mestre de física nuclear, um matemático eminente, um químico notável, numa palavra: uma das maiores autoridades em assuntos de energia atômica. A sua posição oficial no grupo de cientistas e técnicos aos quais está confiado o mais importante problema da guerra moderna, nos Estados Unidos, era a posição mais alta e mais brilhante.

Pois bem; foi revelado ao mundo que Oppenheimer tem ligações secretas com o Partido Comunista, desde 1941. Contra êle se articularam cinco ítems irretorquíveis, incluindo-se o que o acusa de estar aproveitando para o serviço, que é secretíssimo, elementos do partido de Moscou. Foi, por isso, demitido de suas funções,

É a repetição do caso ocorrido há anos no Canadá, quando por denúncia do diplomata soviético Igor Gouzenko, (ler "A cortina de ferro", livro daquele diplomata), descobriu-se que altos funcionários, industriais, militares e um grande cientista estavam, no setor das pesquisas atômicas canadenses, a serviço de Moscou. Diversos dêsses traidores da Pátria foram condenados e alguns ainda cumprem a sua pena. Mas os responsáveis pela segurança dos Estados Unidos continuaram dentro daquela boa fé, daquela candura com que o Kremlin sempre contou em seu favor.

Nos próprios Estados Unidos, em consequência das revelações de Elizabeth Bentley e de Kravchenco, descobre-se que o homem de confiança de Roosevelt, o astuciosíssimo Alger Hiss, estava a serviço dos Sovietes. Esse Hiss, que atualmente cumpre a pena de vinte anos de prisão, foi homem para o qual Stetinius e Dean Acheson não tinham mistérios. Foi o arquiteto do acôrdo de Yalta, pelo qual Roosevelt entregou à Rússia metade do mundo. Igual descoberta se fêz em relação a White, homem particularmente ligado a Truman e mercê de quem se possibilitou uma larga e profunda infiltração comunista no Departamento de Estado Americano.

Em França, o casal Curie, especialista em energia atômica, é conhecidamente comunista. A infiltração bolchevista naquele país revela-se todos os dias, como no recentíssimo caso Mons. A *United*

Press anuncia que "Jean Mons, secretário geral permanente do Conselho de Defesa Nacional, foi afastado de seu cargo. O decreto pertinente assinado pelo presidente da República, diz que a "negligência" do funcionário tornou possível a filtração de segredos de Estado para o Partido Comunista. Mons foi acusado de pôr em perigo a segurança externa do país e, conseqüentemente, será julgado junto com seus auxiliares e espiões confessos, René Turpin e Roger Labrusse."

Da Inglaterra fugiu há tempos para a Rússia um dos grandes técnicos de energia atômica. Aqui mesmo, no Brasil, continua a exercer o magistério, da Faculdade de Filosofia de São Paulo, o professor Schoenberg, que foi deputado do P. C. B. e fez ainda recentemente uma viagem à Rússia.

* * *

Isto para só se falar de cientistas e de especialistas em energia atômica. Porque no campo da pedagogia, da arquitetura, das artes plásticas, da literatura, todos os países estão repletos de elementos de Moscou.

O ensino, tanto o superior como o secundário, particularmente o secundário, está a cargo de professores entre os quais elevadíssima é a percentagem de comunistas ou materialistas que preparam o clima para o comunismo.

A crítica literária e de arte é dominada em todos os países por elementos ou comunistas ou esquerdistas, que constituem as linhas auxiliares das legiões vermelhas.

Sendo lançados como "grandes valores" os que gozam da bem-aventurança moscovita, a alta burguesia, os capitalistas e banqueiros mandam construir seus edifícios, pintar suas paredes, decorar com quadros modernistas as suas salas, utilizando-se de tais "croques", porque é "chique" estar de bem com os nomes em voga.

Essa tolerância dos burgueses "snobs" cria um clima propício à tolerância dos governos; e estes tratam de aproveitar os "grandes valores", que as mais das vezes são esplêndidas nulidades, nos altos cargos administrativos, entregando, desta sorte, a Moscou, os postos chaves da própria defesa nacional.

Tal complacência, entretanto, já é fruto, também, da atmosfera criada pelo grande número dos intoxicados pelas doutrinas marxistas. Esse número cresce na proporção do dilúvio de publicações lançadas sobre o mundo pelos conquistadores de almas. Cresce a tal ponto que o historiador inglês Toynbee, referindo-se à invasão dos maometanos na Europa, escreve: "Como o comunismo, o Islã manejava a espada do espírito contra a qual os armamentos materiais não constituíam defesa". E, mais adiante: "A arma comunista que tanto está inquietando

os Estados Unidos é a máquina espiritual da propaganda”.

Foi essa propaganda que deu ao imperialismo soviético um “quinta coluna” em cada país: o partido comunista local. Foi essa propaganda que levou as nações a acreditar que as representações diplomáticas russas são simplesmente diplomáticas. Do mesmo modo como se toleram funcionários, militares, professores, cientistas, escritores, artistas no livre exercício de suas tarefas bolchevizadoras, também no convívio internacional são toleradas as representações diplomáticas da Rússia Soviética e dos países satélites de Moscou, como se elas fôsem da mesma natureza das demais.

E nem mesmo depois das sensacionais revelações dos documentos autênticos, as Nações do Mundo Livre tomaram as precauções indispensáveis à sua segurança.



Daí a surpresa do governo da Austrália no caso Petrov. Um diplomata russo, Wladimir Petrov, apresentou-se ao governo australiano e fez revelações gravíssimas sobre a espionagem soviética de que é centro propulsor a embaixada de Moscou naquele país. Pediu asilo ao governo de Sidney, que providenciou no sentido de pô-lo a salvo de agentes da N. K. V. D. (hoje M. V. D.), ligados à representação de Malenkov.

Não conseguiu, entretanto, o diplomata salvar sua mulher, a qual foi retida pelos algozes vermelhos e fêz declarações dizendo que seu marido certamente fôra raptado pelo govêrno da Austrália. O primeiro ministro Menzies protestou contra essa alegação, endossada pelo próprio embaixador russo em uma nota à imprensa. E muitos acreditavam que a mulher que falava como sendo espôsa de Petrov não devia ser sua espôsa, mas uma funcionária escalada para desempenhar êsse papel, quando um acontecimento sensacional trouxe luz completa sôbre o assunto. A mulher de Petrov estava sendo embarcada à fôrça num avião que deveria levá-la a Moscou. Aos gritos desesperados, arrastada por dois policiais da M. V. D., pediu asilo ao govêrno australiano. O próprio chefe do govêrno compareceu ao aeroporto e reteve-a. Os dois policiais russos, em face do ocorrido, solicitaram, também, asilo, tão certos estavam de que seriam fuzilados em Moscou se lá chegassem sem a mulher de Petrov. E o fato é que as revelações feitas por Wladimir Petrov são de suma importância, evidenciando, mais uma vez, que as legações e embaixadas da Rússia e dos países da Cortina de Ferro não passam de centros propulsores do partido comunista local e de espionagem em que se empregam traidores de sua própria Pátria.

Conclusão: estamos desarmados, estamos dormindo, estamos numa espécie de morte ou letargia tanto intelectual como moral, em nossas Pátrias, que

ainda vivem num mundo livre por longanimidade de Deus.

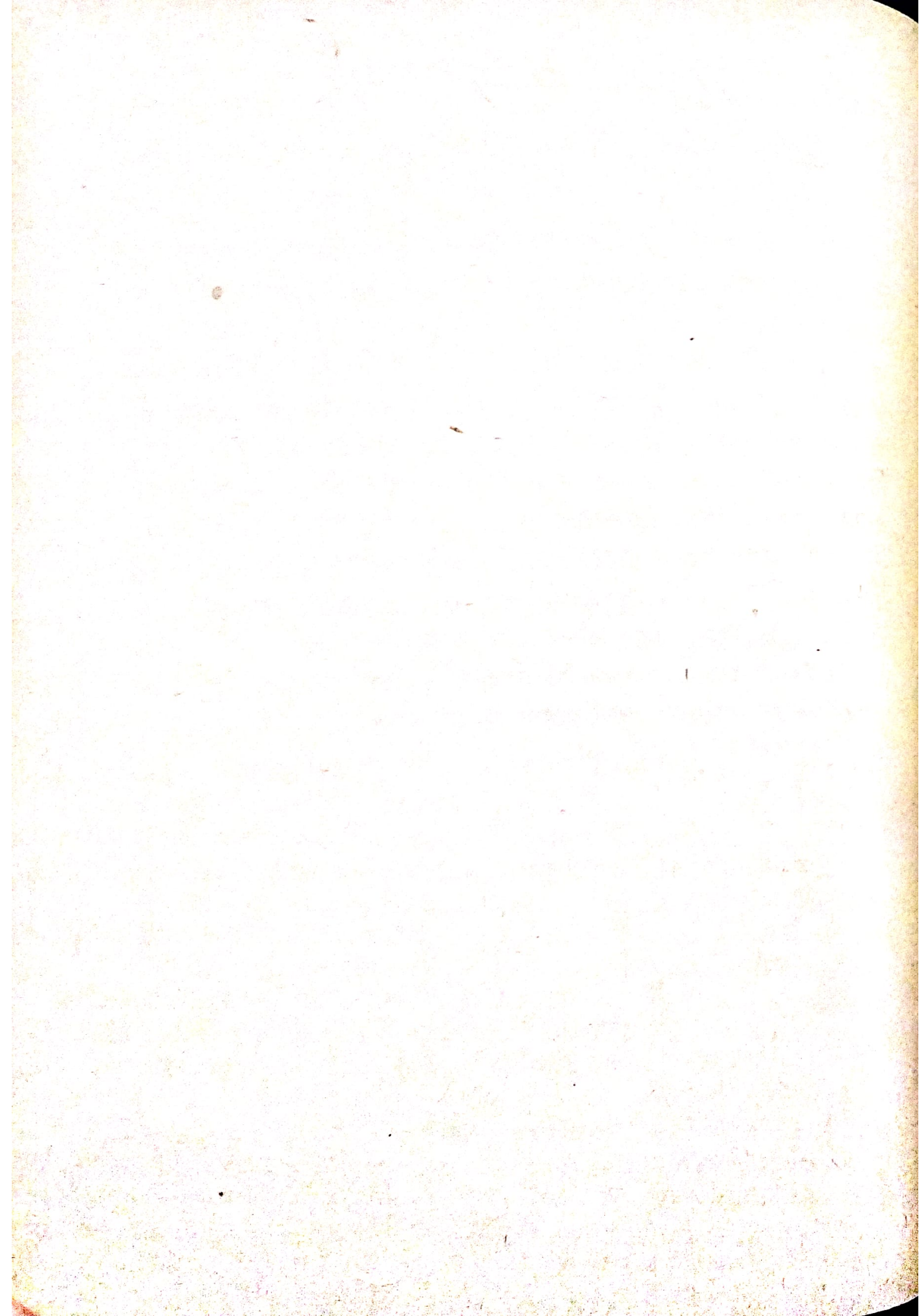
Continuamos a combater o comunismo das seguintes maneiras: 1.º) — julgando-o simples caso de polícia e esquecidos de que a polícia pode também ser infiltrada de soviéticos; 2.º) — encarando-o como uma simples possibilidade revolucionária e contando com os carros de assalto e metralhadoras do Exército, esquecidos de que os homens que vão nos carros e os que se plantam nas retrancas das metralhadoras podem já ter suas almas conquistadas pela Rússia; 3.º) — acreditando que resolvendo o problema econômico não haverá mais clima para o comunismo e fundando, para isso, partidos reformistas, que visam de sucedâneo (comunismo “ersatz”) à propaganda vermelha, esquecidos de que dessa forma fundamentam as premissas do primado econômico das quais o marxismo bolchevista tira as conclusões; 4.º) — cren-do piamente que as obras de assistência social fazem desaparecer os motivos de queixa dos revoltados, esquecidos de que as realizações de assistência constituem a maior prova de que existe um desequilíbrio econômico, o qual é o argumento básico da propaganda comunista.

* * *

O de que ninguém se lembra é de conquistar as almas. Para isso não se julga necessário despende

nem esforço, nem dinheiro, nem estímulo aos que lutam.

Aos que combatem, porém, o bom combate, resta um consôlo e uma esperança: não sofrerão, em caso de vitória do Mal, o que irão sofrer os indiferentes, os apáticos, os incrédulos, os gozadores da vida. Pois enquanto os que tudo vêem e que lutam sòzinhos serão, em caso de catástrofe, eliminados na primeira hora, os que olham sem ver e ouvem sem escutar serão poupados, para trabalhar no pesado, em campos de concentração, debaixo do chicote com que os filhos de Satanás comandam aquela horda de inativos e indiferentes, que Dante viu no inferno e em face dos quais se ergueu a frase fria como o gêlo: "non ragionar di loro, ma guarda e passa"...



DIEN BIEN PHU E A "COMEDIE FRANÇAISE"

Caiu Dien Bien Phu, reduto da dignidade francesa, baluarte do mundo livre. Não pôde resistir às forças imensamente superiores da Rússia Soviética e da China Vermelha, mas principalmente da Rússia Bolchevista.

Não nos prendamos, ingênuamente, aos aspectos formais dessa guerra, aspectos de que também se reveste a luta na Coreia. A guerra, na península coreana, para todos os efeitos dos mentirosos formalismos, não é uma guerra da Rússia, nem da China Vermelha. No entanto, só os cretinos e os que se fazem de cretinos (e nestes se incluem a ONU e a diplomacia do Ocidente), ignoram que o conflito é nitidamente russo, tem por detrás armamentos, munições, técnicos e massas de soldados soviéticos.

Da mesma forma os sangrentos episódios da Indo-China. Quem tudo promove é a Rússia, utilizando-se do Governo Quisling da China, o grande e pavoroso fantoche, o horrendo Frankenstein do Extremo Oriente movido pelas magias eletrônicas do Kremlin.

Para os efeitos da universal mentira, a Rússia é neutra nesta questão. E a França aceita essa patra-

nha, mantém relações diplomáticas com um Estado que está movendo a máquina de matar franceses.



A aceitação de tamanho absurdo como realidade jurídico-internacional, leva a França a sustentar, não apenas relações diplomáticas com o Urso Moscovita, mas também uma esdrúxula mancebia intelectual e moral com os algozes de seus filhos.

Assim, no momento exato em que o heróico general De Castries agüentava, à custa de rios de sangue de franceses, a praça de "Dien-Bien-Phu", os atores e atrizes da "Comédie Française" encontravam-se em visita afetuosa a Malenkov, exibiam-se em Moscou, confraternizavam com os assassinos de seus patrícios, faziam espírito com o Imperador Vermelho, manejando aquelas mesmas frases de requintada elegância que Paris vem produzindo desde o século XVIII . . .

Na verdade, existem duas França: a França de São Luís, de Joana d'Arc, e a França de Molière, de Voltaire, do Existencialismo. Uma França cristã, cavalheiresca, séria, grandiosa, e uma França das frases feitas, das elucubrações literárias, das operetas de Offenbach, dos teatrinhos e dos cafés, das bandalheiras de Montmartre e das ruas escuras da Bastilha, das frivolidades das casas de modas e dos cabeludos e sujos sequazes de Sartre.

Por isso, no momento em que os artistas da "Comédie Française" se deliciam em Moscou e se

fazem a delícia dos argutos dirigentes do Cominform, seus patrícios levam à cena uma tragédia moderna, mais forte e impressionante do que as antigas tragédias gregas e muito mais grave e verdadeira do que as amaneiradas peças de Corneille e de Racine.



Expressiva coincidência pôs em destaque, na mesma semana, essas duas França que marcham paralelas na História: a de Godofredo de Bouillon e a de Rabelais; a de Vercingetorix e a de Thorez . . .

A França verdadeira, a França imortal das Canções Rolandianas e das epopéias napoleônicas, essa França que esteve com Petain na resistência de Verdun, que vibrou com os "camelots du roi", nos esforços da "Action Française", que tentou reagrupar-se com De Gaulle, essa manifestou-se em Paris, sob a cutilada cruel da notícia vinda da Ásia, a anunciar a queda de "Dien Bien Phu". Mutidões enraivecidas se ergueram e se dirigiram ao verdadeiro inimigo, o único inimigo: o comunismo. Jornais bolchevistas foram empastelados, o presidente do Conselho, Laniel, foi vaiado. Uma onda de indignação contra a Rússia e o Partido Comunista avassalou todo o país.

A França existe. Era preciso uma derrota como a da Indo-China, que traumatizasse o corpo da Pátria e galvanizasse o espírito gaulês.

* * *

Agora, brilha uma esperança. O instinto nacional percebe o seu real inimigo. Faz tábua rasa dos formalismos jurídicos. Reage contra a hipocrisia diplomática. Sabe que as Nações Livres só têm um adversário, que manobra outros povos, que aciona governos títeres, que suscita falsas campanhas nacionalistas, que desfralda falaciosas bandeiras de liberdade, mas que pretende escravizar todo o gênero humano. Esse adversário é a Rússia Soviética.

Estamos fartos de mentiras. Uma só é a verdade. Não há outra. E um só inimigo se levanta contra a liberdade e a dignidade dos homens e das nações: o partido comunista, serpente que se enrosca no planêta e cuja cabeça está na Capital Vermelha, sob as cúpulas ofídias das tôrres do Kremlin.

A MAIOR TRAGÉDIA DA HISTÓRIA

O espetáculo que o século XX nos oferece é certamente o mais terrível da História. Todos os males que isoladamente se manifestaram, em outras épocas, vieram se conjugar em nosso tempo multiplicando as torturas e as angústias humanas.

Em outros tempos, houve tiranos; porém os limites geográficos de seu poder eram muito menores. E mesmo quando — como no caso do Império Romano — numerosas nações se submetiam, pela força das armas, ao domínio de um sistema hegemônico, o arbítrio do Poder Central se diluía, na proporcionalidade das distâncias ou se restringia pelo respeito às tradições dos povos dominados, ao seu modo de ser, às suas leis e costumes.

A política imperial não era uma doutrina; era uma norma. A submissão não constituía, pois, uma desintegração dos grupos nacionais. E não se desintegrando os grupos nacionais, mantinham-se íntegras as prerrogativas dos indivíduos a eles pertencentes. Pode-se mesmo dizer que a ação militar, visando o expansionismo do Império, feria exclusivamente os interesses dinásticos, substituindo, ou submetendo as

realezas locais. E, excluídas certas reformas do aparelho administrativo, os súditos continuavam a viver segundo as leis a que estavam anteriormente sujeitos.

* * *

Em nosso século, assistimos — sem que o mundo chamado cristão possa ou queira evitar — a um novo tipo de Império, escravizando um número de nações como jamais se verificou na História. Esse novo Império não se contenta em dominar politicamente os povos que submete, mas desintegra-os, atingindo-os nas suas estruturas sociais e, por consequência, ferindo os mais sagrados direitos humanos. Não usurpa apenas as prerrogativas dinásticas, mas arrebatam as soberanias nacionais; e não se contenta em arrebatar as soberanias, porque despoja cada ser humano de sua liberdade e de sua dignidade.

Esse Império — absolutamente novo — é o mais brutal de quantos a humanidade tem conhecido. Sob seu arbítrio gemem oitocentos e cinquenta milhões de seres humanos, para os quais a única esperança reside na catástrofe universal de uma guerra tão destruidora como jamais se terá visto.

* * *

Também em outros tempos houve escravidão; nem por outro meio foram construídas as pirâmides do Egito, as muralhas de Babilônia, as estradas roma-

nas, senão pela utilização de escravos. Mas, nem em número, nem em martírio, a escravidão antiga superou, sob qualquer aspecto, a escravidão moderna.

Mais de trinta milhões de escravos se encontram hoje nos campos de concentração da Rússia Soviética e dos países seus satélites. (Ler "Trabalho Forçado na Rússia Soviética", de David Dallin e Boris Nicolaevsk). Esses homens e mulheres vivem uma vida miserável. Os que fugiram dos círculos dantescos dêses infernos assombram os ocidentais com as suas narrativas.

* * *

O rigor dos tiranos de outros tempos nunca suprimiu o direito de ir e vir, o direito de residir onde se queira, o direito de possuir o que se ganhou com trabalho ou se herdou de pais que trabalharam; mas a tirania do nosso século subordina os súditos impedindo-os de viajar, de mudar-se, de morar onde apeteçam, de dizer "isto é meu", pois o Estado é o proprietário não só das coisas mas também dos homens.

* * *

A História nos fala de perseguições religiosas — entre as quais as desencadeadas pelos Césares contra o Cristianismo; — no entanto, aquelas perseguições não atingiam a essência do sentimento humano em relação ao "sobrenatural". Visavam

substituir uma religião por outra, mas não destruir a idéia de Deus no coração dos homens.

E hoje assistimos a mais tremenda das perseguições religiosas de que a História teve notícia. Ela se exerce, na vastíssima área do novo Império, sob a forma de violências atrozes: fechamentos de templos, prisão de sacerdotes ou ministros de tôdas as religiões, de fiéis ou crentes de qualquer confissão religiosa, espancamentos, torturas, calúnias, escravições, fuzilamentos ou mortes calculadamente e minuciosamente demoradas nos fundos dos cárceres ou nos campos de gelo. E também se exerce, quer nos domínios territoriais da tirania, quer nos países cuja conquista pelo tirano se prepara, mediante uma propaganda intensa de ateísmo e de grosseiro materialismo. O mundo nunca havia conhecido uma perseguição religiosa dêsse tipo, uma perseguição total e sem quartel.

* * *

Referem-se os historiadores a maldades tão grandes de certos governantes, que os coevos de tais verdugos, com justa razão, os apelidaram de monstros. Mas nem Calígula, o louco, nem o degenerado Nero mataram tanto e com maior perversidade do que os pavorosos personagens da Rússia Soviética.

O incêndio de Roma nem de leve se compara com a "fome dirigida", que assinalou os anos de 1930 a 1933 nas zonas russas do trigo, quando o

precioso cereal era tomado até ao último grão dos lavradores, para que o Estado lançasse o “dumping” nos mercados internacionais. Isso custou três milhões de mortes, principalmente de mulheres, de velhos e de crianças . . . E todos os assassínios praticados por Tibério, Cláudio, Calígula, Nero, e mais imperadores, se os somarmos não atingem os algarismos trágicos dos sucessivos expurgos levados a efeito por Stalin.

* * *

Êsse panorama de horror, entretanto, não constitui o que há de pior nos tempos atuais. O que há de pior é a confusão dos espíritos no mundo ocidental, é a cegueira dos povos, dos governos, dos homens de Estado, dos cientistas, dos filósofos, dos políticos e dos homens de negócio.

Temos chegado a tal confusão, que um grande número de pessoas e — o que é mais lamentável — de homens e mulheres cultos, olham com simpatia, ou como meros espectadores imparciais, o regime opressor cuja tirania ultrapassa a tudo o que poderiam engendrar os monstros mais imaginosos que a História conheceu.

Acenando com as falsas promessas da justiça social (como observou o Padre Leonel Franca num dos seus mais lúcidos escritos) aquêles verdugos da Humanidade conseguem não só atrair para as suas hostes os ignorantes bem intencionados, que tais pro-

fetas do Mal iludem com mil mentiras, mas — e isto é de pasmar! — logram arregimentar em seu favor intelectuais presumivelmente sabedores pelo menos, do que objetiva a doutrina do socialismo totalitário. Dir-se-ia que foi ministrado um entorpecente das faculdades de raciocínio a quantos não dispunham dos antídotos mentais anuladores da ação letárgica do *curare* do Comintern.

Professôres, juristas, escritores, cientistas, artistas, perderam a capacidade lógica de distinguir sofismas de silogismos. Tornaram-se inaptos a efetivar análises, estabelecer comparações, formular deduções e tirar conclusões. Infantilizaram-se. Pior: cretinizaram-se.

A respeito da vultosa literatura documental de quantos fugiram do inferno vermelho, ou tomaram contato com a vida na Rússia, e nos países por ela escravizados (por exemplo: Kravchenko, Igor Gouzenko, Padre Georges, Victor Serge, Boris Nicolaievsk, Koestler, Dallin, Silone, Peter Meyer, André Gide, Fisher, Tchernavin, Bertrand Russel, Alexandre Berkman, e tantos outros), os hipnotizados por Moscou dizem: “tudo isso é mentira, tudo isso são invencionices, de inimigos da U. R. S. S.”. Mas êsse mesmo argumento, na bôca dessas personalidades desintegradas pelos filtros do Kremlin, já não serve quando se trata de livros de pessoas cuja permanência na União Soviética ou nos países satélites não foi senão de dias ou de semanas, e isso mesmo subme-

tidas a um "turismo dirigido". Os que viveram anos a fio dentro do inferno comunista, nada sabem... Os que lá estiveram como convidados de honra, durante dias apenas, êsses sim, êsses são os tais que sabem tudo e viram tudo...



Os cérebros embotados ou atrofiados dêsse intelectualismo anêmico nem sabem ou podem estabelecer conexão entre a teoria e a prática do socialismo de Estado. Se soubessem, fácil lhes seria verificar quem fala a verdade.

Pois se o marxismo-leninismo é ateu e proclama como base de seu sistema o materialismo histórico e dialético, quem falará a verdade: os que narram perseguições às religiões, ou os que afirmam não haver essas perseguições?

Se o socialismo de Estado — forma de govêrno do marxismo-leninismo — objetiva a abolição da propriedade particular e a socialização de todos os bens, fato que não podem negar os que leram Marx, Plekanov, Lenine, Trotzky, Bucarine, Riazanov, Rosa Luxemburgo, Kautzi e outros, então, quem é que fala a verdade: os que narram a expropriação violenta das terras dos "kulaks", ou os que negam êsse fato?

Se o comunismo confere ao Estado um poder absoluto sôbre os indivíduos, os quais devem submeter-se às diretrizes do Poder (e isso está escrito em

todos os doutrinadores comunistas) então quem fala a verdade: os que nos contam a opressão cruel da polícia política (N. K. V. D., agora chamada M. V. D.), ou os que dizem não haver na Rússia e nos países seus escravos, qualquer perseguição policial?

Pelo mesmo motivo, quem diz a verdade? Os que nos informam da escravidão da literatura, da música, da pintura, da escultura, da arquitetura, pelo Estado Socialista Soviético, ou os que dizem existir ali plena liberdade de pensamento e de expressão?

Não seria preciso que ninguém escrevesse livros descrevendo os horrores da tirania russa; bastam, aos que sabem ler e raciocinar, os livros teóricos dos próprios autores comunistas . . .

* * *

Os homens de Estado, os políticos do Ocidente, êsses vivem num mundo irreal, fantástico, como que embebedados pela maconha ou pela cocaína. Acreditam em ficções jurídicas: um regime constitucional na Rússia e nos países escravos; uma soberania de fato dêstes países, que só a possuem idealmente e convencionalmente; a não-beligerância da Rússia na guerra da Coreia, isto é: a Rússia, como membro da ONU, toma virtualmente parte nos exércitos da mesma ONU, que combatem a mesmíssima Rússia alapardada nas montanhas da Coreia do Norte e a fornecer técnicos e armas aos chineses vermelhos que

matam soldados da referida ONU, à qual pertence a referidíssima Rússia . . . E assim por diante.

Dêse modo, enquanto uma Nação como a Espanha (que não tem campos de concentração como a Rússia; que não anexou um palmo de terra alheia, como fez a Rússia com a Letônia, a Estônia, a Lituânia, a Polônia, a Tcheco-Eslováquia, a Romênia), não pode fazer parte da ONU, por outro lado a Rússia e toda a sua corte de escravos tomam assento nessa engraçadíssima ONU, que aliás, aprovou, ratificou e referendou o presente da metade da Polônia que Hitler fez a Stalin . . .

* * *

Quanto aos comerciantes, o que querem é vender mercadorias. Não importa a dignidade de suas Pátrias, não importa a defesa nacional, não importa a infiltração de inimigos como vírus a corroer as estruturas vitais da Nação. O que interessa é vender café, vender cacau, vender algodão, vender minérios, vender areias monazíticas (para o monstro fabricar bombas atômicas), vender tudo, inclusive a honra de um povo. Para essa mentalidade, um bom negócio no balcão vale mais do que uma atitude ativa. Para isso, é preciso estabelecer relações comerciais e diplomáticas com os governos "quislings" da Tcheco-Eslováquia, da Polônia, da Hungria, da Romênia, com o tirano de Moscou, com a China Vermelha, com todos os diabos e com Satanás.

“Dar-te-ei todos os reinos da terra, se prostrado me adorares” — disse Satã a Cristo na montanha e, dizendo-o, disse a todos os homens, a todos os povos, a todos os governos, a tôdas as Nações, porque o Cristo não é apenas o Redentor, mas Homem-Deus, e Deus-Homem, pelo que representa, simboliza e encarna, em realidade viva, todos os sêres humanos.

A sedução de Mamon, a expressão demoníaca do Bezerro de Ouro, símbolo e espelho do espírito de avareza domina os homens de negócio . . .

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar a um e amar a outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamon”. São palavras de Cristo no Evangelho de S. Mateus (Cap. VI, v. 24). Mas os que só pensam em função do econômico, em função do lucro, em função da compra e venda, em função da mercadoria e do dinheiro, êsses não podem compreender a atitude de nações dignas como Portugal, que não precisou comerciar com criminosos assassinos de homens e de povos, salteadores de países, para usufruir uma situação econômica e financeira das mais brilhantes da atualidade. Nem podem compreender a sobranceria de um Estado Cristão, como é o de Espanha, que enfrentou o mundo, isto é, tôdas as nações, no término da última guerra, isolando-se com alma de paladino e vivendo como pôde, para não mercadejar a sua dignidade.



É êsse espetáculo no mundo ocidental que supera em horror aos horrores do mundo eurásico. Porque na Rússia e seus satélites, existem multidões de sêres humanos, com os corpos escravizados mas com as almas livres e glorificadas pela dor e pelo martírio. Ao passo que no miserável Mundo Ocidental os corpos são livres para ir e vir, para negociar, ganhar dinheiro, ostentar, luxar, gozar sensualmente, promover até revoluções, mas as almas são escravas da avareza do mercantilismo, da luxúria, da tolerância para com o Mal.

E essa é a maior das tragédias da História.

PALAVRAS AOS SURDOS E AOS CEGOS

Os acontecimentos de cada dia estão pondo a nu a realidade, que tantas vêzes tenho denunciado, aos cegos e aos surdos dêste país. E ainda que a verdade se evidencie em tôda a sua extensão, estou absolutamente convencido de que os surdos continuarão surdos e os cegos continuarão cegos.

Não pode deixar de ser assim, porque assim foi na China, assim foi na Hungria, na Polônia, na Rumânia, na Bulgária, na Tcheco-Eslováquia. Os homens são os mesmos em tôdas as partes do mundo, com suas paixões, seus sofismas, seus eternos subterfúgios, sua incredulidade.

E não são os mesmos apenas nas latitudes geográficas, porém nas longitudes históricas. Nenhum livro nos fala mais incisivamente e eloqüentemente dessa incredulidade dos homens do que a Bíblia, a qual registra os avisos que inútilmente receberam os reis e os poderosos sôbre as desgraças que ameaçavam a Nação. E da inutilidade de tais avisos fala-nos também a tradição grega na simbologia dos oráculos e no côro das tragédias de Sófocles, Ésquilo

e Eurípedes. Dêsse modo, as escrituras sagradas e profanas evidenciam-nos que os povos empedernidos em seus vícios e com a sua inteligência obliterada pelos interesses inconfessáveis, jamais ligaram a menor importância às advertências daqueles que sinceramente lhes desejavam a salvação.

De avisos prudentes a História está cheia, quer na literatura dos romanos, quer nas letras orientais onde não faltam vizires e muezins alertando califas e sultões, ou ainda nas crônicas dos Reis e dos Príncipes da Idade Média, como rememora tantas vezes o teatro de Shakespeare.

Nos dias que vivemos, não é preciso ser profeta bíblico, oráculo grego, áugure latino, iniciado em mistérios órficos ou pitagóricos, ou versado na sabedoria das sibilas e dos magos, para se fazer previsão do que vai acontecer na vida dos povos. Estamos no século científico e podemos usar tanto da lógica de Aristóteles como do indutivismo de Bacon, tanto do racionalismo como do experimentalismo. Com semelhante instrumental, é fácil prever o futuro, desde que se possuam os dados necessários à análise, à comparação e mais operações mentais de que derivam as conclusões.

Falemos objetivamente. Quem conhece: 1.º) — a filosofia materialista em que se baseia toda a vida burguesa do nosso tempo; 2.º) — a doutrina de Carl Marx nas suas origens, no seu desenvolvimento e nas suas conclusões; 3.º) — a história do

socialismo, através da 1.^a, da 2.^a e da 3.^a Internacionais; 4.^o) — os relatos e testemunhos da Revolução Francesa, da Comuna de Paris, da Revolução Russa, em seus pormenores; 5.^o) — os escritos e discursos de Lenine, de Trotzki, de Bucarine, de Zinoviev e de Stalin; 6.^o) — a organização e funcionamento do Comintern, com sede em Moscou e irradiação em todos os países; 7.^o) — o processo de transformação do Estado na Rússia Soviética; 8.^o) — as resoluções, as diretivas, os manifestos, os organogramas, as instruções e determinações da Internacional Comunista para todo o mundo e para cada país em particular; 9.^o) — a história pormenorizada da implantação do comunismo nos países hoje dominados pela Rússia; 10.^o) — os elementos concretos da organização do partido comunista no Brasil e na América do Sul, com um fichário tanto quanto possível completo dos traidores da nossa Pátria, cargos que ocupam, locais onde atuam, missões que recebem, partidos onde se infiltram, inocentes úteis que exploram, — quem conhece tudo isso encontra-se em condições de afirmar com toda a segurança o que vai acontecer.

Quem, entretanto, não se dá ao trabalho de se enfronhar nas matérias daqueles dez pontos não pode acreditar no perigo comunista, não pode levar a sério quaisquer avisos, principalmente os que contrariam os seus interesses pessoais.

Não é por prazer ou por antipatia que afirmo: fulano é comunista; os sindicatos tais e tais estão nas mãos dos agentes russos; o partido X cometeu um crime aliando-se ao partido Y, pois êste partido Y é um agente disfarçado do Comintern; o general Beltrano é suspeito, porque tem pessoa de sua família fichada no Partido Comunista; o funcionário Sicrano está exercendo a função tal, com perigo para a Nação, pois embora êle declare não ser comunista, todos os indícios são os de que está servindo a elementos do partido russo; êste industrial e aquêle banqueiro estão favorecendo, por medo ou por interêsse, a comunistas conhecidos; existem numerosos juizes e desembargadores cripto-comunistas e alguns comunistas declarados; as aulas daquele professor são aulas de marxismo; aquêle senhor, que se diz católico, ou aquêle outro, que se diz espírita, são na realidade elementos vermelhos; tais e tais associações de estudantes estão controladas pelo Consomol e subordinadas ao centro estudantil bolchevista de Praga; os deputados N e N' eleitos pela legenda dos partidos Z e Z' são comunistas, etc. etc.

Essas afirmações baseiam-se no conhecimento das estruturas do Comintern e na história da implantação do comunismo em outros países, pois o processo é o mesmo em tôda parte. Alicerçam-se nas diretrizes traçadas por Lenine e seus sucessores.

Um dos aspectos mais curiosos do Partido Comunista está na rígida norma imposta por Lenine, nos primórdios da Revolução Russa e adotada até hoje em todos os países, a qual determina: "o partido comunista não é um partido de massas; é uma minoria organizada, que deve manobrar e movimentar as massas; a sua força está em ser minoria". E, mais adiante Lenine explica: "nos partidos de massa, de minorias compactas, estas perturbam a direção férrea, a dura disciplina, diluindo-se a autoridade e enfraquecendo-se o comando; as massas devem ser dirigidas pelo partido comunista, não pertencendo entretanto aos seus quadros, pois dessa forma se podem explorar as reivindicações justas, até mesmo as reivindicações alheias à doutrina comunista, conduzindo-se as massas de sorte a atingirmos os fins revolucionários e o nosso domínio, os quais, se conhecidos, não seriam aceitos pelas correntes políticas e organizações que devemos comandar".

Estas são as diretrizes de Lenine em 1904, as quais separaram os comunistas nos dois ramos: o menchevista e o bolchevista. Os menchevistas, sob a direção de Martov, Axelrod, Vera Zazulich e Plekanov, pretendiam dar ingresso e direito de voto, dentro do partido, a toda a massa proletária, realizando uma organização democrática de larga envergadura. Mas Lenine ergueu-se violentamente contra, sustentando que o partido comunista só deveria

admitir como membros os que tivessem capacidade para desempenhar ativas tarefas revolucionárias, iludindo e conduzindo as massas descontentes e formando, por conseguinte, “uma disciplinada aristocracia de revolucionários”.

Tendo Trotzki, inicialmente, se oposto a Lenine, êste o refuta no folheto “Que Fazer?”, que é a cartilha dos comunistas até hoje. E diz: “Esqueceu-se Trotzki de que o partido é apenas um pôsto avançado e o dirigente da grande massa da classe trabalhadora, a qual em sua totalidade ou quase totalidade tem de trabalhar sob a supervisão e direção do mesmo partido, sem pertencer a êle e sem capacidade para a êle pertencer”. E não duvida em acrescentar que “um operário do tipo dos da Trade Union, preocupado sòmente com suas reivindicações, é um desprezível simpatizante, que deve ser utilizado para os fins da conquista do Poder pelos verdadeiros comunistas”.

Ora, sabendo-se isto e sabendo-se como atuaram os bolchevistas na Rússia em 1917 e como êles têm atuado nas regiões do globo onde fizeram prevalecer a bandeira da foice e do martelo, não se tem mais do que observar se tais princípios da estratégia leninista estão sendo praticados no Brasil. E, então, verificamos que a feição eleitoral do Partido Comunista Brasileiro não passa de um disfarce a esconder a realidade de uma organização secreta, fortemente

estruturada. Essa organização secreta (a aristocracia revolucionária, como a chamou Lenine) existiu, na vigência da legalidade do Partido Russo no Brasil. Foi grande o golpe que desfechou o patriótico govêrno do General Dutra sôbre os agentes russos, fechando-lhes o partido, pois com êste aberto os comunistas se acobertavam em imunidades legais para melhor desenvolver a sua parte secreta. Essa parte secreta desenvolvia-se e desenvolve-se pela infiltração nos quartéis, pela ação dos "comitês de empresa", que é o instrumento mais eficiente da revolução, como ficou provado nos países onde o comunismo dominou, mesmo sendo uma insignificante minoria. Para maior eficácia da ação desintegradora do Brasil, os comunistas substituíram a tão necessária cobertura do partido legal, pela preciosa cobertura dos sindicatos legais. E isso conseguiram pela dispensa do "atestado de ideologia" para o ingresso nos sindicatos e em suas direções, absurdo dos absurdos, em se tratando de uma República onde existe um partido proibido pela lei: o partido comunista.

Quando ponho em evidência êsses fatos, tanto os históricos como os atuais, os surdos e cegos inteiramente alheios a pavorosas realidades, e parecendo nada ter ouvido nem visto de quando lhes falei e mostrei, respondem com uma ingenuidade de pasmar: "os comunistas estão hoje perdendo o

admitir como membros os que tivessem capacidade para desempenhar ativas tarefas revolucionárias, iludindo e conduzindo as massas descontentes e formando, por conseguinte, "uma disciplinada aristocracia de revolucionários".

Tendo Trotzki, inicialmente, se oposto a Lenine, êste o refuta no folheto "Que Fazer?", que é a cartilha dos comunistas até hoje. E diz: "Esqueceu-se Trotzki de que o partido é apenas um pôsto avançado e o dirigente da grande massa da classe trabalhadora, a qual em sua totalidade ou quase totalidade tem de trabalhar sob a supervisão e direção do mesmo partido, sem pertencer a êle e sem capacidade para a êle pertencer". E não duvida em acrescentar que "um operário do tipo dos da Trade Union, preocupado sòmente com suas reivindicações, é um desprezível simpatizante, que deve ser utilizado para os fins da conquista do Poder pelos verdadeiros comunistas".

Ora, sabendo-se isto e sabendo-se como atuaram os bolchevistas na Rússia em 1917 e como êles têm atuado nas regiões do globo onde fizeram prevalecer a bandeira da foice e do martelo, não se tem mais do que observar se tais princípios da estratégia leninista estão sendo praticados no Brasil. E, então, verificamos que a feição eleitoral do Partido Comunista Brasileiro não passa de um disfarce a esconder a realidade de uma organização secreta, fortemente

estruturada. Essa organização secreta (a aristocracia revolucionária, como a chamou Lenine) existiu, na vigência da legalidade do Partido Russo no Brasil. Foi grande o golpe que desfechou o patriótico governo do General Dutra sobre os agentes russos, fechando-lhes o partido, pois com êste aberto os comunistas se acobertavam em imunidades legais para melhor desenvolver a sua parte secreta. Essa parte secreta desenvolvia-se e desenvolve-se pela infiltração nos quartéis, pela ação dos "comitês de empresa", que é o instrumento mais eficiente da revolução, como ficou provado nos países onde o comunismo dominou, mesmo sendo uma insignificante minoria. Para maior eficácia da ação desintegradora do Brasil, os comunistas substituíram a tão necessária cobertura do partido legal, pela preciosa cobertura dos sindicatos legais. E isso conseguiram pela dispensa do "atestado de ideologia" para o ingresso nos sindicatos e em suas direções, absurdo dos absurdos, em se tratando de uma República onde existe um partido proibido pela lei: o partido comunista.

Quando ponho em evidência êsses fatos, tanto os históricos como os atuais, os surdos e cegos inteiramente alheios a pavorosas realidades, e parecendo nada ter ouvido nem visto de quando lhes falei e mostrei, respondem com uma ingenuidade de pasmar: "os comunistas estão hoje perdendo o

eleitorado". A um deputado do P. T. B., que pronunciara essa frase, Pablo Neruda respondeu com uma risada: "Amigo, nós não estamos ligando a eleições; nunca estivemos mais fortes no Brasil."

Mas o fato é que, mesmo eleitoralmente os comunistas não diminuíram, antes cresceram. Seus votos são descarregados em correligionários inscritos em legendas de partidos democráticos. Assim, não há parlamento estadual ou Câmara municipal onde os comunistas não estejam e, na Câmara Federal, o uruguaio Roberto Morena, que lá tem assento, bem sabe mostrar com que conta e os fantoches de que se serve para suas obstruções.

Os acontecimentos da greve geral em S. Paulo demonstraram eloqüentemente que uma minoria organizada está se apoderando das massas trabalhadoras, subjugando-as, violentando-as. O uruguaio Roberto Morena assumiu a chefia dessa ditadura, assessorado por deputados do P.T.B. e do P.S.P.. Organizaram-se "piquetes" armados, sob o comando do russo Eugênio Chempe. Êsses "piquetes" postaram-se nas portas das fábricas impedindo os operários de trabalhar. Para se avaliar o que foi essa autêntica revolução comunista que se deflagrou em São Paulo paralela a uma greve de tecelões cujos objetivos são justos mas nada têm a ver com as desordens bolchevistas, basta dizer que, achando-se em greve cerca de duzentos mil operá-

rios na capital paulista, apenas tomaram parte nas arruaças cêrca de dez mil pessoas, a maior parte das quais não é constituída de operários. Trata-se da tal "minoría organizada", da tal "aristocracia revolucionária" de que fala Lenine a empolgar a massa trabalhadora que êle, Lenine, chama de desprezível simpatizante.

Uma massa como essa foi a base de ação dos bolchevistas em Petrogrado e Kronstadt, em 1917. Mas em 1921, essa mesma massa de operários vendo-se escravizada, esfomeada, oprimida pelos comunistas, revoltou-se. O presidente do soviete de Petrogrado, que era Zinoviev, decidiu o seu extermínio. E Leon Trotzki, à frente do Exército Vermelho, metralhou, exterminou, afogou em sangue os operários ingênuos que sonharam dias melhores e tiveram por prêmio a violência e a morte.

Os processos são sempre os mesmos. E, convencido de que assim é, prevejo dias cruéis para o nosso querido Brasil. Dias atrozes que venho anunciando há vinte anos. Anunciando a surdos e cegos, como estou fazendo agora, como continuarei fazendo, para poder em face de Deus, exclamar: os meus patrícios não me quiseram ouvir; uns me tiveram por ambicioso, outros por hipócrita, outros por fanático; muitos me responderam com seu desprezo, sua ironia, suas zombarias e até mesmo alguns com seu rancor; raríssimos me deram apoio e não faltaram

os que julgaram fazer-me favor apenas me tolerando; mas apesar de tudo, falei, falei sem cessar. E êste é o único prêmio que desejo por muito haver lutado pretendendo salvar uma Nação que não tem querido salvar-se.

A VERDADEIRA SIGNIFICAÇÃO DO 1.º DE MAIO

O dicionário do Comintern editado na Argentina pela Editorial Atlântida, o qual é um resumo da Enciclopédia Soviética que Moscou publicou, e que constitui a mais monstruosa deturpação da História e da Ciência em nossos dias, declara que a data de 1.º de maio foi adotada pelo Congresso Socialista realizado em Paris em 1889, como "Dia Internacional dos Trabalhadores", em homenagem às greves de caráter violento e conseqüências sangrentas deflagradas em Chicago a 1.º de maio de 1886, por determinação da Convenção de 1884 realizada naquela cidade americana. Mas a própria designação dessa data, com dois anos de antecedência, para o início da revolução socialista nos Estados Unidos, demonstra que o 1.º de maio já era uma data cultuada pelos adeptos de Karl Marx.

Não convinha aos tartufos da Internacional Socialista vincular essa data a Marx e Engels, pois como homenagem pura e simples aos trabalhadores ela passaria despercebida pela ignorância universal

dos legisladores e dos homens de Estado. E, na verdade, o objetivo socialista foi conseguido.

Agnóstica, liberal, anódina do ponto de vista doutrinário, essa data (aceita até por muitos cristãos e católicos desprevenidos) só tem servido aos fins marxistas e nunca ao fim — que seria o mais justo e o mais belo — de glorificar o Trabalho como dignificação do Homem e instrumento de cooperação e de confraternidade.

Servir-nos-emos, portanto, desta efeméride, para conclamar os trabalhadores cristãos, e mais particularmente os operários desta Pátria que ainda se conserva livre, para um protesto solene contra a escravização dos operários que nesta hora trágica do mundo se pratica na Rússia Soviética e nos países por ela dominados.

O SOCIALISMO PROÍBE AS GREVES E AS RECLAMAÇÕES

Os operários russos em 1917 foram enganados pelos comunistas e aproveitados por êstes como instrumento de sua tomada do Poder. Os comunistas naquela ocasião (como em tôdas as ocasiões posteriores e em todos os países) não se apresentavam aos trabalhadores como comunistas. O partido comunista russo era uma organização aparentemente ostensiva, na realidade secreta, constituída de uma minoria chefiada por Lenine e Trotzki. Êle não

conseguiria movimentar as massas operárias se se apresentasse rasgadamente com seu programa e sua bandeira. Por isso utilizou-se de *slogans* (como está fazendo hoje em nosso país). Êsses *slogans* reclamavam coisas que os operários desejavam, isto é, “pão” e “paz”. Com a palavra “pão” queriam significar o barateamento do custo de vida, pois os preços muito haviam subido em conseqüência da guerra e havia mesmo escassez de alimentos; com a palavra “paz” queriam significar a deposição das armas, ainda que fôsse da maneira mais degradante, como de fato aconteceu, pois o povo considerava a luta nas trincheiras como causa imediata de seus males e, não tendo o interêsse e a tenacidade como, por exemplo, do povo inglês, que agüentou os piores dias durante os bombardeios alemães na última guerra, outra coisa não queria senão sossêgo.

Como se vê, eram duas bandeiras que nada tinham aparentemente de comunistas e que serviram para iludir e arrebanhar a milhares de incautos. Dessa maneira, foi possível desferir o golpe de Estado, trancar a Assembléia Constituinte e implantar o regime vermelho.

Êste, porém, em vez de melhorar a situação do povo, agravou-a. Os alimentos se tornaram mais escassos, o custo de vida mais opressivo. E, o pior, foi que os operários, que estavam convencidos de que iam ser os dirigentes do novo Estado Socialista,

foram postos à margem, dominando os bolchevistas. Então, aquêles que eram invocados nos manifestos comunistas (“operários, camponeses, soldados e marinheiros!”) vendo-se enganados, ergueram as suas reclamações em Petrogrado e em Kronstadt. A essas reclamações, os comunistas responderam com ameaças. Os reclamantes propuseram, a essa altura, que se realizassem eleições livres para se constituírem os “soviets” em todo o país. Mas os comunistas já se haviam apoderado da direção dos “soviets” (como está acontecendo no Brasil quanto aos sindicatos) e responderam que não permitiriam eleições. Viram, diante dessa resposta, os pobres operários, camponeses, soldados e marinheiros, que haviam sido ludibriados. E tiveram a ingenuidade de tentar uma greve.

O comunismo não permite greves. Não permite reclamações de operários. Governa com pulso de ferro. Por conseguinte, os chefes vermelhos intimaram os grevistas a voltar para o trabalho. Em Petrogrado, Zinoviev usou de duas armas para esmagar os grevistas: a violência e a mentira. Pela violência, compeliu os operários a voltar ao trabalho, sob pena de varrê-los a metralhadora. Pela mentira, procurou convencê-los de que os operários e marinheiros de Kronstadt estavam a serviço dos Czaristas (o maior absurdo, pois aquêles operários e marinheiros tinham sido os baluartes da revolução

que derrubou o Czar e posteriormente Kerensky e a sua cretina democracia socializante).

Subjugados pelos comunistas os operários de Petrogrado, o recém-organizado Exército Vermelho de Trotzky marchou contra os operários e marinheiros de Kronstadt. Foi enorme surpresa para os ingênuos operários o troar de canhões voltados contra eles. Durou pouco a batalha. Milhares de operários foram exterminados. Os que escaparam foram remetidos para a Sibéria. Inauguravam-se, assim, os campos de concentração que mais tarde os nazistas apenas imitaram e que hoje constituem a mais vergonhosa sujeira da História Contemporânea, sabendo-se que na Rússia existem 143 dêsses campos, com cerca de 30 milhões de escravos.

O operariado russo nunca mais pôde erguer a cabeça. Ficou reduzido ao silêncio. O Governo Comunista paga o salário que quer pagar e exige as horas de trabalho que bem entende. Adeus, oito horas de trabalho! Adeus, reclamações contra o custo de vida! Adeus, eleições livres em sindicatos! Adeus, liberdade de reunião! Adeus, liberdade de imprensa! Adeus, liberdade de palavra até mesmo nas conversas íntimas! Adeus, liberdade de pensamento! Adeus, liberdade de profissão! Adeus liberdade de residir onde se queira! Adeus, liberdade de viajar para onde se pretenda! Adeus, liberdade de sair do país! Adeus, tôdas as liberdades!

O TRABALHO ESCRAVO NA RÚSSIA SOVIÉTICA

O trabalho na U.R.S.S., mesmo aquêles que dizem ser livre, já é uma forma de escravidão. O interêsse do Estado está acima do interêsse das pessoas. Ninguém tem o direito de reclamar contra salários baixos, ou contra o excesso de horas de trabalho. Ninguém tem o direito de criticar coisa alguma.

Se a produção de um operário é julgada insuficiente, por qualquer motivo, até mesmo pela ineficiência da máquina em que êle trabalha, acusam-no de sabotador. Se uma peça de máquina se quebra, ou se desarranja, o culpado é sempre o operário. Se o operário se atrasa alguns minutos, está sujeito a um inquérito rigoroso e cruel, de resultados sempre contra êle. Se o operário se declara doente, mandam-no ao médico; e se o médico concorda com a doença do operário, vão para a prisão tanto o médico como o operário. E quando tais fatos se dão, já o operário sabe o que lhe acontece: vai para um dos campos de concentração, onde nada ganha, senão o alimento (e que alimento!) tornando-se a sua vida um verdadeiro inferno, cujos horrores vêm descritos no famoso livro de J. Dallin e Boris Nicolaievsk intitulado "Trabalho Forçado na Rússia Soviética".

Existem na Rússia de hoje mais de trinta milhões de escravos. A lista dos campos de concentração conhecidos do mundo ocidental é um documento pavoroso. São 143 campos, havendo alguns como o de Pechora, com um milhão e cem mil escravos, o de Yagry com meio milhão, o de Dalstroy com perto de um milhão, o do Lago Baikal com meio milhão.

São todos operários ou homens da classe intelectual que um dia tiveram a petulância de desejar humildemente o que os operários do mundo livre, em que Deus nos permite viver, já possuem há muito tempo. Sim, aqui no Brasil por exemplo, os operários podem fazer greves, podem andar de cabeça erguida, são respeitados; na Rússia, nem ao ouvido de um colega podem se desabafar os escravos do regime mais tenebroso que o mundo já viu.

Essa horrorosa miséria (a escravidão em pleno século XX) estendeu-se hoje aos desgraçados países dominados pela Rússia Soviética: a Estônia, a Letônia, a Lituânia, a Tcheco-Eslováquia, a Polônia a Bulgária, a Hungria, a Romênia, a China e a Coreia do Norte.

AS JUSTAS REIVINDICAÇÕES DOS TRABALHADORES

Não pomos a menor dúvida em afirmar que os trabalhadores nas Nações Livres ainda têm a rei-

vindicar outras melhorias, além dos direitos que já possuem e que seus irmãos dos países escravizados pela Rússia perderam totalmente.

Essa reclamação procede da situação criada pela própria desorganização econômica do mundo capitalista, cujo materialismo é a fonte geradora do comunismo. Vivemos num mundo sem Deus, onde tudo se mecaniza, identificando-se o Homem com a Máquina e automatizando os seres humanos. O Trabalho no mundo capitalista perdeu o seu sentido espiritual. E tanto os empregadores como os empregados perderam a capacidade de prazer no trabalho, para considerá-lo apenas o que êle tem de mais material e mecânico. Trabalha-se para ganhar, e nada mais. O ganho é o objetivo único, o trabalho um simples meio de adquiri-lo. Assim pensam patrões e operários reduzidos a uma situação inumana.

Falta alegria aos operários do mundo moderno como falta aos patrões. A alegria é oriunda do prazer do trabalho como obra de criação. A tristeza é oriunda do pesar do trabalho como exclusivo instrumento de aquisição. E, por isso, a maior de tôdas as reivindicações operárias do nosso tempo é aquela que fizer do trabalhador um participante do aprimoramento da produção e do sucesso que o objeto manufaturado alcance na admiração dos homens. Urge um novo sistema equilibrado e sensato de participação dos operários nos lucros das emprêsas, mas urge, mais ainda, novos processos de

trabalho que humanizem as atividades do trabalhador e lhe inculquem o sentido da responsabilidade e o amor ao que lhe sai das mãos.

E' preciso que o operário se sinta amado pelos seus chefes e respeitado pelos seus concidadãos. E' preciso elevar o operário socialmente, pela sua formação moral e profissional e pela certeza de que ele é um elemento da maior importância na economia da produção. E' preciso que os patrões também sejam educados na escola da compreensão. E' preciso que predomine, nas relações entre os empregadores e os empregados o sentimento cristão mais profundo. E urge que todos se capacitem de que o problema do trabalho se relaciona com todos os problemas da produção e que não será possível resolver, isoladamente, nenhuma das questões propostas ao desespero do homem do nosso século, mas, pelo contrário, é mister resolvê-las em conjunto, apreciando-se todos os aspectos da Economia Nacional.

Não é justa a situação atual em que vemos, de um lado, uma burguesia a ostentar um luxo escandaloso e os vícios mais desordenados, e do outro famílias com salários insuficientes e uma multidão de desajustados em consequência do desequilíbrio econômico da Nação.

Com o pensamento voltado para a dignificação do operário e para a consagração dos princípios em que se baseiam seus legítimos direitos e seus impe-

rativos deveres, é que lavramos o nosso protesto veemente contra a escravidão dos operários na Rússia Soviética e nos países por ela dominados.

Lavramos o nosso protesto contra os que exploram as justas reivindicações dos trabalhadores, iludindo-os e conduzindo-os ao comunismo a fim de que êste, se vitorioso, imponha sua lei de ferro às massas obreiras, como fêz quando esmagou os operários e marinheiros de Kronstadt e como faz hoje oprimindo com a Polícia Política, ou N. K. V. D. (agora M. V. D.) milhões de homens e mulheres, obrigados a trabalhar mais do que fisicamente podem e a ganhar menos do que fisicamente precisam.

Erguendo êsse protesto dos Trabalhadores Livres das Nações Livres contra o cativeiro vermelho do novo czarismo russo, erguemo-lo também contra os que, em nossa Pátria, pretendem transformar os operários brasileiros em escravos do Estado Comunista onipotente e sanguinário.

OS FALSOS PARTIDÁRIOS DA PAZ

O Congresso dos Povos pela Paz, que o Nazismo Russo promoveu em Viena, constitui mais uma cínica manobra do sanguinário govêrno de Moscou, visando iludir a boa fé dos ingênuos, em benefício de seus trágicos desígnios.

Se existe um govêrno que tem feito da guerra o instrumento de suas conquistas territoriais e um meio de lançar a desordem entre os povos, utilizando-a como condição do desenvolvimento dos germes desagregadores das estruturas nacionais, êsse govêrno é o da Rússia soviética. Se existe govêrno que quer a guerra, que não pode passar sem ela, que se tem beneficiado dela, êsse govêrno sempre foi e continua a ser o govêrno bolchevista de Moscou.

As provas? Vejamos.

Quando em 1930 Máximo Gorki propôs a publicação de uma revista mensal que sistemáticamente pintaria os horrores da guerra, Stalin escreveu-lhe uma carta em que dizia:

“No mercado livreiro há uma infinidade de publicações que descrevem os horrores da

guerra e incutem no povo o desgosto por QUALQUER guerra. São essas publicações pacíficas burguesas, sem nenhum valor para nós. Pois não somos contra TÔDAS as guerras, mas somos a favor de uma guerra revolucionária, embora tal guerra não esteja isenta de HORRORES SANGUINÁRIOS, mas, pelo contrário, cheia dêles.”

Essa carta não viria nunca a público, se em 1950 o próprio Stalin não a fizesse publicar, para que os comunistas de todo o mundo, que formam a quinta coluna do imperialismo soviético, compreendessem a “linha justa” da campanha pró-paz, lançada em fins de 1948 para anestesiar as nações do Ocidente e matar nelas tôdas as possibilidades de defesa interna e externa.

Em 1928, o Sexto Congresso da Internacional Comunista presidido por Stalin, votou unânimemente, as seguintes conclusões:

- “1) — *Guerras entre os Estados comunistas e democráticos surgirão necessariamente e inevitavelmente.*
- “2) — *O comunismo tem de combater tôdas as frases altissonantes como “jamais permitiremos a guerra” ou “não haverá mais guerras”.*
- “3) — *O leninismo combate tôdas as teorias pacifistas relativas à abolição da guerra.*

“4) — *As guerras da União Soviética contra o capitalismo internacional são inevitáveis e revolucionárias*”.

Êstes postulados não são também inventados por nós, pois constam da página 9 das “Resoluções do Sexto Congresso Mundial da Internacional Comunista” realizado em Moscou e presidido por Stalin.

* * *

Confirmando tais pensamentos do comunismo a favor da guerra, temos as seis guerras de conquista em que a União Soviética atacou outros povos.

A primeira desta foi a guerra contra a Polônia, em 1920. O fim era a anexação daquele país ao Império Vermelho. Quando o exército russo se aproximou de Varsóvia, Lloyd George propôs que a paz fôsse firmada, em termos excessivamente favoráveis à Rússia, pois correspondia à conquista pelos soviéticos de todo o território que, mais tarde, numa outra guerra ofensiva, de sociedade com Hitler, a Rússia conquistou. Pois bem; feito o oferecimento britânico, Lenine rejeitou-o, declarando que o seu fim era conquistar a própria capital da Polônia.

Eram favoráveis à proposta inglesa, Rikov, Radek e Trotzky; eram contrários Lenine, Stalin, Zinoviev e Kamenev. O Soviete de Petrogrado, sob

a presidência de Zinoviev, ditou a seguinte resolução: “Nada de paz com a Polônia, até que seja quebrado o poder da burguesia e proclamada a república comunista naquele país”.

Um pouco mais tarde, Lenine explicou seus motivos, que eram os de romper através da Polônia, sovieterizar a Alemanha e atacar as nações ocidentais da Europa. Aqui estão suas palavras textuais, extraídas do seu discurso de 2 de outubro de 1920 e constante das “Obras Seleccionadas”, terceira edição russa, volume XXV, página 402:

“Houvesse a Polônia se transformado num Estado Soviético, houvessem os trabalhadores de Varsóvia recebido da Rússia Soviética o auxílio que esperavam, e o Tratado de Versalhes, com todo o seu sistema teria ficado em pedaços. Alguns dias mais de avanços vitoriosos do exército vermelho e não somente Varsóvia teria sido tomada, o que não seria tão importante, mas seria destruído o Tratado de Versalhes”.

Nesse mesmo discurso, Lenine repreendeu aqueles que procuravam distinguir “guerras de defesa” de “guerras de conquista” e combateu o pacifismo, dizendo que os comunistas seriam imbecis e criminosos se se declarassem algum dia a favor da paz.

A sorte da Polônia foi contar com energia nacional suficiente naquele tempo, de maneira a

infligir tremenda derrota aos russos. Mas o tigre recuou apenas, preparando-se para mais tarde.

* * *

A segunda guerra, de iniciativa exclusivamente russa, foi a de 1929, contra a China. O Governo Soviético havia pouco antes aderido ao pacto Briand-Kellog, que proibia as guerras como instrumento de política nacional. Mas isso não impediu que o exército soviético agredisse a China, forçando aquele país a se submeter à imposição russa de atravessar seu território com uma estrada de ferro.

* * *

No período 1930-39, a propaganda da guerra não cessou de se fazer nos jornais soviéticos, enquanto Litvinov iludia o mundo ocidental com suas bromas. O "Pravda", órgão oficial soviético, publicou o seguinte em 1939:

"As operações militares devem ser transferidas para o território inimigo. Devemos cumprir nossas obrigações internacionais aumentando o número de repúblicas soviéticas".

Nesse mesmo ano, tendo sido assinado o tratado Ribentrop-Molotof, isto é entre a Alemanha Nazista e a Rússia Comunista, os exércitos dos dois governos invadiram a Polônia, repartindo-a entre si. A parte que tocava à Alemanha foi, com a derrota

desta pelos Aliados, restituída a uma liberdade que durou pouco; a parte que tocou à Rússia, mediante a doação de Hitler, foi considerada legitimamente russa pelas nações ocidentais... Mas os soviéticos se infiltraram na parte dita livre, e, dentro em pouco, anexaram tôda a Polônia, que não passa hoje de uma colônia russa, sem nenhuma soberania de fato, embora os povos embriagados pelo ópio das ficções jurídicas, aceitem tal país escravizado como nação independente...

A quarta guerra de conquista empreendida pela Rússia Soviética foi contra a Finlândia. Constituiu verdadeira vergonha internacional.

* * *

A quinta guerra de conquista foi a última fase da guerra contra a Alemanha. Concedendo que os nazistas fôssem inicialmente os invasores da Rússia, não podemos negar que, em fins de 1944, praticamente, o brutal régimen nazista, para felicidade dos povos, estava vencido pelas fôrças das nações ocidentais, particularmente dos Estados Unidos, cujo fornecimento de armas, munições, roupas e comestíveis aos soviéticos, facilitaram também a derrota nazista no lado oriental. Mas essa guerra, que podemos considerar defensiva até 1944, tornou-se uma guerra de conquista quando Stalin obrigou as tropas americanas vitoriosas a se deterem para que os comunistas pudessem se apoderar da Alemanha Oriental. Desde

êsse instante, a Rússia conquistou pela força bruta os países bálticos e balcânicos, nos quais praticou as maiores barbaridades. Milhões de famílias foram saqueadas, violentadas e fuziladas nesses países, pelos que agora se fazem de mansos cordeiros, promovendo congressos pela paz.



Stalin prometera, no XXVIII Congresso do Partido Comunista, em 1934, "promover tumultos e revoluções na retaguarda dos exércitos das nações que se declarassem contra o comunismo". Esse plano tem sido executado em todos os países, que Moscou procura anestesiar com a propaganda de uma paz hipócrita. Mas outra arma adotou a Rússia Soviética: a de um falso nacionalismo. Com essa arma, conquistou a China, onde rios de sangue se têm derramado. Com essa arma, conquistou a Coréia do Norte e pretende conquistar a Coréia do Sul, que ainda é um país livre.

Cinicamente, a Rússia Soviética promove essa guerra na Coréia. Sendo a única responsável por aquela desgraça, atribui o seu crime aos povos democráticos que defendem a verdadeira soberania e liberdade do povo coreano. Também cinicamente, a Rússia Soviética está promovendo a guerra na Índia-China, onde anualmente morrem milhares de jovens franceses. Ainda cinicamente, promove nas nações livres, através dos traidores de suas Pátrias

(os comunistas) a preparação para a sabotagem, a guerrilha e o terror.

Dentro do seu próprio território, nos diversos expurgos, principalmente no de 1934 e no atual, exterminou milhões de criaturas humanas, ou fusilando-as, ou massacrando-as nas masmorras da M. V. D., ou assassinando-as de diversas maneiras, ou enviando-as para os campos de concentração da Sibéria, para morrerem de fome e de frio.

* * *

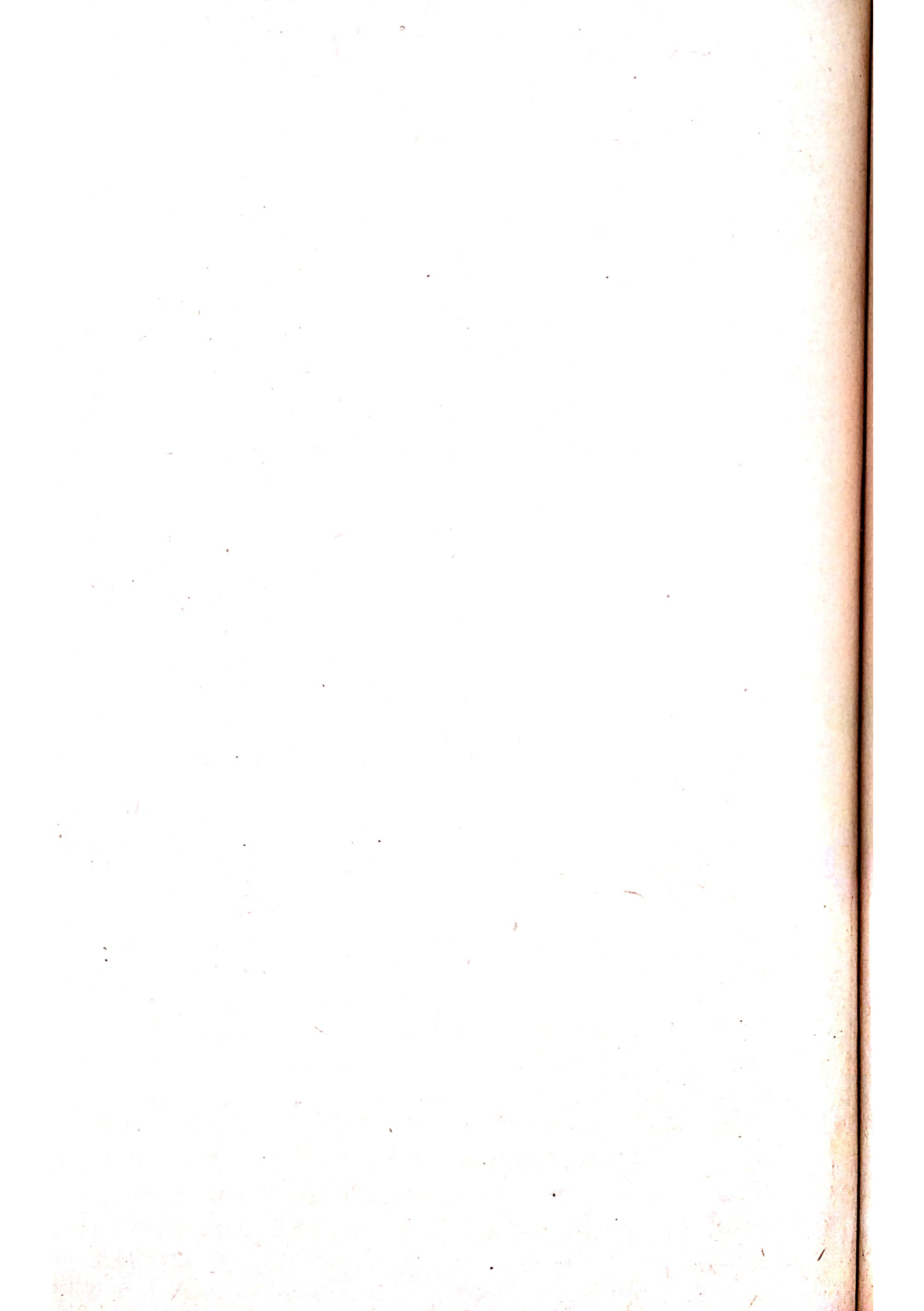
Essa Rússia Soviética mantém hoje 30 milhões de escravos, o que constitui a maior das vergonhas deste século. Essa Rússia Soviética persegue, mata, não só no seu território, como nos países por ela ocupados e até nos países livres, por meio dos seus agentes assassinos.

Essa Rússia Soviética mantém em armas, em pé de guerra, 184 divisões blindadas. Essa Rússia Soviética, por meio dos planos quinquenal e depois stakanovista, obriga os operários a trabalhar dezesseis horas por dia, alimentando-os com uma sopa miserável, para assim desenvolver as indústrias de guerra.

E é essa Rússia Soviética, opressora dos povos, sedenta de sangue, que promove congressos pela paz. Sim, ela pode fazê-lo, porque segue os ensinamentos de Lenine. E Lenine afirmou em um de seus livros esta coisa, que mostra o desprezo em que o comunis-

mo tem o povo: “Senhores, podeis estar certos de que, em todos os países, noventa por cento de homens e mulheres são constituídos de idiotas; afirmai tudo o que quiserdes que êles acreditarão”.

Esta frase nos faz compreender o motivo pelo qual até câmaras municipais inteiras votam moções de aplausos ao Congresso dos Lôbos vestidos de Cordeiros. Não somos nós que falamos. E’ Lenine. Qualquer reclamação deve ser dirigida a Moscou...



AS "CONFISSÕES" NA RÚSSIA SOVIÉTICA

Um dos relatos mais curiosos da impressionante coleção de escritos sôbre o regime soviético, organizada por Julien Steinberg, com o título original de "Veredicto de Três Décadas" e que o público brasileiro conhece com a designação de "34 Desiludidos do Comunismo", é incontestavelmente o que trata dos julgamentos e confissões em Moscou, por ocasião do grande expurgo no qual pereceu cêrca de um milhão de homens e mulheres.

Escreve essas páginas Louis Fisher, transcrevendo trechos de interrogatórios e fases dos debates, de maneira tão viva que o leitor tem a impressão de estar assistindo àqueles julgamentos em cuja promotoria se encontrava Vichinsky, o famoso embromador das Nações Ocidentais nas assembléias da O. N. U.

* * *

Como se sabe, depois do expurgo levado a efeito por Hitler, sem formalidades processuais e assumindo plena responsabilidade pela chacina em que o próprio ditador nazista tomou parte, sentiu-se

Stalin tentado a realizar a mesma coisa em seu país, porém de modo mais requintado e covarde.

Em vez de simplesmente mandar matar sob a alegação sumária de serem seus inimigos políticos, como fêz o sanguinário ditador alemão, determinou que se abrissem inquéritos e processos, acusando-se as vítimas de crimes que nunca haviam praticado e apontando-os como responsáveis, perante o povo, por todos os fracassos administrativos que, na verdade, cabiam ao próprio Stalin. Assim procedendo, não só expunha à execração pública os seus adversários, mas livrava-se êle próprio da impopularidade pelos erros e malvadezas que, agora, passavam à responsabilidade de outros. E ainda mais: desejando ser o único sobrevivente histórico da convivência com Lenine, servia-se do expurgo para fazer eliminar todos os chefes da revolução de 1917, ficando êle somente em campo, sem competidores.

Foram, entre dezenas de revolucionários de primeira grandeza e centenas de menor renome, assassinados por êsse meio: Bucarine, Zinoviev, Riazanov, Kamenef, Radek, Yagoda, Souvarine, Ricov e muitíssimos outros.

O que, entretanto, impressiona o leitor das páginas de Fisher é aquilo mesmo que mais impressionou os diplomatas estrangeiros admitidos como espectadores da sangrenta comédia mandada levar à cena por Stalin, aos olhos estupefactos do mundo civilizado: as confissões dos réus.

Um por um, confessava-se traidor, todos se declaravam ligados a uma conspiração de Trotzky, alguns se diziam abertamente espiões a serviço do *Intelligence Service* inglês, outros da *Gestapo* alemã, muitos estipendiados pelo capitalismo americano. Um médico respeitabilíssimo, de 74 anos de idade, apresenta-se como assassino de Máximo Gorki; vários engenheiros se diziam culpados pelos desastres ferroviários; antigos Comissários do Povo afirmavam terem pôsto vidro moído na manteiga, dizimado rebanhos com venenos, distribuído sementes podres. A maior parte dêsses homens denunciava suas próprias atividades de conspiradores contra o regime; e todos, sem exceção, terminavam dizendo-se infames por terem trabalhado contra o maior homem do mundo, o benfeitor da humanidade, o salvador do gênero humano, e não se precisa dizer que um figurão com tais qualificativos não pode ser outro senão José Stalin.

* * *

Essas confissões foram tôdas feitas nos inquéritos levados a cabo pela N. K. V. D., a polícia política. Mas, na hora do sumário de culpa, em sessão pública do tribunal, levantaram-se algumas pontas do véu que encobria o intrincado mistério constituído por confissões tão grosseiras e primárias feitas por homens, alguns dos quais, (como Bucarine, por exemplo)

eram inteligências fulgurantes e expressões de vasta cultura filosófica e humanística.

É que alguns negaram o que haviam confessado no inquérito. E quando Vichinsky, o promotor, lhes perguntava porque motivo haviam confessado na polícia o que negavam no tribunal, êles pediam que lhes fôsse permitido não responder a essa pergunta.

Se tal acontecia, a sessão era suspensa. No dia seguinte, os mesmos homens que haviam negado no tribunal o que antes afirmaram na polícia, eram reperguntados por Vichinsky. E — ao contrário do que fizeram na véspera — confessavam!

Um incidente no interrogatório do médico que se dizia autor do assassinio de Maximo Gorki (que, afinal, fôra morto por ordem do próprio Stalin...) pôs em evidência o motivo secreto de tôdas as confissões.

O médico estava depondo (isto é, confessando públicamente) e declarava que envenenara o famoso escritor, por ordem de Yagoda, que na ocasião era o chefe da N. K. V. D. Ora, Yagoda se encontrava no banco dos réus. Na polícia, onde fôra senhor absoluto, confessara o crime. Mas, naquele momento, usando do direito que concediam aos réus de interrogarem os seus cúmplices e co-autores, pediu ao médico licença para uma pergunta. O Juiz informou a Yagoda que, logo que o médico terminasse o depoimento, êle poderia fazer as perguntas que quisesse. A isso, Yagoda retrucou: “Mas a pergunta diz res-

peito diretamente à morte de Gorki". O Juiz anotou. Quando o médico terminou a sua confissão, o Juiz imediatamente suspendeu a sessão por meia hora. E, reaberta a sessão, e dada a palavra a Yagoda, êste — com espanto dos espectadores, que se achavam curiosos pela pergunta que êle dissera relacionar-se diretamente com o assassinio de Gorki, — dirige ao médico uma pergunta banal: "Há quanto tempo o senhor clinicava em Moscou?"

* * *

Que se teria passado nessa meia hora? Que se teria passado com os outros réus, todos confessos, nas masmorras da N. K. V. D.?

Quem elucidou o mistério foi o próprio Trotzky, que se encontrava em Oslo, e que era acusado como chefe da conspiração de todos êsses assassinos confessos.

Explicou Trotzky que a polícia política de Stalin (e Trotzky devia ter prática desde os tempos de Lenine e da odiosa Tcheca, depois G. P. U.) prometia a vida aos que confessassem mesmo o que não fizeram, e a morte imediata aos recalcitrantes. E os réus do tenebroso julgamento expungitivo, a maior parte homens cultos, escritores, oradores, estadistas, embora não confiassem muito nas promessas, em todo o caso jogavam nesse um por cento de possibilidade de conservar suas vidas . . .

E isso ficou provado com o próprio Yagoda, quando êste teimava em negar os crimes que de fato não praticara, pois os que praticara tinham sido por ordem de Stalin que o premiara.

A polícia introduziu na sua cela um número do "Pravda", o órgão oficial do partido comunista. Nesse jornal, em grande manchete, noticiava-se o fuzilamento de dois presos ligados a Yagoda e que até à véspera se mostravam firmes em negar os delitos que se lhes imputavam. Nessa tarde, Yagoda confessou tudo o que quiseram que êle confessasse. Como os demais acusados, resolvera jogar naquele um por cento de possibilidade da conservação de sua vida, a que se referira Trotzky . . .

* * *

De tôda essa pavorosa comédia grotesca e trágica levada à cena em Moscou, temos de tirar uma conclusão de ordem filosófica. E essa é a de que as inteligências mais brilhantes, como a de Bucarine, a bravura revolucionária de homens como Ricov, Yagoda, Souvarine e outros, o valor político de homens como Riazanov, Zinoviev e Kamenev, capitulavam diante da ameaça da morte.

Espíritos formados na escola do materialismo, a convicção de que a vida humana termina na terra leva-os a tudo sacrificar pela vaga possibilidade de viverem mais alguns dias. A morte apavora-os, de

tal sorte, que para evitá-la se sujeitam a sacrificar tôda uma reputação popular, a si próprios se acusando de crimes não praticados e a si mesmos se qualificando de traidores, de infames e de imundos e desprezíveis . . .

Êsses homens, que no íntimo detestavam a política sangüinária de Stalin, ergueram no tribunal os mais altos louvores ao Czar Vermelho, isto é, queimaram incenso no altar da falsa divindade. Julgarão, assim, escapar da morte, mas uma vez conseguido dêles o que queria, Stalin mandou fuzilar a todos.

Veja-se a diferença de atitude dos mártires do Cristianismo durante as perseguições de Nero, de Domiciano, de Diocleciano e outros imperadores de Roma. Jamais disseram mentiras, contra terceiros ou contra si próprios, e jamais queimaram incenso nos altares dos deuses do Paganismo.

Seria magnífico para Nero que os cristãos se confessassem culpados das epidemias que dizimavam o povo, da escassez de pão que atormentava os pobres, do incêndio da Capital, que desalojara grande parte da população. Não faltaria, por certo, um Vichinsky de toga senatorial, com o nome de Tigelinus ou de Vitelius, a prometer-lhes a vida em troca de assumirem a responsabilidade pelos crimes de Nero e de queimarem incenso no altar de Baco, de Vênus e outros deuses do Capitólio, renegando ao Cristo Salvador, naquela atitude de Zinoviev, Kamenev e Bucarine, quando renegaram o seu amigo

Trotzky. Se assim procedessem, talvez fôsem perdoados, porque a crueldade de Nero ainda não atingira o requinte da malvadez de Stalin.

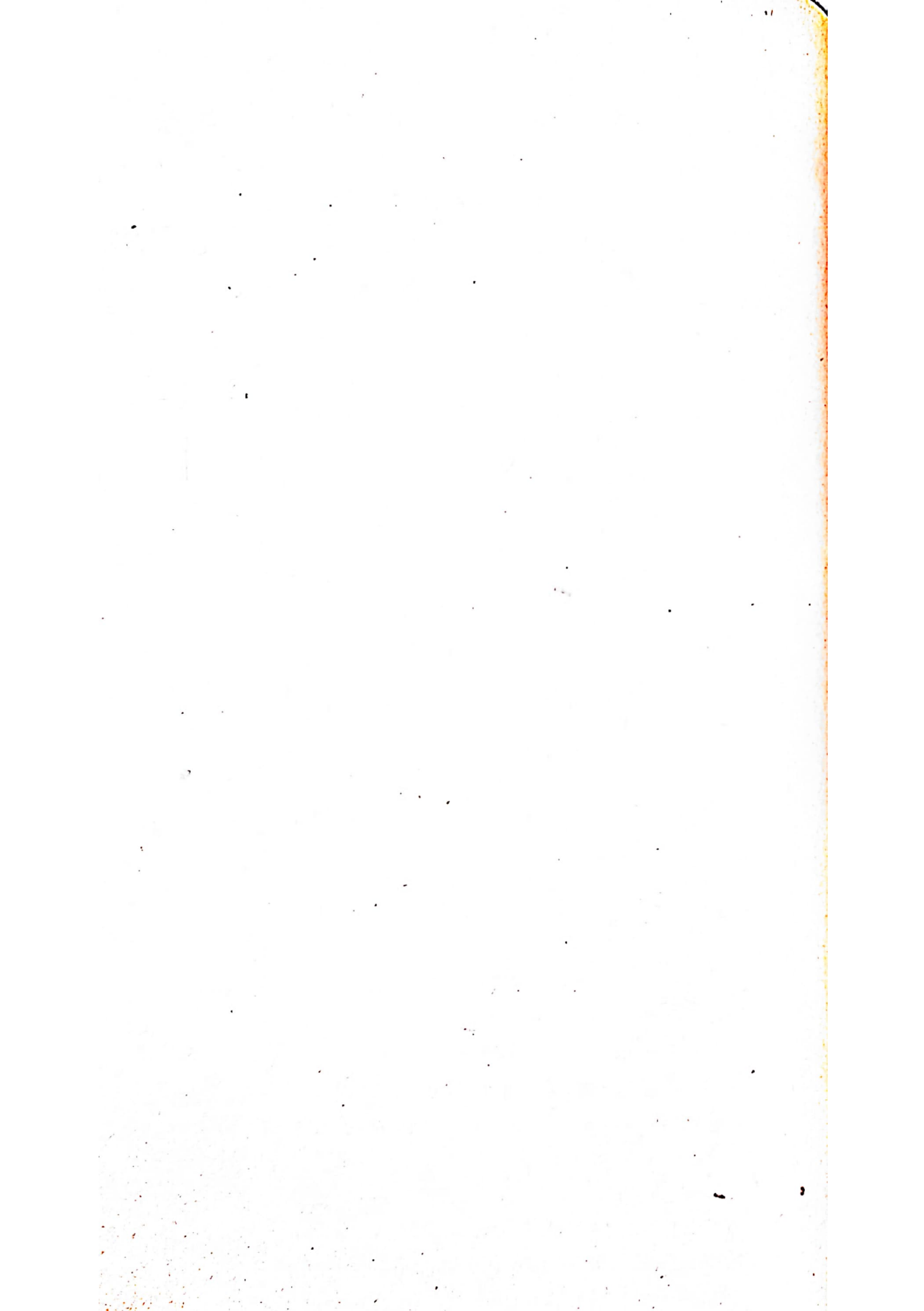
Mas os cristãos estiveram firmes, diante da morte. E estiveram porque acreditavam numa outra vida, além desta vida terrena, pela qual estamos presos às contingências do nosso mísero corpo sempre inclinado a praticar pecados e a entregar-se aos vícios. "Quando me livrarei dêste corpo de morte?" perguntava São Paulo, de onde se conclui que a morte, em estado de graça, é considerada, pelos que crêem na salvação por Cristo, uma libertação e o comêço da verdadeira vida.

Ainda hoje, na própria Rússia, ou na Polônia, na Tcheco-Eslováquia, nos Países Bálticos, nos Países Balcânicos, na Hungria, na imensa China e na Coréia do Norte, há cristãos que estão sendo assassinados, massacrados, sem que deixem por um minuto de proclamar a verdade. Morrem, mas sabem que, morrendo, vivem.

Essas duas atitudes — a dos materialistas e a dos espiritualistas — evidenciam duas concepções de vida. E essas duas concepções determinam psicologias específicas, baseadas uma na incerteza, outra na certeza; uma no medo, outra na coragem; uma no desespero, outra na esperança.

E dessa comparação nós, espiritualistas e cristãos, só devemos tirar uma conclusão e essa consiste

em estimular em nosso íntimo o único medo salutar, que é fonte das supremas coragens: o medo de ofender a Deus, pois êsse temor nos manterá naquele estado de graça que alimenta a nossa coragem como o azeite alimenta a chama da lâmpada na treva da noite.



FICÇÃO E REALIDADE

Os jornais noticiaram em telegramas de uma agência de informações internacionais, que o Sr. Kenan, em denúncia feita à imprensa americana, declara que os embaixadores e ministros das diferentes nações do mundo, acreditados junto ao governo soviético, são verdadeiros prisioneiros em Moscou.

Os diplomatas credenciados perante Stalin têm os seus passos vigiados; as sedes das embaixadas e legações, sob o pretexto de serem garantidas, andam permanentemente "acampanadas" pelos secretas da M.V.D., a terrível polícia política da União Soviética; e os próprios empregados particulares dos diplomatas ou auxiliares dos serviços internos das referidas embaixadas e legações, não passam de agentes disfarçados da espionagem russa.

Observar êsse quadro pintado, não apenas pelo Sr. Kenan, porém por todos os diplomatas que serviram algum tempo na Capital Vermelha e, em seguida, observar o que se passa com respeito às representações diplomáticas russas ou dos países pseudo-independentes mas na verdade subordinados à soberania única do Kremlin, é chegar-se à con-

clusão de que o mundo ocidental vive no mundo da lua, não se podendo explicar os motivos que determinam tal incúria.

* * *

As representações diplomáticas da Rússia e dos seus satélites no estrangeiro não passam de focos de espionagem e de centros de propaganda política e de fomento financeiro à traição dos que, pelo dinheiro ou por inegáveis deturpações mentais, se tornaram inimigos de suas próprias pátrias.

Haja vista a sensacional denúncia que Igor Gouzenko, um diplomata soviético, fêz ao governo do Canadá sobre as atividades do serviço secreto bolchevista naquele país e nos Estados Unidos. As autoridades canadenses, de posse das revelações de Gouzenko, procederam a um vasto e minucioso inquérito, verificando a veracidade das revelações, ponto por ponto. A embaixada soviética em Ottawa, não somente mantinha um efficientíssimo serviço de espionagem constituído de elementos russos ou oriundos dos países satélites, mas ainda contava com a colaboração efetiva e valiosíssima de funcionários canadenses, industriais canadenses, professores universitários canadenses e até de militares do exército canadense. . . Parte desses homens se encontra hoje nas prisões, cumprindo penas de dois a cinco anos e prontos para, logo sejam postos em liberdade,

entrar, de novo, à agir em favor da pátria dos comunistas.

* * *

Nos Estados Unidos grande é o número de americanos ligados à trama tenebrosa dos soviets, e tão grande que o chefe da espionagem russa no Canadá declarou a Igor Gouzenko que a segurança do serviço secreto russo na grande República Norte-Americana repousa no fato de serem os agentes tão numerosos que, apanhados três, quatro ou dez deles, as atenções se distraem de outros, da mesma ou de maior eficiência.

Todos os governos das democracias ocidentais sabem disso e, entretanto, nenhuma providência tomam para se defenderem e para defenderem a independência do seu povo contra o ameaçador perigo da escravidão vermelha. Vivem no mundo das ficções jurídicas, partem do princípio de que o serviço diplomático não pode ser senão diplomático e aceitam a diplomacia russa e a dos satélites de Moscou segundo o pressuposto de que "deve ser" uma representação diplomática, e não mediante o critério do que são, na realidade, tais engrenagens do imperialismo soviético.

* * *

Desde os tempos dos Czares, a diplomacia russa foi sempre considerada por Metternich, Tal-

leyrand, mais tarde por Bismarck ou Disraeli, como a mais sinuosa, a mais disfarçada, a mais falsa de quantas hajam existido a serviço de seus soberanos. Se Napoleão costumava dizer que um diplomata era um homem de bem que os governos mandavam mentir em outros países, êsse caráter da inverdade como norma das conversações desenvolveu-se na Rússia de maneira assombrosa, desde os tempos de Catarina II. Mas, com o advento do bolchevismo, essa diplomacia adquiriu novos elementos oriundos de duas fontes: da polícia e da conspiração revolucionária.

Na Rússia anterior ao comunismo, dois adversários viveram permanentemente em batalha subterrânea: a "Ocrana", polícia política dos Czares, e o "Nihilismo", nome genérico aplicado a tôdas as formas de revolução. Ora um era a caça, o outro o caçador; depois os papéis se invertiam e a luta prosseguia. Se nos conciliábulos da Ocrana se travavam as ciladas para apanhar os nihilistas, também nas reuniões secretas dos revolucionários se arquitetavam os planos de destruição da máquina policial.

Triunfante o comunismo em 1918, como que os dois adversários se fundiram em um só. Em substituição a "Ocrana", organizou-se a Tcheca, sob o comando de um revolucionário sedento de sangue, Djerzinski. Essa nova polícia política trazia nas veias o sangue feroz dos revolucionários. Mais tarde, a Tcheca, aperfeiçoando-se pela assimilação da técnica

policial moderna, apresentou-se com o nome de N.K.V.D. e, posteriormente, adotando as mais recentes habilidades científicas da Gestapo nazista, transformou-se na mais espantosa das organizações secretas da História, tomando a designação de M.V.D.. E é esse M.V.D. que constitui a alma da espionagem internacional, penetrando todos os serviços russos no exterior e articulando-se em perfeito ritmo com o Comintern, que embora trocasse de nome designando-se pelo apelido de Cominform, nunca deixou de existir como o grande impulsionador da revolução internacional e das "quintas colunas" que atuam nas diferentes nações.

A diplomacia russa ou satélite-russa de nossos dias não podia, logicamente, deixar de enriquecer as suas possibilidades com o espírito e a técnica da polícia-política de Moscou, a qual é um misto de investigação técnica e conspiração revolucionária. Tornou-se, portanto, mil vezes mais perigosa do que nos tempos dos velhos Czares, quando essa diplomacia já era temida por indivíduos da envergadura de um Maeternich, de um Tayllerand ou da ardisidade de um Fouché.

* * *

E, entretanto, vivemos no mundo da lua. Não só permitimos em manter relações diplomáticas com os inimigos da humanidade, os conspiradores contra

a democracia, mas ainda lhes permitimos ampla liberdade de ação em nossas casas.

No Brasil, é verdade que não mantemos relações diplomáticas diretas com a Rússia Bolchevista, mas temos dentro de casa as legações dos países satélites. Todos nós sabemos que êsses países não gozam de independência nem de soberania de fato, ainda que apresentem as exterioridades de uma independência e de uma soberania de direito.

O recente livro de David J. Dallin, que está traduzido em nossa língua, ("O novo império soviético") mostra a situação de dependência econômica e política dêsses países em relação ao Império Soviético. Nenhum dêles pode vender para os seus companheiros de infortúnio os seus produtos, nem comprar os que os outros produzem. A Rússia é quem adquire de uns, por preços ínfimos, as mercadorias que vende aos outros por preços exorbitantes. As indústrias básicas nesses desgraçados países são exploradas por companhias de tipo misto, onde o maior capital é russo e os técnicos russos. Tôda a vida cultural e política dessas ex-nações é fiscalizada e dirigida pela Rússia. E, no exterior, a União Soviética serve-se das representações diplomáticas dos infelizes satélites para exercer a espionagem e para desenvolver a propaganda comunista entre os povos que o bolchevismo quer escravizar.

O que se está passando subterrâneamente no Brasil em assunto de espionagem e de preparação

revolucionária é assombroso. Mas os nossos homens públicos vivem no domínio das ficções e parecem desconhecer, ou não querer conhecer as duras realidades.

Dêsse modo, marchamos para a catástrofe. E marchamos com a inconsciência de tôdas as classes sociais, com a apatia dos responsáveis, com a indiferença dos que mais interessados deveriam ser pela situação do país e pela manutenção da ordem em que vivemos.

As chamadas classes conservadoras se limitam a praticar uma filantropia sem alma, sem energia, sem entusiasmo, sem doutrina. Falam materialistamente esquecidas de que se a revolução se faz com alma, também só com alma se pode lutar contra o apodrecimento de uma pátria.



CONSIDERAÇÕES SÔBRE O NACIONALISMO

I

NACIONALISMOS FALSIFICADOS

É verdadeiramente assombroso como em nossos dias o povo brasileiro se tornou completamente apático, fatalista, abúlico e trágicamente insensível a todos os perigos que o cercam, a tôdas as ameaças que rondam sôbre a sua liberdade e a sua dignidade.

Uma onda de propaganda a serviço de uma potência estrangeira alastra-se por todo o país, deturpando os fatos, sofismando, mentindo, estabelecendo confusões desnorteadoras, segundo a técnica do Desinform, a infame escola de hipocrisia e desparpado que funciona no castelo de Sigulda, na Letônia, com o fim de levantar cortinas de fumaça atrás das quais se protegem as patrulhas do Comintern.

Essa onda constante não encontra a mínima reação da parte dos que, por princípios e por honra, e até mesmo por interêsse, deveriam tomar inicia-

tivas tendentes a destruir, ou pelo menos neutralizar a ação nefasta dos agentes da Rússia comunista. Enquanto circulam no Brasil vinte jornais diários e trinta e tantos semanários de doutrina bolchevizante, os homens de bem, os que ainda não renunciaram a cidadania brasileira limitam-se a esporádicas ações jornalísticas, sem continuidade, não havendo mesmo nenhuma publicação sistemática de desmascaramento das patranhas com que os agentes soviéticos iludem a boa fé de muitos e alimentam a perfídia de outros. (1).

Entre as balelas lançadas pelos ex-brasileiros, hoje lacaios do Czar Vermelho, foi lançada aos quatro ventos a blague do nacionalismo. Anteriormente, êsses mesmos caçambeiros de Stalin haviam jogado aos quatro ventos os slogans mistificadores da democracia. Então, para os comunistas que operam no Brasil, como também para os comunistas de todo o mundo, nenhuma nação era mais cotada no campeonato da democracia do que os Estados Unidos. A bandeira russa da foice e do martelo andava flutuando em nossas ruas e avenidas, ao lado da bandeira norte-americana, e os nomes de Roosevelt e de Stalin se entrelaçavam para receberem as hosiannas dêsses requintados tartufos do desinformismo moscovita.

(1) Existe hoje o semanário «A Marcha», especializado na luta contra o bolchevismo,

Pouco antes, na vigência do pacto Ribentrop-Molotof, êsses mesmíssimos, que endeusavam os Estados Unidos e o Capitalismo de Wall Street, apaniguavam-se com os nazistas de Hitler, para anexar metade da Polônia e desintegrar o Exército Francês levando-o à derrota. Nessa fase, o chefe comunista da França, Maurice Thorez, falava na rádio de Berlim, aconselhando os seus patrícios a deporem as armas diante das divisões Panzer. Lançada a guerra no mundo, para aos fins da revolução mundial, os tartufos bandearam-se para o lado das Democracias, cuja vitória estava prevista pelos dados estatísticos reveladores da maior soma de hulha e de petróleo do lado das nações ocidentais. O presidente Roosevelt, até então considerado inimigo, tido e havido como o líder da plutocracia, passou a ser o deus dos bolchevistas, que dias antes incensavam o paganismo delirante de Hitler.

* * *

Durante cinco anos, os comunistas de todo o mundo e, em nosso caso particular, os comunistas brasileiros, punham na mesma moldura os retratos de Roosevelt e de Stalin e uniam as duas bandeiras, a russa e a americana, como símbolos da mesma ideologia . . . Ai de quem dissesse mal dos Estados Unidos perto de um comunista! Isso tudo é de ontem; está na memória de todos os que não se deixaram

anestesiá-lo pelo Cominform e enlouquecê-lo pelo Desinform.

Terminada a guerra, os Cagliostros do Comintern passaram a exercer uma ação dúplice. Nos desgraçados países conquistados pelas tropas vermelhas e destituídos da sua soberania, a palavra Nacionalismo foi condenada de modo absoluto. Ser nacionalista na Ucrânia, na Estônia, na Letônia, na Lituânia, na Tcheco-Eslováquia, na Hungria, na Bulgária, na Romênia, é ser considerado inimigo da revolução socialista internacional, inimigo da União Soviética, inimigo de Stalin. Dominados, jugulados, esmagados os povos da Cortina de Ferro e colocados, de início, à frente de seus governos, aqueles traidores de suas Pátrias, que haviam vendido a alma ao sanguinário tirano da Geórgia, começou a propaganda anti-nacionalista. Atrás da propaganda, vieram as punições em massa de homens e mulheres que amavam a sua Pátria e a ela se referiam com fervor. Livros e jornais eram rigorosamente censurados para evitar que se referissem, ainda que remotamente, ao nacionalismo. A campanha anti-nacionalista terminou pelo expurgo nas próprias fileiras do partido comunista e nas próprias esferas dos ocupantes de cargos públicos. Ao assassinato de Jan Massarick, dado como suicídio, seguiram-se as prisões e os fuzilamentos, primeiro de todos os "inocentes úteis", de todos os criptos-comunistas que haviam ajudado o invasor estrangeiro a dominar suas Pátrias

e, finalmente, foram também presos, processados e fuzilados ou remetidos para a Sibéria, famosos chefes comunistas, como Dimitrof (da Bulgária), ou Clemente Gotwald (da Tcheco-Eslováquia), e muitíssimos outros, sob a acusação de serem nacionalistas.



Enquanto o Nacionalismo é considerado crime nos países dominados pela Rússia, êsse mesmíssimo Nacionalismo é estimulado nos países do Ocidente, com o fim de desunir os povos de modo a serem conquistados mais facilmente, um por um, em separado, pelo monstro destruidor de toda a liberdade e de toda a dignidade humana. Lança-se o slogan do Nacionalismo, ao qual se dá toda a força de um jacobinismo feroz, instigando-se cada povo a objetivar a tese fascista de uma auto-suficiência extremada e armada contra os demais povos.

Quem vê e ouve êsses Simões Mágicos do nosso tempo a pregar um nacionalismo agressivo, exclusivista, anticristão, não pode deixar de rir, sabendo da guerra ao nacionalismo que se faz na Alemanha Oriental, na Polônia, nos países Bálticos, na desgraçada Europa de além Danúbio. Só os tolos, os completamente imbecilizados pela propaganda vermelha podem acreditar nesse nacionalismo . . .

Êsses mesmos, (a menos que hajam atingido aquêlê estado mórbido total de indiferença gélida

tão conhecida dos psiquiatras cujos cuidados, nos manicômios, consistem em provocar nos apáticos as reações dinamizadoras dos centros volitivos). êsses mesmos, desde o dia 26 de janeiro, poderão encontrar-se em via de cura, lendo o documento publicado pelo jornal bolchevista "Imprensa Popular", do Rio de Janeiro.

As máscaras abateram-se. O capote do falso Nacionalismo do "petróleo é nosso", do "ninguém para a Coréia" e quejando, foi rasgado, aparecendo os lobos moscovitas na sua trágica expressão de escravizadores de Pátrias a serviço da Rússia Soviética.



É uma carta assinada por Luís Carlos Prestes, Diógenes Arruda, João Amazonas, Maurício Grabóis, Carlos Marighella, Francisco Gomes, Agostinho de Oliveira e José Francisco de Oliveira, na qual se passa uma descompostura em regra no comunista Pedro Mota Lima e mais redatores da fôlha vermelha, pelo fato de haverem omitido em publicação anterior, uma carta dos comunistas franceses ao candidato a "quisling" russo em nosso país.

Os signatários da carta dizem:

"É inadmissível que um jornal da imprensa popular no qual o povo e a classe operária vêm um defensor intransigente de seus direitos e

reivindicações, cometa um êrro de tamanha gravidade, como seja o de mutilar um documento tão importante como a saudação do C. C. do P. C. F., ocultando assim a firme POSIÇÃO INTERNACIONALISTA DO P. C. B., DE LEALDADE À GLORIOSA UNIÃO SOVIÉTICA E AO SEU GRANDE LÍDER, O GENERALÍSSIMO STALIN.”

E mais adiante:

“A POSIÇÃO DO P. C. B. É FIRME, CLARA E INSOFISMÁVEL EM RELAÇÃO À GRANDE PÁTRIA DO SOCIALISMO. É DE FIDELIDADE SEM LIMITES À GLORIOSA UNIÃO SOVIÉTICA.”

E, ainda mais adiante, êste primor de bajulação e rastejamento:

“VEMOS NO CAMARADA STALIN O CHEFE DOS POVOS QUE ORIENTA E DIRIGE EM TODO O MUNDO OS QUE ASPIRAM A PAZ, A FELICIDADE E O PROGRESSO.”

E depois de mais sabujices ao “chefe dos povos”, o documento conclui:

“POR TUDO ISSO, EM TÔDAS AS OPORTUNIDADES, REAFIRMAMOS A NOSSA FIDELIDADE E GRATIDÃO AO GRANDE STALIN.”

* * *

Diante disso, perguntamos: De quem é o petróleo? De quem deve ser? Se Stalin é o chefe dos povos, se a êle se deve obediência, se a uma Nação estrangeira, os comunistas brasileiros devem “uma fidelidade sem limites”, como lá dizem no documento, então que espécie de nacionalismo é êsse que os comunistas e os cripto-comunistas andam pregando?

Estrangeiro por estrangeiro, tanto são os Estados Unidos como a Rússia. Então, como combatem os comunistas aos Estados Unidos e declaram que a sua posição é de FIDELIDADE SEM LIMITES à União Soviética? Que história é essa de dois pesos e duas medidas?

E assim vamos vivendo. E assim vamos permitindo que se inocule no Brasil o *curare* imobilizador. E assim vai o Governo, vão os militares, vão os magistrados, vão os homens honestos e os chefes de família, deixando matar o Brasil.

Por detrás do falso nacionalismo, os dentes aguçados do urso da estepe . . .

II

O NACIONALISMO DOS NACIONALISTAS

Uma das revelações mais interessantes do general Gonzales, apelidado "El Campesino", em seus escritos posteriores à sua fuga da União Soviética, é a que se refere à ação dos socialistas espanhóis durante os dias sangrentos em que Moscou desencadeou a guerra civil na Espanha.

Esse general Gonzales foi um dos mais incandescidos vermelhos do seu país, distinguindo-se nos duros combates empenhados contra as forças tradicionalistas da pátria de Cervantes. Terminada a guerra civil com a vitória de Franco, o general Gonzales retirou-se para a França. Ali, um navio russo foi buscar os comunistas ibéricos, para educá-los no sentido da revolução internacional. Como chefe da expedição apareceu Ehria Eremburgo, o comandante dos escritores de todo o mundo filiados ao credo de Stalin.

Logo que Gonzales chegou à Rússia, matricularam-no numa Escola Militar destinada a formar generais internacionais; mesmo como aluno, gozava as regalias desse posto, com ordenado superior aos generais nacionais. A vida lhe corria à tripa fôrra, em magnífico apartamento, excelentes refeições, lindas jovens do Consomol a refrescar-lhe o sangue mavórtico e até a desempenharem, nos banhos que o

general tomava, o papel de ensaboadoras, ofício nada proletário, mas requintadamente burguês, que elas exerciam em trajes de Luz del Fuego.

Mas um dia, o general foi chamado diante de chefes eminentes do N. K. V. D., a terrível polícia política do Czar Vermelho. Comunicaram-lhe que, daquela data em diante, teria de mudar de nome, pois sendo um oficial superior do Exército Internacional, a sua pátria não era mais a Espanha, e sim a Rússia. Devia, por conseguinte, escolher um dos nomes que lhe propunham: Ivanow, Nicolaief, ou outro qualquer.

Nesse momento, Gonzales — que durante tantos anos fôra enganado pelas arengas dos nacionalistas-socialistas-republicanos-democratas — percebeu a arapuca onde havia caído. A sua viagem à Rússia tivera por fim obter meios de voltar à Espanha para lutar de novo por um comunismo espanhol, em que espanhóis mandassem; e eis que lhe informam que ele não era mais do que um russo, pois todo comunista tem de ser russo, quer queira quer não.

E como Gonzales declarasse terminantemente que não mudaria de nome nem de pátria, foi logo destituído do alto posto de general internacional e mandado a trabalhar subterrâneamente nas obras do Metrô de Moscou. Trocaram-lhe as estrêlas do generalato pela blusa do operário e a espada pela picareta. Também o apartamento luxuoso foi trocado por uma

habitação coletiva e as papa-finas da mesa por duas batatas cozidas.

* * *

Para lutar nascera Gonzales e não para cavar terra fazendo vida de minhoca e, por isso, deu rédeas à língua e foi a língua que o perdeu. Suas murmurações chegaram aos ouvidos da N. K. V. D. e o nosso general foi transferido para um campo de concentração, depois para outro, de tal sorte que ficou conhecendo todos os horrores do trabalho escravo no paraíso vermelho. Fugiu uma primeira vez, porém com tamanha caipora que indo ter ao Irã, ali o apanharam as tropas soviéticas, por ocasião dos acontecimentos de 1945; mas fugiu uma segunda vez e pôs-se ao fresco na Europa Ocidental, começando a dar entrevistas e a ditar artigos sobre o país onde êle julgara existir a liberdade.

Ora, é nas narrativas de Gonzales, El Campesino, que temos notícia do que eram os socialistas espanhóis. Os partidos socialistas em todos os países são o melhor instrumento de que se servem os soviéticos para destruir as resistências nacionais de um povo. Sabe Moscú perfeitamente que o partido comunista, filiado ao Comintern, encontra mais dificuldades em executar a obra demolidora, e isso porque não é de boa tática meterem-se os bolchevistas na vanguarda, antes da hora. O terreno deve ser preparado pelos socialistas. Foi assim em tôdas as

nações que caíram nas garras do Império Soviético e na própria Rússia, em 1918, também foi assim.



Na Espanha, o Partido Socialista tinha à frente João Negrin e Alvarez del Vayo, uma espécie de Domingos Velasco e Francisco Mangabeira. Pertenciam também ao partido o famoso Largo Cabalero e os timoratos Julian Besteros e Indalécio Prieto. Quando a Rússia enviou à Espanha suas tropas, seus técnicos, sua política secreta, logo viu em Negrin o seu homem. Liquidados os anarquistas pelos comunistas em Barcelona, transformados os socialistas em meros títeres de Moscou, todo o poder foi confiado ao tal Negrin.

De fato, não convinha à Rússia colocar logo à frente do governo elementos nitidamente comunistas, a fim de não comprometer a situação política internacional, que facilitava a ação de Stalin na guerra civil. Era preciso ludibriar a Inglaterra e os Estados Unidos, dando à guerra civil espanhola um aspecto de luta contra o fascismo. Foi anzol que todos pegaram, o que não aconteceria se se anunciasse ao mundo que os republicanos espanhóis eram membros ostensivos do Comintern. Os partidos socialistas servem justamente para isso. Filiados ideologicamente a Marx e secretamente colaboracionistas de Stalin, são os indicados para o ataque frontal a todos os valores reais de uma nacionalidade e, mais ainda,

para assumir o govêrno, até mesmo com máscara anticomunista.

João Negrin não se dizia comunista, entretanto (e é o general Gonzales quem o revela agora) foi êle quem encaixotou todo o ouro do Banco da Espanha, remetendo-o para Moscou! Belo patriotismo e belo nacionalismo!

* * *

É assim que são patriotas os tais socialistas . . . Hoje, em vários países, recebem auxílio do Comintern, pelos meios indiretos facultados pelas embaixadas ou legações russas ou de países satélites do Kremlin; amanhã, se por desgraça da Pátria que intimamente renegam, subissem ao poder, encaixotariam o ouro da Nação em que vivem e à qual dizem pertencer, remetendo-o para a pátria de todos os socialistas, que é a União Soviética. São todos assim, desde o falecido traidor Leon Blun, que erguia o punho fechado nas paradas de 14 de julho em Paris até aos Calabares que, na Europa Oriental entregaram suas pátrias de pés e mãos amarradas ao monstro eurásico, matador das Nações livres.

III

O VERDADEIRO NACIONALISMO

Entre tantas outras palavras cujo sentido foi inteiramente deturpado, em nosso tempo, essa palavra “nacionalismo” é certamente a que sofreu a maior deturpação. Os intérpretes do nacionalismo fizeram dêle um espelho de suas próprias paixões, de seus exageros e de suas insuficiências. Não o tomaram na sua realidade humana, como expressão de um culto pelo grupo natural constituído por frações da humanidade tipicamente diferenciadas. Uns o exaltaram a tal ponto que o tornaram um instrumento de opressão interna e de ameaça externa. Confundindo a Nação com o Estado, os teóricos alemães, a partir de Bluntchili, fizeram do nacionalismo um instrumento de absorção das pessoas humanas e dos outros grupos naturais em que as pessoas se agregam com o objetivo da defesa de seus direitos fundamentais; e confundindo a Nação e o Estado com a Raça, ou com uma ideologia de tendência imperialista, muitos pensadores, filósofos, juristas e homens públicos do nosso tempo transformaram o nacionalismo em constante ameaça contra os povos.

Considerando o nacionalismo sob êsses aspectos, surgiram as reações dos que amam a liberdade do Homem e a paz alicerçada em bases jurídicas; mas êsses incorreram no êrro opôsto, o que nos faz lembrar

os primeiros tempos do Cristianismo, quando o combate a uma heresia se tornava, no curso polêmico da controvérsia, outra heresia e, às vêzes maior do que a da doutrina adversária.

O êrro dos que combatem o nacionalismo exagerado, ou transvertido nas formas destruidoras do verdadeiro nacionalismo, consiste em condenar essa palavra, *in limine*, sem estabelecer distinções. E, assim procedendo, êsses inimigos do nacionalismo desarmam os povos constituídos em grupos humanos nacionais, tirando-lhes a única arma com que se podem defender das agressões e da dominação do nacionalismo deturpado. Fazem, dessa maneira, o jôgo do próprio adversário.

Existe ainda outro êrro — e êsse é o das mentalidades ignaras ou mediócras — que está em tomar o nacionalismo como sinônimo de xenofobia, de jacobinismo, de atitude de repulsa às nações estrangeiras. Esquecem-se de que o grupo natural que chamamos Nação constitui um meio pelo qual estabelecemos as relações comerciais, culturais, jurídicas e morais com os outros grupos nacionais em que se acha diferenciada a unidade humana. Esquecem-se de que, se a colaboração entre as Nações já se apresentava como uma realidade entrevista nos séculos XVI e XVII, por Francisco Vitória e por Grotius, muito mais hoje se impõe, primeiro pela internacionalização do comércio, que principiou a desenvolver-se de maneira acelerada, desde os albores do

século XIX; depois pelo instrumental técnico do século XX, que liga os povos pelo avião, pelo rádio, pela televisão, finalmente pelo interconhecimento das condições econômicas, sociais e psicológicas, as quais denunciando a identidade das aspirações, insinua a adoção de fórmulas solucionadoras de problemas comuns.

De tantos erros concluímos que a palavra nacionalismo precisa ser recolocada na sua verdadeira posição e na sua verdadeira significação.



Devemos ser nacionalistas? Sim; é a única resposta que cabe a um cristão, uma vez que sustenta o princípio da intangibilidade da pessoa humana e dos grupos naturais de que se servem as mesmas pessoas para defender seus direitos e cumprir seus deveres tendentes a um fim determinado por Deus. A Nação é um grupo natural, uma realidade histórica e social; nela se conjugam e se exprimem os outros grupos naturais. Acima dela, só a realidade — maior do que tôdas as outras — que é a Religião. Mas, se nesta encontramos os princípios fundamentais da liberdade e da responsabilidade do Homem e a sustentação doutrinária da autonomia dos grupos naturais, a começar pela Família, que é o mais importante, então temos de aceitar a Nação e o nacionalismo, como um meio de defesa e garantia de sobrevivência dos direitos individuais e grupais. Combater o nacio-

nalismo é desarmar os grupos naturais e o próprio Homem dos meios materiais, jurídicos e internacionais de sua permanência e intangibilidade. É, ao mesmo tempo, insurgir-se contra a lei de Deus, que diferenciou a unidade humana em expressões particulares, segundo condições geográficas, climáticas, econômicas, culturais, idiomáticas, históricas e temperamentais, o que fez evidentemente para algum fim, o qual não pode ser outro senão a própria defesa do Homem e dos Grupos Naturais, em consequência do equilíbrio de forças pela qual se impede a escravidão universal dos seres humanos a uma só potência, que poderá ser inimiga de Deus.

Esse nacionalismo cristão deve ser cultuado. Sem ele não nos defenderemos do cruel materialismo que ameaça o mundo. Esse nacionalismo não deve ser nem exagerado nem superficial. Equilibrado e profundo, justo e lúcido, ele refletirá a personalidade de uma Pátria, constituída pelo conjunto das personalidades congregadas no grupo nacional.



LIBERDADE E LICENCIOSIDADE

O que distingue uma Pátria, em ascensão e na plenitude de sua capacidade vital, de uma Pátria em decadência, em dissolução de suas estruturas e potencialidade energética, é sem dúvida nenhuma a obliteração do senso moral, que leva a comunidade nacional a confundir os legítimos direitos e liberdades humanas com os abusos e licenciosidades degradantes.

Observada por êsse aspecto, a sociedade brasileira apresenta, precocemente, os mais graves sintomas de decrepitude. Confunde-se em nosso país a liberdade com a licenciosidade, de maneira alarmante e desastrosa.

Vivemos a afirmar duas mentiras e o fazemos com o maior cinismo ou inconsciência. Essas duas mentiras consistem: 1.º) — em dizermos que lutamos pela manutenção da Democracia; 2.º) — que somos um povo cristão e defensor, por conseguinte, da doutrina do Cristianismo.

A primeira dessas inverdades está à vista de todos os que possuam um pouco de massa encefálica para não se deixar levar pelos embustes de uma politicagem rasteira e de uma demagogia desenfreada.

Se acreditássemos na Democracia, se defendéssemos a Democracia, sinceramente e ardentemente, não permitiríamos que os inimigos dela exercessem livre propaganda de falsidades e de sofismas com que iludem as massas ignaras fazendo-as instrumento de destruição das instituições democráticas. Entretanto, o que vemos é a libérrima atuação dos agentes de uma potência estrangeira, que publicam um jornal diário em cada Estado da Federação, dezenas de semanários, revistas de cultura soviética e de envenenamento popular, panfletos com manifestos redigidos em Moscou, sem que as autoridades do nosso país tomem a mínima providência no sentido de impedir semelhante disparate.

Fecharam o partido russo, como o marido enganado mudou o sofá da sala onde a adúltera mantinha seus colóquios com o galã de fancaria, e os pseudo defensores da Democracia se deram por satisfeitos, convencidos de que tinham acabado com o comunismo no Brasil. Destruido o instrumento político dos assalariados de Stalin, deixaram livremente atuar o instrumento revolucionário, constituído pela mais livre propaganda da pérfida doutrina e essa licenciosidade chegou a tal ponto que a própria política externa do Brasil — traçada de acôrdo com o espírito das insti-

tuções democráticas e com os conseqüentes deveres e obrigações internacionais — é discutida numa revista dirigida e redigida por militares, o que evidencia o descalabro em que vivemos.

Homens notòriamente comunistas ocupam cargos importantes na administração civil da República, lecionam em estabelecimentos de ensino secundário e superior, exercem as funções de jornalistas infiltrando-se na imprensa dita democrática do país, aninham-se dentro das próprias fileiras das fôrças armadas, vestem a toga de magistrados, locupletam-se com favores governamentais e facilidades financeiras para suas emprêsas. Outros, servindo-se da mentalidade eleitoralesca dos nossos partidos irresponsáveis, aboletam-se nas chapas para deputados e vereadores, elegendo-se pela Democracia contra a Democracia. Ainda outros, camuflando a sua côr vermelha, são mandados ao Exterior em missões de confiança, com vencimentos pagos em ouro e larga propaganda jornalística de seus apaniguados das células da imprensa burguesa.

* * *

Tudo isso estamos vendo, consentindo, achando a coisa mais natural dêste mundo e, ao mesmo tempo, dizendo-nos defensores da Democracia. Nem nos faltam duas legações estrangeiras, absurdamente acreditadas junto ao nosso Govêrno, — a da Polônia e a da Tcheco-Eslováquia — as quais, conforme

ficou provado pela apreensão feita pela polícia do material subversivo contido nos caixotes que recebiam, são focos de irradiação e de infecção em nosso país.

E como tudo isso não baste, temos a orientação das atividades conexas da IRO (Organização Internacional de Refugiados) e de altos funcionários brasileiros, facilitando a entrada em nossa Pátria de elementos não apenas suspeitos, mas alguns comprovadamente perigosos, o que tudo se faz com espírito democrático de assassinar a Democracia.

Muito trabalho tiveram os médicos e higienistas para dar combate ao celeberrimo "gambia", que veio do Senegal dentro de aviões transatlânticos, reproduzindo-se aos milhões, no Nordeste e na Amazônia, e dizimando os nossos patrícios aos milhares, com a terrível malária perniciosa. Mas o "gambia" russo entra à vontade no Brasil e é cultivado mesmo neste país transformado em casa de tolerância, no caldo de cultura das falsas liberdades políticas e intelectuais, as quais não passam de licenciosidade degradante.

* * *

A outra mentira corrente em nossos dias é a que afirma sermos um povo cristão e defensor da doutrina do cristianismo. E se quisermos ter uma prova de que não somos nem cristãos nem defensores da lei de Cristo, basta fazermos um passeio pelas nossas livra-

rias. Veremos, então a quantidade de livros imorais que, sob a falsa capa de divulgação científica, inundam o mercado, atendendo a curiosidade de senectudes libidinosas e de puberdades que já tresandam a podridão.

Êsses livros trazem títulos como êstes: "Técnica da Prática Sexual", "Processos Científicos de Evitar Filhos", "Exquesitices Sexuais", "Como Conservar o Vigor Sexual", "Dicionário do Sexo e Amor", "Guia Íntimo de Sexualidade", etc. A matéria contida nesses livros é a mais repugnante pornografia com fumaças de ciência. Ali os impúberes aprendem tudo o que há de mais degradante e os velhos sem pudor se refestelam em indecências e chafurdam em lama fétida. E note-se que apenas citamos alguns dêsses livros, pois centenas são os que circulam nas barbas da polícia de costumes.

É verdadeiramente absurdo que se proíba o farmacêutico de vender cocaína, morfina, ópio, canabis-índica, até mesmo laudano e elixir paregórico, sem receita médica, enquanto se permite que os editôres editem e os livreiros vendam tôda essa pestilencial porcaria com que se envenenam as almas. Onde a ação católica junto às autoridades públicas? Onde a ação dos deputados e senadores eleitos pelos votos da Liga Eleitoral Católica? Onde a reclamação dos pastôres protestantes, que se mostram tão ciosos acusando muitas vêzes a negligência dos católicos? Onde o brado de alarme dos famosos líderes cató-

licos, que vivem a discutir maritanismo e problemas litúrgicos, perdendo-se em elocubrações filosóficas e polemizando entre si, e que nem uma palavra dizem sôbre semelhante descalabro? Onde a palavra dos pais e dos mestres, dos pais principalmente e das mães de família, que deveriam levantar-se numa verdadeira revolução contra tais despautérios? Onde um movimento das congregações religiosas contra o envenenamento em massa do povo brasileiro? Onde o pudor e a vergonha dos governos?

Na verdade, o Brasil está morrendo, está apodrecendo, dia a dia.

E, diante de tal espetáculo de ruína intelectual e de miséria moral, é que erguemos o nosso grito de alarme e de protesto, convidando a todos os que se dizem verdadeiramente cristãos a uma campanha larga e funda, e se for necessário, violenta, no sentido de restaurar o império de Cristo numa Pátria que se entrega ao império das sujeiras inomináveis e das tolerâncias mortais.

PROPAGANDA PARA TOLOS

Os jornais publicaram o resumo de um artigo do "Pravda", de Moscou, verdadeiramente notável como argumentação destinada a débeis mentais. O órgão do governo soviético fazia, nesse artigo, nem mais nem menos, do que uma comparação entre a Constituição dos Estados Unidos e a da Rússia Bolchevista, demonstrando para todos os papalvos que a verdadeira liberdade se goza no paraíso vermelho, nada mais restando no mundo ocidental do que a mais negra tirania.

Entre as alegações do articulista, está a de que nos Estados Unidos não é permitida a propaganda do comunismo, ao passo que na Rússia o comunismo pode ser prègado livremente. . . . Numa só frase, um punhado de sandices (alimento espiritual que o Soviet fornece a todos os primários, retardados e anêmicos cerebrais do mundo). Pois, antes de tudo, se alguma coisa temos a criticar na democracia norteamericana, é justamente o critério excessivamente liberal mediante o qual se permite na pátria de Washington, a difusão de idéias e de doutrinas contrárias à própria democracia, como é o caso do co-

munismo. Sabe-se que nos Estados Unidos existe em plena legalidade o partido estrangeiro de Stalin não havendo a mínima restrição no que concerne à publicação de livros e jornais portadores das idéias nefastas de Marx e Lenine. O americano só toma conhecimento policial ou judicial de atos ou fatos concretos de caráter nitidamente criminoso, os quais são praticados ou suscitados pelos adeptos do Kremlin, no exercício de uma política que se utiliza da violência e que leva os indivíduos, envenenados pelo vírus soviético, a trair a sua própria Pátria. O êrro justamente dos Estados Unidos é conceder demasiada liberdade aos cidadãos, ao ponto de, com tais franquias, abrir caminho à tenebrosa espionagem russa, cujas atividades são tardiamente reprimidas.

Por outro lado, o que se passa na Rússia é absolutamente o contrário. É digno de riso o cinismo do "Pravda", quando assumindo um ar de cândida ingenuidade, diz aos seus leitores que na U. R. S. S. os cidadãos usufruem a maior das liberdades do universo, apresentando como prova o fato de poderem os súditos do Czar Vermelho escrever, publicar, falar, discursar e irradiar todos os louvores, panegíricos, odes, litanias e mais poemas em prosa e verso ensinando, exaltando e propagando a doutrina comunista . . .

Só se esqueceu o "Pravda" de dizer que tais orações, homílias, preleções e outras variadas formas de elogio ao comunismo não constituem um direito,

mas uma obrigação rigorosa imposta pelo Estado Totalitário russo, que impinge aos seus desgraçados vassalos verdadeiras indigestões ideológicas, veiculadas em livros enfadonhos, jornais cretinizantes e microfones que martelam, dia e noite, os surrados slogans aviados nas alfurjas do Presidium.

O jornal dos escravos russos e dos estrangeiros imbecilizados esqueceu-se também de informar ao mundo sobre a liberdade concedida, na República Eurásica e nos países por ela dominados e oprimidos, a outras ideologias políticas que não sejam o comunismo.

Gostaríamos de saber, por exemplo, se existem na Rússia partidos políticos; se se pode ali prègar contra o regime vigente: se podem ser editados em Moscou, ou nas demais cidades do Império Nazi-Soviético, jornais e livros de qualquer natureza, portadores de qualquer doutrina, mesmo quaisquer trabalhos literários não submetidos à aprovação do Bureau de Censura e dos agentes da sangrenta M. V. D., ex-N. K. V. D., ex-Guepeú, ex-Tcheca, numa palavra o órgão técnico da compressão às liberdades humanas.

* * *

Ainda recentemente, alguns poetas comunistas, fervorosos adeptos da doutrina marxista, foram condenados pelo famoso departamento de censura

soviética, pelo simples fato de seus versos denunciarem certo sentimento nacionalista ucraniano, o que está em desacôrdo com o stalinismo o qual não tolera outra Nação a não ser a imperialista U. R. S. S.

A recente depuração do partido comunista na Rússia e seus desgraçados satélites — noticiada por telegramas oriundos mesmo de Moscou — revelam que centenas de milhares de membros foram fusilados ou mandados para a Sibéria pelo simples fato de não serem bastante ortodoxos em relação às diretrizes do novo Gengis-Khan...

E é essa gente que reclama liberdade na casa alheia, realizando congressos de escritores que não passam de outros tantos Calabares a obedecer à palavra de ordem de uma potência estrangeira e a assumir o ridículo papel de vestais da Liberdade, em nome de uma ideologia que outra coisa não objetiva senão a supressão das liberdades humanas.

O que há de mais interessante, porém, no artigo do "Pravda" é a alegação de que nos Estados Unidos (ao contrário do que acontece na Rússia...) todos os cidadãos são identificados, deixando suas impressões digitais numa Repartição do Estado! Na U. R. S. S. não há disso! exclama o incomparável cínico a fingir de ingênuo. Quer assim o Soviet fazer crêr aos pobres russos e aos bisonhos seguidores do Comintern dos demais países que o serviço de identificação representa uma tirania, uma prova de

que as Nações civilizadas, que o adotam, dêle se servem para oprimir os indivíduos.

Não há quem ignore que o Serviço de Identificação constitui, ao contrário do que quer fazer crer o Soviet, uma garantia para cada um dos identificados. Um governo, como o russo, que faz alarde da ciência, que vive falando em política científica, em socialismo científico, em explicação científica dos fenômenos, e que, sob êsse pretexto, combate as religiões, que acusa de atrasadas e retrógradas, êsse governo manifesta a mais supina ignorância de uma das ciências modernas, qual seja a em que se baseia a técnica da identificação das pessoas. Mostra desconhecer a importância das impressões digitais para a descoberta de criminosos, evitando que inocentes paguem pelos culpados, por conseguinte assegurando a liberdade dos bons contra os abusos dos maus. Torna patente a absoluta ignorância soviética sobre as vantagens de, mediante provas de identidade, livrar-se a coletividade e cada indivíduo de falsificações, estelionatos, chantagens e calúnias que seriam facilísimas se não fôra a identificação científica de cada pessoa. O interesse pelo Serviço de Identificação não é do Estado, mas dos próprios cidadãos. Um país, como a Rússia, que confessa, pelas colunas do jornal oficial, o "Pravda", que não tem êsse serviço, demonstra atraso, ignorância, incapacidade de zelar pela segurança de cada um dos cidadãos contra os

crimes que contra êles são cometidos, não só por particulares, mas até mesmo pelos agentes do Estado.

O artigo do "Pravda" traz, porém, uma vantagem: a de nos convencer do obscurantismo, do atraso, da ignorância que reinam no país dos Soviets. Só mesmo os indivíduos de inteligência tacanha podem acreditar que na Rússia haja progresso, ciência e civilização. Pelo menos, se existe ali progresso científico, os eternos mentirosos dão a entender que não. "Assassino desde o princípio e pai da mentira", diz o Evangelho de Satã. O mesmo podemos dizer do demônio vermelho das estepes.

IDÉIA CONTRA IDÉIA

O comunismo não é nem uma questão de polícia nem uma questão de estômago. O êrro da sociedade burguesa está justamente em considerar um fenômeno puramente espiritual segundo os aspectos da sua exteriorização.

Para muitos, a solução da questão social contemporânea baseia-se numa distribuição mais ou menos filantrópica de benefícios aos pobres. Entendem os grandes industriais ou grandes comerciantes que, fundando-se hospitais, restaurantes, grêmios recreativos, assistências médicas e dentárias, efetivar-se-á o verdadeiro combate ao comunismo. E os que, nos parlamentos ou nos comícios, entendem insuficiente a ação do serviço social criado e mantido pelas classes conservadoras, reivindicam para os trabalhadores maiores salários ou novas garantias, com o intuito de contrabater as atividades aliciadoras do comunismo no seio da classe proletária.

Incontestavelmente, tôdas as iniciativas filantrópicas dos serviços sociais da indústria e do comércio merecem nossos aplausos pela melhoria das condições de vida de seus modestos e eficientes colabora-

dores. Do mesmo modo, as reivindicações pleiteadas pelos líderes populares em benefício do operário devem ser olhadas com simpatia por todos aqueles que julgam indispensável sanar os males oriundos do desequilíbrio econômico. Mas tanto aquelas iniciativas como estas atitudes valem e merecem louvores encaradas como expressões da justiça; nunca, entretanto, podem valer alguma coisa como combate ao comunismo.

* * *

Uma idéia só se combate com outra idéia; uma mística com outra mística; uma doutrina com outra doutrina; uma técnica com outra técnica; uma esperança com outra esperança.

Realizar obras sociais ou pleitear reivindicações porque essas obras e essas reivindicações são justas e nobres, isso muito bem. Mas fazer de tais obras e de tais reivindicações instrumento de luta contra o comunismo é uma ingenuidade infantil.

O comunismo tem sido encarado, apenas, pelos que representam a chamada civilização ocidental, como um simples resultado de desequilíbrios econômicos. Essa interpretação é de um evidente primarismo. É de uma superficialidade espantosa. Porque o comunismo — ainda que pareça o contrário aos influenciados pelo socialismo dito científico — não tem, na verdade, raízes econômicas, porque as suas raízes são exclusivamente morais.

O combate ao comunismo tem de ser no terreno educacional. Mas ainda aí persiste o êrro de muitos, quando julgam ser possível educar sem dar ao sistema educativo o fundamento de uma concepção do mundo e da vida. Pois a força do comunismo nos dias de hoje está nas suas afirmações dogmáticas, na sua religiosidade ateísta. E êsse ateísmo militante, essa negação sistemática da existência de Deus e da alma humana, essa rejeição total da crença num destino superterreno do Homem ao qual se deve conformar o ritmo do seu comportamento na vida temporal, essa guerra a tôdas as religiões e a tôdas as idéias generosas, que enaltecem o Ser Humano, como os conceitos da Pátria e da Família e o próprio conceito da liberdade pessoal, tudo isso teve origem na filosofia utilitária que dominou a classe burguesa e impera no mundo dos negócios e na alta sociedade paganizada do nosso tempo.

Ganhar dinheiro e realizar obras materiais tem sido a preocupação única dos estadistas, dos industriais, dos comerciantes, dos homens de negócios, dos altos funcionários, e essa preocupação entrou no seio das famílias tornando impossível tôda e qualquer educação dos filhos para o heroísmo, a santidade e a sabedoria.

O comunismo deduziu dessa atitude geral de homens e mulheres, de cientistas, escritores, artistas, políticos, banqueiros, industriais, comerciantes, agricultores, funcionários, o seu dogma materialista. Se

dores. Do mesmo modo, as reivindicações pleiteadas pelos líderes populares em benefício do operário devem ser olhadas com simpatia por todos aqueles que julgam indispensável sanar os males oriundos do desequilíbrio econômico. Mas tanto aquelas iniciativas como estas atitudes valem e merecem louvores encaradas como expressões da justiça; nunca, entretanto, podem valer alguma coisa como combate ao comunismo.



Uma idéia só se combate com outra idéia; uma mística com outra mística; uma doutrina com outra doutrina; uma técnica com outra técnica; uma esperança com outra esperança.

Realizar obras sociais ou pleitear reivindicações porque essas obras e essas reivindicações são justas e nobres, isso muito bem. Mas fazer de tais obras e de tais reivindicações instrumento de luta contra o comunismo é uma ingenuidade infantil.

O comunismo tem sido encarado, apenas, pelos que representam a chamada civilização ocidental, como um simples resultado de desequilíbrios econômicos. Essa interpretação é de um evidente primarismo. É de uma superficialidade espantosa. Porque o comunismo — ainda que pareça o contrário aos influenciados pelo socialismo dito científico — não tem, na verdade, raízes econômicas, porque as suas raízes são exclusivamente morais.

O combate ao comunismo tem de ser no terreno educacional. Mas ainda aí persiste o êrro de muitos, quando julgam ser possível educar sem dar ao sistema educativo o fundamento de uma concepção do mundo e da vida. Pois a fôrça do comunismo nos dias de hoje está nas suas afirmações dogmáticas, na sua religiosidade ateísta. E êsse ateísmo militante, essa negação sistemática da existência de Deus e da alma humana, essa rejeição total da crença num destino superterreno do Homem ao qual se deve conformar o ritmo do seu comportamento na vida temporal, essa guerra a tôdas as religiões e a tôdas as idéias generosas, que enaltecem o Ser Humano, como os conceitos da Pátria e da Família e o próprio conceito da liberdade pessoal, tudo isso teve origem na filosofia utilitária que dominou a classe burguesa e impera no mundo dos negócios e na alta sociedade paganizada do nosso tempo.

Ganhar dinheiro e realizar obras materiais tem sido a preocupação única dos estadistas, dos industriais, dos comerciantes, dos homens de negócios, dos altos funcionários, e essa preocupação entrou no seio das famílias tornando impossível tôda e qualquer educação dos filhos para o heroísmo, a santidade e a sabedoria.

O comunismo deduziu dessa atitude geral de homens e mulheres, de cientistas, escritores, artistas, políticos, banqueiros, industriais, comerciantes, agricultores, funcionários, o seu dogma materialista. Se

todos procuram os bens dêste mundo, ainda mesmo quando proclamam uma crença religiosa, é porque essa crença não é sincera no fundo dos corações. Se todos se apegam ao dinheiro, se os mesmos pródigos e gastadores não gostam de gastar a mínima parte de seus haveres visando fins outros senão os que interessam a seu egoísmo ou comodidade, o comunismo deduziu, com tôda a lógica, que tudo — economia, estrutura estatal, leis civis, filosofia, arte, moralidade — deve reduzir-se ao rígido esquema do materialismo. Dessa forma, proclamou o ateísmo como base fundamental da sua doutrina e transformou êsse ateísmo em bandeira de uma ardente mística arrebatadora das multidões.

Contra essa poderosíssima fôrça do ideal materialista, o comunismo, o que é que oferecemos? É ridículo responder-se, pois o que se tem oferecido até agora não passa da confirmação, letra a letra, do dogmatismo materialista do socialismo científico. Somos nós, os defensores de uma civilização que se diz espiritualista que confessamos que o único meio de combater o comunismo é realizar obras sociais visando um maior conforto material. Dessa forma, confirmamos a tese marxista quando afirma que a única coisa que interessa ao Homem (o animal-econômico de Marx) são as materialidades usufruíveis da existência atual. E, confirmando a tese marxista, que é que oferecemos como remédio? Simples paliativos, incapazes de concorrer com o remédio

drástico que o comunismo oferece, com muito mais lógica e maior poder de persuasão. Pois o comunismo oferece tudo, enquanto nós oferecemos um pouco... Bem sabemos que o comunismo, sendo antinatural e por conseguinte uma utopia, ainda que ofereça tudo, nada pode dar do que oferece. Mas nós não nos utilizamos de um argumento forte, capaz de criar uma mística, dentro da qual as massas trabalhadoras possam ver em termos de realidade os problemas. Em última análise, as classes conservadoras, até mesmo muitos cristãos bem intencionados, nada mais fazem do que levar água ao moinho de Stalin, julgando que o estão combatendo... E quando surgem idealistas, homens com capacidade e poder de criar a mística indispensável para contrabater o fanatismo marxista, êsses não encontram o mínimo apoio dos responsáveis pela ordem econômica, pela ordem política, pela ordem moral da Nação. E quando encontram, êsse apoio é dado como se se estivesse concedendo um favor aos defensores do que ainda resta de aproveitável na podridão geral da sociedade contemporânea.

Há, entretanto, os que interpretam o fenômeno comunista como um problema a ser resolvido pela polícia ou pelas forças armadas, êsses então revelam, mais do que um primarismo, porque se mostram completamente estúpidos. Ignoram o fato mezinho que consiste em serem os policiais e os militares homens sujeitos à mesma influência da propaganda

marxista. Ignoram também que o comunismo, sendo uma idéia, fortifica-se na repressão que lhe fazem pela violência. A violência é uma confissão da inexistência de argumentos lógicos, da ausência de uma mística mais forte.



Em conclusão, o combate ao comunismo se faz nos domínios do pensamento e do sentimento. E essa batalha há de se ferir vigorosamente com as armas da lógica e com o desfraldar de uma bandeira que fascine as multidões e as arrebate para os grandes ideais.

Ou criamos um ideal, uma mística, que seja a antítese do ateísmo militante do marxismo-leninista, ou capitularemos, de transigência em transigência, vendo as coisas pela superfície e acomodando-nos às situações confusas de uma politicalha insensata e de um utilitarismo golpista e fecundador de imoralidades universais.

Estaremos em tempo de compreender a grande verdade e de utilizarmo-nos dos apóstolos capazes de a disseminar?

Ou ficaremos usando a cafiaspirina das obras sociais e as triagas das demagogias socialistas ou neo-socialistas, quase sempre objetivadoras de fins eleitoreiros?

COMO SE PREPARA UMA CHINA

O Livro Branco publicado pelos Estados Unidos para esclarecer o mundo sôbre a situação chinesa, resume-se no seguinte:

1.º) — O que constitui a base da defesa de uma Nação contra a desordem interna e a ameaça externa, não é sômente o material de guerra de que essa Nação possa dispor, mas sim uma nítida consciência da personalidade nacional, de onde decorre o sentimento de deveres que inspira irreduzível determinação de sobrevivência.

2.º) — A China vem se deteriorando, dia a dia, pelo que lhe resta em extensão, muito pouco daquela consciência, agora circunscrita ao âmbito da reação nacionalista, que ainda exprime a reserva moral de um povo.

3.º) — Por fôrça de tal decomposição, a honra da China, que tão alto e dramaticamente se alevanta no heroísmo de Shiang-Kai-Shek e dos seus seguidores, tornou-se impopular, pois a maioria (que é o êrro, a improbidade e a indignidade) ergue-se

contra uma minoria (que é a verdade, a probidade, a dignidade).

Em lógica do absurdo (que hoje impera num mundo onde a força vale mais do que o direito, o material tem mais valia do que o espiritual), a China-errada deve vencer a China-certa, o Mal deve vencer o Bem, porque a massa de incultos e de desmoralizados é maior do que as elites esclarecidas e dignas. Meia dúzia de perversos a serviço do Anti-Humano manobram multidões bestializadas, tornando insustentável a posição da legítima, da verdadeira maioria, constituída por uma aparente minoria esclarecida e consciente. Essa é a doutrina da atualidade, pela qual o próprio Homem, sendo minoria ante as variadas espécies animais, deveria subordinar-se ao govêrno dos sêres destituídos de razão. Realiza-se dessa forma, a profecia de Pio IX, que tudo pormenorizadamente previu na crítica luminosa que amiudadamente fêz à marcha política dos povos, nos meados do século XIX.

O Livro Branco é claro: a China, embebedada pelo vodca de Ialta, pelas emanções deletérias do pacto sino-soviético, pelos vapôres mortíferos de uma licenciosidade política e moral entorpecente, perdeu as linhas puras e nobres de uma atitude nacional unânime em decisão de sobrevivência. E o Livro Branco informa que o Govêrno Nacionalista perdeu o apoio popular e que os Exércitos Nacionalistas entraram a desagregar-se.

A desagregação das Fôrças Armadas, em tal caso, não espanta a quem for versado nos livros de Lenine. O mestre da técnica revolucionária bolchevista descreve e explica muito bem o que seja a "pressão das massas" sôbre as coletividades militares. Porque é um êrro pensar que o militar está imune da contaminação do mórbus laborante na parte civil de uma Nação. O militar está ligado, por laços de família e de relações sociais, aos paisanos; vive o mesmo ambiente em que se processam os fenômenos econômicos, políticos e morais da comunidade nacional; sofre, por conseguinte, as mesmas influências e, conquanto a sua capacidade de resistir se prolongue mais e se manifeste mais intensamente, ela se abate, por fim, ao pêso da atmosfera em que respira. Tudo isto está previsto por Lenine, donde se conclui que a Defesa Nacional será improfícua sempre que se não criar um clima civil saudável onde ela encontre os elementos indispensáveis ao fortalecimento das suas estruturas.

Quer dizer: na China, a Defesa Nacional foi encarada, pelo Governo Nacionalista do General Shiang-Kai-Shek, do ponto de vista exclusivamente técnico-militar, esquecendo-se êsse Governo de que o Exército, a Marinha, a Aviação, alimentam-se com as fôrças que extraem da alma de um povo. Quando a alma dêsse povo perdeu a seiva, secando como uma árvore doente, ela já não pode produzir as flôres e os frutos, que são a mística das

Fôrças Armadas exprimindo-se no heroísmo dos militares.

Isto pôsto, vejamos como foi possível que a China se enfraquecesse de tal forma. Nada mais fácil. Basta olhar para a nossa própria situação brasileira, para êste nosso Brasil, onde se está preparando uma nova China, sem que nenhuma providência em contrário seja tomada.

* * *

Dizem que o comunismo foi fechado no Brasil. Antes de mais nada, quero que o leitor raciocine comigo da seguinte maneira:

1.º) — Ou o comunismo é um mal, ou é um bem, ou pelo menos alguma coisa que não é nem um mal e nem um bem.

2.º) — Se o comunismo é um bem, ou pelo menos algo que não é nem um mal nem um bem, nenhum motivo prevalece para que êle seja impedido de funcionar como partido político.

3.º) — Se ao contrário, o comunismo é um mal para a Democracia e para a nacionalidade, nesse caso não basta fechar o partido comunista, porém cumpre impedir, a todo o transe, que êle exerça a sua atividade antidemocrática e antinacional sob qualquer forma.

No Brasil, entretanto, fazem-se as coisas pela metade. Concordou-se que o comunismo é um mal. Todavia, fechou-se o partido comunista (que era a aparência tangível do mal) deixando-se que o comunismo, êle mesmo, continuasse a agir livremente.

É o maior dos contra-sensos. Pois se o comunista, como professor, como funcionário, como jornalista, como escritor, como pintor, ou escultor, como político infiltrado nos partidos tolerantes, pode trabalhar abertamente, envenenando a alma do povo, corrompendo a mocidade, minando as instituições, sabotando a produção do país e a defesa nacional, numa palavra, desarmando o Brasil de toda capacidade de resistência ao invasor estrangeiro, então pergunto: por que se fechou o partido comunista?

A nossa imprensa está minada pelos bolchevistas e pelas suas linhas auxiliares. Nas colunas dos nossos jornais manipula-se a política dos títulos, das manchetes a serviço de Moscou. A calúnia contra aquêles que foram postos na lista-negra do Politburo Soviético, tem largo curso impune e desbragado. O endeusamento de indivíduos úteis aos desígnios tenebrosos do Kremlin, corre parelha com o achincalhe a tôdas as personalidades capazes de opor resistência aos conquistadores asiáticos. Os fatos são deturpados, a mentira campeia, a confusão se estabelece com intuitos de vil intriga desorientadora do povo. Os suplementos literários são esquerdistas, de alto abaixo. A crítica fabrica gênios

deletérios em ninhadas sinistras. Alguns jornais se dizem anticomunistas, mas dentro dêles trabalha a célula instruída nos conciliábulos tétricos do Desinform, segundo as prescrições do castelo de Sigulde, na Letônia. As agências telegráficas, também minadas pelo térmita russo, fazem transitar pelo país as mais clamorosas deturpações dos acontecimentos e até mesmo as mais revoltantes inversões dos fatos.

E, como se tudo isso não bastasse, temos ainda, em todos os Estados, jornais oficiosos e oficiais do partido estrangeiro.

Não são, entretanto, apenas os jornais, veículos da propaganda soviética ou da mentira, da intriga, da calúnia, com que se atiram à impopularidade os Governos, — como o Nacionalista da China — e os homens honestos empenhados no servir a Nação. Existem revistas ditas de cultura, onde o marxismo destila a ofídica peçonha. Seus redatores, seus colaboradores, são intelectuais da fauna medíocre dos cogumelos cultivados das estufas do Cominform. Há dias, tomei uma dessas revistas vendida a quatro cruzeiros, e mandei fazer um orçamento em várias tipografias, para saber o preço de custo para cada exemplar, em tiragens de cinco, dez e vinte mil. O preço de custo, em qualquer hipótese, ultrapassava o preço da venda. Pergunto: de onde vem o dinheiro para tais deficits?

Sabemos, por outro lado, que os jornais de caráter político, em nosso país não conseguem equili-

brar a receita e a despesa. Pergunto, portanto: como podem sobreviver tão numerosos jornais comunistas, muitos com oficinas próprias (o que nós, anticomunistas, ainda não conseguimos ter?) Como podem arcar com inevitáveis deficits, êsses jornais da Rússia, que se editam sem anúncios comerciais pagos? De alguma parte vem o estipêndio...

Na China deve ter sido assim. E não pode deixar de ter sido, porque assim é no Brasil!

* * *

Mas vejamos o terreno delicadíssimo do Ensino.

Os órgãos dirigentes da Educação, em quase todo o país encontram-se em mãos comunistas ou cripto-comunistas. Se alguém reclama contra êsse fato, vem logo a réplica: são técnicos...

Então só há técnicos entre os vermelhos, ou esquerdistas, ou materialistas?

É fato de inteiro conhecimento público a existência de numerosos professores de Faculdades Superiores que se confessam abertamente marxistas. Mas falemos, de modo particular dos Liceus, onde os rapazes formam o espírito com que entram para as Escolas de Direito, de Medicina, de Engenharia, e outras. O número de professores comunistas é enorme, nessas casas de ensino secundário. E não se diga que isto ocorre apenas em estabelecimentos particulares, porque de soviéticos estão infiltrados os próprios institutos oficiais, os Ginásios do Estado.

Conheço uma Faculdade de Filosofia onde pontificam bolchevistas largamente conhecidos, um dêles até há pouco deputado do partido de Stalin numa Assembléia Estadual e ainda recentemente em viagem pela União Soviética. São essas Faculdades que suprem de professores os ginásios e escolas normais. Que poderemos esperar dos meninos que, passando por êsses estabelecimentos, ingressam amanhã nas Escolas Superiores? Serão êles passivos elementos do comunismo, promovendo essas agitações deletérias de que o nosso país tem sido testemunha. Quanto ao preparo científico ou literário, é nulo nessa geração que os governos e os pais entregam criminosamente ao zêlo de mestres pérfidos. O nível cultural da juventude decai, ano por ano. E é melhor assim para o bolchevismo; a ignorância pretensiosa facilmente se condiciona à sedução dos Cagliostros de Moscou.

Estamos de braços cruzados. Ninguém tem coragem para enfrentar tamanha desgraça. Foi assim na China, porque também é assim no Brasil.

* * *

Quanto aos partidos políticos, também se acham, ou infiltrados pela quinta coluna russa, ou inteiramente dominados, em certos casos, por ela. Exceituando o P. R. P., nenhuma das nossas agremiações partidárias ficou isenta da terrível contaminação do vírus moscovita.

O corajoso vereador da U. D. N. à Câmara Municipal de Recife, Sr. Waldercock Wanderley, numa representação que fêz à Justiça Eleitoral sobre a vergonhosa trapaca que deu assento naquela Editalidade a doze agentes do invasor estrangeiro, escreve o seguinte:

“...burlando o julgado que cassou o seu registro, e em fraude à lei, fêz acordos com outros partidos políticos legalmente registrados, incluindo, destarte, elementos fiéis à sua ideologia, nas legendas dêsses partidos, cuja resultante é que êle, o Partido Comunista, está em pleno funcionamento no Brasil.”

Em Pernambuco, a legenda foi do P. S. P.; em São Paulo, foram as de todos os partidos, exceto do P. R. P.; no Estado do Rio, foi a do P. L.; no Ceará foi a do P. R..

Os agentes de Moscou, em certos casos, juraram que não eram mais comunistas e, logo que se pilharam eleitos, arrancaram a máscara: mas a Lei Eleitoral não permite que os partidos reivindiquem a legitimidade da sua legenda. Quem elegeu comunista, fique com o comunista, e deixe que êle trabalhe pela Rússia contra o Brasil. A Lei considera o candidato pertencente à legenda enquanto não foi eleito, mas depois de eleito, o critério deixa de ser partidário e o vereador, ou deputado, passa a ser do povo e não da legenda. Belezas brasileiras.

Em outros casos, os partidos democráticos sabiam que os participantes da sua legenda eram comunistas; mas precisavam daqueles votos... Noutras circunstâncias, candidatos a governadores de Estado ou a Prefeituras Municipais, aceitaram o apoio dos comunistas. A que preço? Nunca o Brasil saberá senão no dia em que as supremas desgraças se abaterem sobre nossa Pátria. E quem poderá atirar a primeira pedra? Votos russos, nos mais variados pontos do território nacional, elegeram udenistas, pessedistas, pessepistas e mais que houvesse, tendo até havido um caso notabilíssimo (o de Belo Horizonte) em que figuraram nas mesmas fileiras, comunistas e democratas cristãos, com espalhafatosas injúrias ao P. R. P. que é o bode expiatório dos ódios de Stalin.

Foi assim que a China se desagregou. Não pode deixar de ter sido assim, uma vez que, no Brasil está sendo assim.

* * *

Pensam os ingênuos que isso fica nisso? Temos mais, e do melhor. Todo o mundo sabe, todo o mundo está cansado de saber que nos países da Europa Oriental (Polônia, Tcheco-Eslováquia, Hungria, Bulgária, Romênia) não existem governos nacionais. O que existe ali são governos tipo "quislings", manobrados como bonecos pela Rússia.

Pois bem: o Brasil cortou relações diplomáticas com os Sovietes, mas continua a manter relações diplomáticas com os criados dos mesmíssimos Sovietes. Temos o espião dentro de casa. Temos a máquina direta do Cominform dentro do Brasil, prodigalizando verbas secretas a certos órgãos de imprensa, estipendiando a organização secreta do bolchevismo, fazendo propaganda aberta do nazismo russo.

No Brasil vive-se de ficções, vive-se de palavras, vive-se do que é aparente, ainda que o aparente seja falso. Estão curiosos, os leitores, por saber como a China se desagregou? Olhem para essas belezas do Brasil e não precisam pedir mais informações sobre o que se passou no Celeste Império. O general Shiang-Kai-Shek acreditava que as suas forças militares seriam suficientes para tudo; os Estados Unidos estavam convencidos de que o problema chinês se resolveria com a remessa de tanques, aviões e maquinário de motorização de tropas; e tanto os ianques como os filhos do Celeste Império achavam que não havia mal nenhum em manter-se a mais excelente das relações com o aliado russo e seus países satélites, pois cumpria acreditar nos pactos, nos acordos, nos convênios, nos tratados, nas formas explícitas do direito internacional, na correção legalíssima das Nações Unidas. Acreditava-se nas formas e nas fórmulas. E a China foi-se decompondo. Nem mais nem menos. É olhar o Brasil e ficar

sabendo como as coisas se passam na terra de Confúcio.

* * *

Pensam que fica aí? Não, senhores, temos mais. Sim; temos católicos esquerdistas, temos protestantes liberalíssimos, temos espíritas fraternalíssimos, temos o Bispo de Maura, temos os livres-pensadores, todos muito antifascistas, muito pelo respeito à liberdade de roubar (socialização progressiva das propriedades), de mentir (plena libertinagem da palavra escrita), de matar (agressão dos grupos de choque bolchevistas a quantos entraram para a lista negra do Kremlin). Para êsses, tudo o que é ordem, respeito, hierarquia, autoridade, responsabilidade, não passa de fascismo. Dizem-se antitotalitários, mas o seu antitotalitarismo cheira a enxôfre moscovita a dez léguas, porque exaltando-se contra Salazar e Franco, toleram, aceitam, olham mesmo com indisfarçável simpatia, para os bigodes do monstro da estepe. Êsses são da raça daqueles de quem Jesus Cristo, Nosso Senhor, disse: "Hipócritas, coais uma môsca e engulis um camelo!".

Tais indivíduos, que se agrupam em igrejas albigenses, ou se ingurgitam de orgulhos jansenistas, ou se defumam com píretos puritanos, a isolar-se dos reacionários infames, que somos todos nós, empenhados neste martirizante afã de salvar o que ainda resta de Brasil digno e cristão, êsses indivíduos traba-

lham para estabelecer a balbúrdia nos espíritos, lançando areia nos olhos dos ignaros e dos desprevenidos a fim de que passem, com pés de lã, as patrulhas de Stalin.

A inequívoca atitude do Santo Padre, lançando excomunhão sobre os católicos comunistas, esquerdistas, socialistas, marxistas, não alterou num milímetro a posição dos congregados do Cominform, prontos a organizar, sob o governo vermelho, a resistência às pastorais dos Bispos; nem o pronunciamento de numerosas igrejas cristãs contra os governos satélites do Politburo impressionou sequer os reformados, sempre dispostos a conciliar a Bíblia com o "Capital" de Marx, os escritos de Lutero, com a literatura de Plekanov, Trotzky, Lenine, Riazanov e outros profetas.

E assim como há espíritas que se entusiasmam pelo materialismo marxista, há também positivistas que mostram conhecer Comte às maravilhas, na transação que pretendem fazer do agnosticismo do mestre de Montpellier com o dogmatismo do nazismo russo.

E' a confusão desnorteadora, em que dissolvem as estruturas orgânicas da Nacionalidade. Foi assim, fatalmente, na China de Confúcio, Lao-Tsé, Missões Católicas, Expedições Protestantes, literatura francesa, técnica americana, mosteiros do Tibete com o Dalai-Lama e tôdas as castas de Lamas, e cabarés

e buates de Shangai, onde as "girls" da Califórnia e as gueixas de Yokoama confraternizam com as cocotes européias em babélicas promiscuidades existenciaлистов.

Bizantinamente, os intelectuais religiosos discutem os últimos *slogans* do padre Ducatillon e as últimas posições do filósofo Maritain, ou as homílias do Deão de Canterbury, ou as diatribes contra o Papa emanadas da torre do Relógio ou das seitas batistas e anabatistas que querem dividir cada vez mais este mundo já dividido e subdividido pelo orgulho e estupidez dos sábios.

Não pode deixar de ter sido assim na China, porque assim é no Brasil, onde caminhamos a passos largos e rápidos para a desagregação e a ruína mais completas.

* * *

Tão grande decomposição alastra-se por todos os círculos sociais, mesmo entre pessoas que se dizem inimigas do comunismo. É a onda de materialismo que avassala a burguesia, que domina a granfinagem e que, fazendo triunfar, como consequência, o egoísmo mais feroz em detrimento do bem comum e dos interesses sagrados da Pátria, multiplica o número dos gozadores da vida, os quais, para obter meios com que satisfaçam aos apetites, praticam todos os atos de latrocínios, falcatruas, venalidades.

Assim, cresce o volume das negociatas, dos subornos, das malversações de dinheiro público e das locupletações de bens particulares. Lavra a imoralidade nas repartições públicas, no comércio, na indústria, na imprensa, de modo assustador. Em política, vendem-se as consciências dos chefes em cambalachos e transações, como se vendem as consciências dos cabos eleitorais e dos eleitores ignaros, reduzindo-se tudo a vasta feira de ciganos. As famílias se dissolvem desde as promiscuidades das buates e festins de alto coturno, até às escusas camaradagens dos apartamentos dourados onde desabafam senilidades insensatas e juvenilidades sem ideal, sem nobreza e sem honra. Desaparece o senso de responsabilidade em todos os setores do trabalho, onde se reclamam direitos e se esquecem os deveres. Cai a produção nacional, arruínam-se os que trabalham em holocausto dos ociosos e irresponsáveis. O país empobrece, desorganiza-se, indisciplina-se, e tudo vai por água abaixo num dilúvio de anarquia.

Todos se queixam, mas ninguém quer fazer nada. Todos estão de acôrdo em afirmar o descabro da vida política, da vida econômica, da vida burocrática, da vida social, da vida escolar, da vida familiar. Mas cada qual continua a viver do mesmo jeito, e, quando se trata de homens de partido, a verificação das nossas desgraças não altera a manipu-

lação dos eternos cambalachos e tranquiibérnias em torno de interêsses de facções ou de interêsses pessoais.

No meio de tudo isso, a demagogia barata dos Simãos Mágicos, dos indefectíveis profetas dos tempos amargos, a anunciar panacéias socialistas ou trabalhistas como tisanas galênicas para males que êles dizem curáveis com meia dúzia de prescrições administrativas e outras tantas de experiências sensacionais.

E vai o Brasil, como um barco arrombado, em cujo tombadilho dança uma sociedade inconsciente do naufrágio que se avizinha. O bolchevismo cria e agrava as enfermidades da Nação e tira delas proveito para a sua propaganda tenebrosa.

Foi dêsse modo que a China se decompôs. Não pode ter sido de outra maneira, porque assim está sendo no Brasil e só não o percebem os que não querem ver nem ouvir . . .

Não há dúvida: é dêsse modo que se prepara uma China. E quando dizemos estas coisas, somos extremistas, colam-nos o cartaz de nazi-fascistas; apontam-nos como totalitários, inimigos da Democracia. É ainda Moscou quem nos acusa. É sempre Stalin a querer impedir a palavra verdadeira e sincera.

Foi assim na China e nos países que hoje, na Europa Oriental, gemem sob a bota soviética. Por

isso, enquanto é tempo, grito daqui, aos brasileiros, com tôda a fôrça desta angústia, dêste desesperado amor à nossa Pátria: vinde, enquanto é tempo, ajudai-me a salvar o Brasil!



MUITAS VOZES GRITARÃO: SOCORRO!
E UMA VOZ RESPONDERÁ: É TARDE!

A diferença fundamental entre o mundo capitalista e o mundo que hoje poderemos denominar "soviético" está em que ao passo que o primeiro vive exclusivamente o "dia de hoje", o segundo vive intensamente o "dia de amanhã". Assim, quando o "dia de amanhã" chega e se transforma em "hoje", constitui novidade surpreendente para a mentalidade capitalista, enquanto para a mentalidade soviética não apresenta nenhum mistério a decifrar.

O "amanhã" para o burguês-capitalista é sempre o desconhecido. Para o revolucionário-soviético é o tema já amplamente desenvolvido e analisado em todos os seus pormenores. Porque o capitalismo, visando, somente o lucro e o interesse imediato, vive ao sabor dos acontecimentos, sem perscrutar-lhes a lógica, sem antecipar-se no sentido de desviá-los das conseqüências que o marxista conhece e espera, como um novo elemento a entrar na composição do processo revolucionário da História.

O capitalista-burguês é sempre tomado de assalto pela desgraça. E é nos momentos agudos da crise, a ameaçá-lo de improviso, que êle pretende conjurar o perigo. Nada fêz por evitá-lo nos períodos aparentemente calmos em cujos subterrâneos trabalhava a imaginação e atuava disfarçadamente o poder destruidor do marxista. A catástrofe chegou: o capitalista-burguês estava dormindo sob a ação anesteziante e letargiante dos interêsses imediatos e daquela segurança em que se julgava abroquelado uma vez que nada via em redor com possibilidade de assustá-lo.



Foi grande a admiração do mundo capitalista quando, ao terminar a última guerra, com a proclamação das liberdades aos partidos comunistas em todos os países, êstes apresentaram imponentes massas eleitorais. Como fôra possível aquilo? perguntava o mundo burguês. E, como tudo para o capitalismo se reduz a uma questão de mercadorias, de compra e venda, de poder aquisitivo, de custo de vida, de fatôres exclusivamente econômicos, aquele acontecimento impressionante foi interpretado pelos ricos, pelos possuidores de bens e usufrutuários de padrões de vida mais elevados, como uma rebelião das massas desejosas de uma vida melhor. Pois isso era o que ensinava o marxismo, na sua parte teórica, ensino

êsse que foi aceito geralmente por todos os que desconhecem a parte técnica do revolucionarismo socialista.

A interpretação econômica do fenômeno social dos nossos dias trouxe, como consequência, a solução econômica para um problema profundamente espiritual. Não escaparam dêsse êrro de apreciação histórica nem mesmo as correntes espiritualistas ligadas aos diversos credos religiosos. No próprio catolicismo, surgiu uma facção, a reviver com os chamados maritainistas e grande parte dos frades dominicanos, a heresia liberalista de Laménais, sob a forma da heresia socialista.

O mundo burguês-capitalista não atentava para o fato de o marxismo revolucionário possuir uma teoria e uma prática, uma doutrina e uma técnica. E não tomava conhecimento do aspecto mais interessante do problema e que consiste no seguinte: enquanto a teoria marxista se baseia no novo determinismo, que poderemos chamar dialético, ou seja o encaamento de ações e reações a compor o processo histórico do desenvolvimento capitalista, a técnica revolucionária bolchevista se funda, ainda que contraditariamente, no apêlo às fôrças do Espírito, no sentido de precipitar, pela intervenção consciente do Homem, as fases daquele processo.

Como apareceram tantos comunistas no mundo? perguntava o capitalismo burguês, nas primeiras eleições após a última grande guerra.



Em primeiro lugar, os resultados eleitorais eram mal decifrados. Aquelas massas de votantes não eram propriamente comunistas, porém rebanhos movimentados por líderes, segundo uma técnica habilmente executada. Quer dizer, portanto, que para se agitar as massas, para coordená-las, conduzindo-as ao sabor do comunismo, são necessários líderes. Esses líderes não se recrutam na classe operária, mas nas elevadas, até mesmo entre os burgueses chamados "progressistas". São, em geral, homens das profissões liberais: médicos, advogados, engenheiros, agrônomos, farmacêuticos, dentistas, economistas, professores, oficiais do Exército, estudantes. Sem a existência de alguns milhares desses líderes, entre os quais devemos também incluir os escritores, os jornalistas, os artistas da pintura, da escultura, da música, do teatro, não é possível arrebanhar as massas.

Chega-se, então, à conclusão de que o comunismo, antes de tudo, precisa formar os técnicos, agitadores, movimentadores, fabricantes de opinião pública, mediante processos que devem conhecer. Eles farão, com habilidade exímia, o que quiserem dos partidos políticos, dos governos, dos próprios capitalistas em cuja convivência se insinuam. E muito mais o farão das massas proletárias, utilizando-se

dos argumentos econômicos, manobrando com reivindicações sempre simpáticas.

Como, entretanto, e quando formar essa elite? Ao "como" respondemos: infundindo nos futuros líderes uma grande mística revolucionária. Dominados por essa mística, os líderes vivem num estado psicológico específico, dentro do qual aceitam a contradição entre a teoria marxista e a prática revolucionária. Convencem-se de que, para chegar aos fins visados, todos os meios são bons. Adotam a mentira como instrumento de persuasão; aceitam a disciplina mais férrea, proclamando-se pioneiros da liberdade; sujeitam-se às degradações mais vis, por amor à causa; mudam ostensivamente de opinião, conforme as ordens que recebem; concordam com os crimes mais hediondos, desculpando assassinios, massacres, campos de concentração, torturas na polícia política, extermínio de milhões de criaturas, sob o pretexto de que são percalços e vicissitudes naturais da marcha revolucionária.

Ao "quando", respondemos: naqueles dias calmos em que o burguês dormia tranqüilo; naquelas ocasiões em que o burguês sorriu irônico, a considerar um forjador de fantasmas todo aquele que procurou adverti-lo do perigo; naquelas noites em que alguns mais avisados se reuniram para examinar a situação e, finalmente, adiaram para o mês seguinte a continuação da conversa, procrastinando sucessivamente

quaisquer providências, se algumas ocorressem adequadas a fatos que todos ignoram.



O comunismo no Brasil, por exemplo, vem preparando seus líderes, de longa data. Eu vi êsse monstro destruidor das liberdades humanas germinar, desenvolver-se, crescer perto de mim. Era em 1927, em São Paulo. Até então, como propaganda marxista, só havíamos tido os chamados "maximalistas", após a Grande Guerra de 1918 e alguns artigos doutrinários dos primeiros intelectuais inoculados em nossa Pátria com o terrível veneno. Mas, naquele ano de 1927 e nos seguintes, até 1930, adensava-se o grupo dos partidários de Lenine. Fui, também, "doutrinado" pelos que já se achavam comprometidos com o inimigo estrangeiro e que iam a Gaiba catequizar com as brochuras de Bucarine, de Plekanov, de Kautzky, de Lunatcharsky, de Trotzky, o chefe da Coluna Revolucionária que entrara na Bolívia. Devo a minha imunidade, à minha formação cristã e ao meu ardente amor à soberania e independência da minha Pátria.

Desde aquêle tempo, multiplicavam-se as brochuras, em língua portuguêsã, ou castelhana, ou francesa, conquistando as almas. E isso mesmo que se dava no Brasil, observava-se em todos os países, como verifiquei na viagem que fiz em 1930, visitando

catorze povos. Era principalmente em Paris — cujo prestígio literário sempre se exerceu no mundo — e em Madrid, centro de traduções de todo o pensamento europeu, que mais se percebia a obra de conquista dos espíritos para as hostes do comunismo.

Obra longa, sistemática, demorada, minuciosa, enquanto o capitalismo burguês dormia. Digo dormia, no sentido de nada perceber do que se estava passando. Porque, sob outro aspecto, êle estava acordado. Sim, acordado na disseminação das idéias materialistas, na dissolução dos costumes, na competição desenfreada dos grupos financeiros, na preocupação exclusiva do lucro e dos interesses materiais. O clima de ateísmo, de desprezo pela moral religiosa, de sensualismo grosseiro era criado, em benefício do comunismo, pelo capitalismo-burguês. Mas como as paixões cegam, Deus castigava o mundo capitalista cegando-o, para que não visse a obra formidável de proselitismo realizada pelos marxistas na classe média, nas profissões liberais. Se a experiência da história valesse para os surdos e cegos de entendimento, o mundo ocidental recordaria quem e quais os homens que fizeram as duas grandes revoluções dos tempos modernos, tangendo a seu talante as multidões passivas. A Revolução Francesa foi obra de indivíduos da classe média, das profissões liberais: Camilo Desmoulins, Mirabeau, Robespierre, Saint Just, Marat, Danton, Fouché, eram advogados, jornalistas, ex-padre. A Revolução

Russa teve como líderes Lenine e Trotzky, Zinoviev, Kamenev, Bucarine, advogados, jornalistas, escritores, e o ex-seminarista Stalin. O próprio Karl Marx era homem da pequena burguesia.

O comunismo internacional, tendo conquistado a Rússia pelos processos psicológicos da sua técnica (e até mesmo pela anterior preparação da famosa "intelligentzia" que criara o anarquismo, o nihilismo, o socialismo materialista, o socialismo cristão e, sobretudo, o confusionismo nevrótico de uma plêiade de escritores), tratou logo de desencadear no mundo a propaganda criadora de líderes e de uma mística revolucionária.

Que fêz o mundo capitalista em face do dilúvio ideológico soviético? Para adotarmos a própria terminologia marxista, diremos que as suas superestruturas (filósofos, cientistas, artistas, escritores e poetas) abriram caminho às conclusões materialistas do marxismo, enquanto as infraestruturas econômicas desencadeavam a luta na concorrência dos mercados, criando internamente condições sociais propícias às manobras comunistas e fazendo eclodir externamente as guerras imperialistas em que se dirimem, segundo as observações de Marx, as crises das competições dos grupos financeiros chegada ao seu estado agudo.

Tenho, diante de mim, enquanto escrevo estas linhas, uma verdadeira montanha de livros oriundos de Moscou, de Praga, de Varsóvia, de Viena, de

Bucarest, de Budapest, de Paris, de Roma, Berlim, México, Montevideu. Em tôdas as línguas. Para nós, em português e espanhol. E revistas. Eis os títulos de algumas:

“Cultura Soviética” — do Instituto de Intercâmbio Cultural Mexicano-russo;

“Mundo Estudantil” — organo de la Union Internacional de Estudiantes, Praga (Tcheco-Eslôvquia);

“Povos da China” — publicada em Pequim (China);

“E’tudes sovietiques” — Paris (França);

“A Polônia de hoje” — Varsóvia (Polônia);

“Démocratie nouvelle” — direção de Duclos — Paris;

“U. R. S. S.” — revista editada pela legação da Rússia em Montevideu;

“La mujer sovietica” — publicação mensal em russo, espanhol, chinês, inglês, francês e alemão — Moscou, Rússia.

“He aqui a U. I. E.” — da União Internacional de Estudantes — Praga;

“Chine nouvelle” — Pequim, China;

“Revue de la cooperation Polonaise” — Varsóvia (Polônia);

“Problemas” — revista comunista brasileira de cultura;

“Fundamentos” — revista comunista brasileira.

“Cahier du communisme” — Paris;

“Rinascita” — Roma;

“Tiempo Nuevo” — (em russo, espanhol, português, inglês, francês, alemão, polaco, tcheco e sueco) — Moscou;

“China reconstruída” — Peiping;

“Boletim Húngaro” — Budapest;

“Literatura chinesa” — Pequim;

“Illustrierte Rundschau” — Berlim;

“China Pictorial” — Pequim;

“A mulher tchecoslovaca” — Praga;

“Literatura soviética” — Moscou;

“Glückliche Kinder” — Berlim;

“Welt” — Berlim;

“Notícias” — Budapest;

“Vie Nuove” — Roma;

“China Popular” — Santiago do Chile;

“A Semana Soviética” — Moscou;

“La Roumanie Neuvelle” — Bucarest;

“Realismo” — Roma;

“Unidad-Solidariedad” — Viena;

“Revue syndicale polonaise” — Varsóvia;

“Nuestro tiempo” — Santiago do Chile;

“Unité” — Paris;

“Alianza” — Buenos Aires.

As edições de Moscou, em língua estrangeira, inundam todos os países de obras variadíssimas da literatura soviética. Não precisamos falar das edições lançadas por livrarias de cada um dos países que a Rússia pretende escravizar. Haja vista as edições das obras de Lenine e de Stalin, publicadas em nosso país por várias casas que só trabalham nesse gênero de livros, e ainda os que entram no Brasil provindos do México e outros países sul-americanos.

Atente-se, ainda, para os jornais comunistas numerosíssimos nas línguas de todos os povos. Só aqui, no Brasil, temos 22 diários e mais de trinta semanários.

Ponha-se a atenção nas linhas auxiliares. Mais de trezentos jornalistas da imprensa burguesa são fichados na polícia como comunistas. Note-se o que se passa no mundo literário: os comunistas dominam a crítica e fazem cartaz exclusivamente dos que transigem com o credo vermelho. Até jornais católicos, como o “Diário”, de Belo Horizonte, “A Ordem”, desta Capital, “O Legionário”, de São Paulo, levam água ao moinho de Malenkov, ocupando-se em inju-

riar e agredir pessoas que se entregam à luta contra o comunismo.

Veja-se o cinema. Ainda recentemente, um jornal exibiu larga propaganda comunista: um baile no Kremlin, onde se vêem risos forçados e uma alegria artificial sob os olhos da terrível M. V. D. (polícia política).

Observe-se a inundação de literatura sobre assuntos sexuais. São montanhas de imundície, sob o manto de divulgação científica algumas, e outras abertamente pornográficas.

A obra é longa, minuciosa, tenaz, preparando a catástrofe. E os que lutam contra a catadupa das desgraças que já vem rolando perto, são tidos como fantasistas, como exploradores da indústria anti-comunista, como simples políticos a tirar partido de uma ficção para ganharem a confiança e os votos das classes conservadoras. Ou então são acusados de fascistas, de totalitários, justamente porque se batem pelas liberdades humanas ameaçadas pelo totalitarismo vermelho. Ou, o que é pior, são tidos como importunos, a tomar o tempo de quem precisa ganhar dinheiro. Ou, ainda: loucos fanáticos.

Assim caminhamos para a desgraça total. Um dia, não faltarão vozes a gritar: "socorro!". E não faltará uma voz a responder-lhes: "É tarde!"

O FASCINANTE POEMA DE ULISSES

(Dedicado aos loucos sublimes)

Para os que assistem de longe a batalha daqueles que se propuseram sustentar de pé, contra todos os agentes destruidores, o edifício da Nacionalidade, é difícil, ou quase impossível compreender as angústias de tôdas as horas, que consomem os nervos e apertam o coração dos combatentes de ânimo firme e inflexível desígnio.

A consciência profunda das realidades aparentes e daquelas outras que, por serem ocultas, mais se fazem sentir nos efeitos visíveis dos aspectos sociais, coordenou em cada um dos lutadores as forças anímicas que se compõem no lineamento de uma atividade constante cujo exercício premune o espírito, isentando-o das enfermidades do desânimo, da desilusão e do ceticismo. E êsse é, por certo, o segredo da resistência, a chave do enigma, para tantos indecifrável, do homem que, apesar de todos os motivos de descrença e de revolta, consegue sustentar-se ereto na sua irredutível determinação.

Tudo, no quadro geral de um país que veio perdendo, dia a dia, a noção dos seus destinos superiores e da sua dignidade histórica, e no ambiente universal de predomínio de um grosseiro materialismo que pretende ser o contraste de um outro materialismo o qual, pelo menos, desfralda uma bandeira idealista, tudo convida à demissão, à renúncia, ao abandono mais completo.

O lutador, empenhado em salvar um povo que não se quer salvar, sente, mil vezes, a tentação de recolher-se à delícia do ostracismo, atravessando o rio Lethes, o rio do Esquecimento, e mergulhando naquelas zonas crepusculares onde os prazeres lícitos e honestos anestesiavam as faculdades do pensar e do sentir, do compreender e do temer, amortecendo a vontade e as energias criadoras.



Nessas horas de tédio e de amarguras, configuram-se no pensamento do homem engajado na batalha por um Ideal Superior, as doces tranqüilidades dos Jardins de Epicuro, onde tôda a dor é proscrita, ou a nobre serenidade dos Jardins de Académus, onde pairam as idéias e as controvérsias, como aves a contemplar, muito do alto, as misérias da terra. Doçuras amáveis de Tusculum, à cuja sombra do arvoredor, Plínio-o-Moço escrevia as suas cartas literárias e o Panegírico de Trajano; amenidades das Bucólicas

de Virgílio, sob a proteção de Otávio, que era o Dinheiro; paz amável das bibliotecas monásticas, de cujo silêncio podem sair as páginas clássicas de Frei Luís de Souza; docuras de imperturbáveis academismos, onde a prosa de Anatole se desenrola em planícies de mínima altitude, como um tapête de cores esbatidas. . . . Tentação da vida de gabinete, da vida alheia à vida, da vida harmoniosa da ilha da Perfeição, onde Calipso tenta prender o destino tumultuoso de Ulisses. . . .

* * *

Mas, à semelhança do herói de Itaca, a desprender-se dos argumentos da deusa dos Parques Perfeitos, quando o incita a viver para sempre entre as aléias, de cujas árvores não caía uma única fôlha, e junto às fontes que não conheciam a mácula dos enxurros, deslizando perpétuamente cristalinas, e a ouvir o canto daqueles pássaros desconhecedores da morte, também os lutadores penetrados pela razões das grandes causas jamais se demitem da emprêsa a que se abalançaram.

Como Ulisses, trazem no fundo do coração a lembrança de Penélope, a espôsa fiel que está sempre a esperar naquele Reino das Contingências Humanas, onde as árvores envelhecem, as fontes se turvam e os pássaros sofrem os rigores da invernia. E, assim como Ulisses foge da Ilha da Perfeição, também o

homem que se dispôs a lutar no sentido do "humano" e, particularmente, no sentido da Pátria, rejeita a vida calma, o tédio das aposentadorias, o "ócio com dignidade" dos romanos, onde o espírito ardente e lutador não encontra senão indignidade.

Voltar a Itaca, é o pensamento secreto de Ulisses. Volver à realidade dura da vida nacional, é o pensamento secreto do Lutador, quando a tentação o instiga a abdicar o cetro da sua grandeza, que é o sonho expressivo do seu altruismo e do seu amor à Pátria.

O desânimo nunca chega a ser um colapso das energias criadoras; é apenas um instante de vertigem, em que, à maneira de Anteu (o gigante que refazia suas fôrças ao tocar a terra, na plenitude dos combates) o lutador da Nobre Causa rápido se recompõe para, mais lesto e firme, arremeter contra as potências do Mal.

E assim, como depois de tantas aventuras e desventuras, Ulisses consegue regressar a Itaca e encontrar Penélope, a espôsa, e Telêmaco, o filho, também os que batalham pela Pátria haverão de encontrá-la, como encontrarão a alma da Pátria (a fiel Penélope) e a flor do seu futuro, na continuidade do tempo, isto é, as novas gerações, que são o Telêmaco de todos os Ulisses...

Não faltaram conselhos à rainha de Itaca para que se esquecesse do espôso, em cuja possibilidade de regresso ninguém, de bom senso, queria acreditar. Só ela acreditava. E êle regressou. Não faltarão, também, graves anciões, que se dizem sabedores das realidades políticas, a dizer aos ouvidos da alma da Pátria, que já lhe não é lícito esperar por um Ideal que tudo indica haver sossobrado nas encapeladas ondas de um Mediterrâneo histórico, entre as fúrias dos Ciclopes do materialismo, as artimanhas de Circe, que é tôda a demagogia corrente em nossos dias, e o mistério do país dos mortos, onde tudo é frialdade e indiferença...

Mas assim como uma tempestade atira Ulisses à praia de Feacios, encontrando o acolhimento de Náusicas e Alcino, que o reconduzem a Itaca, disfarçado em mendigo, também a furiosa tormenta, que já se forma nos horizontes da nossa Pátria, há de levar os que lutam por ela à praia dos acontecimentos inevitáveis da História.

Disfarçado em mendigo, ou seja, em peregrino implorativo, Ulisses encontra vários pretendentes à mão de Penélope. Êles disputam, com ambição mesquinha do Poder, a rainha por todos tida como viúva. Mas Ulisses dá-se a conhecer, a Telêmaco, e há nisto um símbolo impressionante a assinalar a vida dos heróis: êles se revelam sòmente à juventude.

Sim; os heróis revelam-se à Mocidade, porque os velhos perderam inteiramente a memória e embotaram (à fôrça de raciocinar e de agir segundo as regras frias da razão) as poderosas antenas intuitivas. Os velhos perderam a capacidade divinatória, o dom das percepções íntimas e profundas e só aquêles que, como o centenário Simeão do Evangelho, conservaram a juventude do espírito, são capazes de reconhecer o que os seus contemporâneos não vislumbram.

Os pretendentes à mão da Rainha de Itaca são todos interesseiros; não os move nenhum amor, mas apenas a ambição do mando e os proventos que derivam do govêrno. Mas Telêmaco, desde o instante em que reconheceu Ulisses, de quem deveria ser continuador, é quem revela a Penélope a identidade do herói.

Por êsse motivo, todos os que lutam, entre incompreensões e injustiças, entre indiferenças e desprezos, amargando o desdém com que são olhados por uns e sofrendo o ódio com que são visados por outros, sabem que Telêmaco, ou a Juventude, está viva e já os identificou e será ela quem os revelará, na hora extrema, aos ouvidos da Pátria que os espera.

Esta certeza revigora a fibra dos batalhadores por um ideal de grandeza humana e de salvação nacional. E, então, tôdas as mesquinhezas dos seus

coevos lhes parecem mais mesquinhas, não constituindo, por isso mesmo, impedimento aos seus objetivos.

* * *

É verdadeiramente comovedor esse fato que presenciemos todos os dias de homens paupérrimos, sem eira nem beira, darem as horas do seu justo descanso a um trabalho do qual, longe de auferir proventos, sofrem onus e duros sacrifícios. Homens pobres que pagam para trabalhar em favor de uma ordem que materialmente lhes não aproveita, enquanto os ricos se entregam a suas exigências confortáveis, muitas vezes negando às necessidades mais prementes do serviço patriótico desenvolvido pelos que tudo sacrificam a bem da Nacionalidade, a mínima contribuição.

No meio dêsse espetáculo em que Voltaire encontraria centenas de Pangloss, argumentando leibnitzcamente e vivendo segundo as normas de Epicuro, agitam-se os pretendentes a Penélope, os ambiciosos do Poder, os sedentos de posições dinheiras e cargos honoríficos, os charlatães à Cagliostro, os demagogos cheirosos a jacobinagens, os êmulos de Catilina, a fauna prodigiosa dos pescadores de águas turvas.

Mas, apesar de tudo, aumenta, cresce na hora presente, a legião dos idealistas, dos heróis, dos que se sacrificam, dos que se martirizam, dos que não

conhecem descanso nesta luta tremenda pela salvação da nossa Pátria.

O gêlo da indiferença de muitos não lhes arrefece o ardor do entusiasmo; a incompreensão de outros, não os desanima no afã, cada vez mais vibrante, de bem servir a Nação; o desprezo que tantos lhe votam é tomado com o mesmo íntimo sorriso com que Ulisses, disfarçado em mendigo às portas dos moradores de Itaca, considerava a incapacidade de interpretação dos seus motejadores; as injustiças de muitíssimos ainda, revestindo-se da forma das calúnias, das injúrias, dos sofismas de uma crítica malévola e pérfida, são recebidas pelos batalhadores com a corajosa tranqüilidade dos que marcham por aquela selva escura de que fala Dante, na qual se encontram espinhos, precipícios e feras, que é forçoso superar.

Por isso, a luminosa minoria que empunhou a bandeira do espiritualismo mais puro e sincero, prossegue aguardando o momento trágico de um futuro, cujas ameaças a mediocridade geral dos responsáveis não tem sabido conjurar.

E a Pátria há de reconhecer os que a amam, como Penélope reconheceu Ulisses, levado à sua presença por Telêmaco, a juventude radiosa que não faltará ao seu magnífico destino.